UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

RAFAEL ANTONIO BATINI

O CONTISTA MÁRIO DE ANDRADE
E
SEUS PSEUDÔNIMOS NO *DIÁRIO NACIONAL*:
EDIÇÃO DOS TEXTOS

São Paulo

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

O CONTISTA MÁRIO DE ANDRADE
E
SEUS PSEUDÔNIMOS NO *DIÁRIO NACIONAL*:
EDIÇÃO DOS TEXTOS

RAFAEL ANTONIO BATINI
Bolsista CAPES

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Literatura Brasileira
do Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Therezinha A. Porto Ancona Lopez

São Paulo
2011

SUMÁRIO

Resumo	1
Abstract	2
Dedicatória	3
Agradecimentos	4
Preâmbulo	6
I. Mário de Andrade no <i>Diário Nacional</i>	7
II. A autoria disfarçada	23
III. Análise da escritura e edição dos contos de Mário de Andrade como Luís Antônio Marques e Luís Pinho	37
Consideração final	118
Bibliografia	119

RESUMO

A dissertação dedica-se ao estudo do manuscrito e à edição dos contos “O relógio”, “O golpe de ar”, “O Bamba”, “O fugitivo”, “A viúva por demais fiel” e “Serenidade”, publicados por Mário de Andrade, com os pseudônimos Luís Antônio Marques e Luís Pinho, no periódico paulistano *Diário Nacional*, em 1930. Os contos são inéditos e fazem parte do manuscrito *Contos curtos*, no arquivo do escritor. A pesquisa analisa e edita os documentos à luz da arquivística, da codicologia e da crítica genética. A abordagem do manuscrito considera a criação de Mário de Andrade como ficcionista.

Palavras-chave: Mário de Andrade contista, Mário de Andrade jornalista, manuscritos, pseudônimos, crítica genética

ABSTRACT

The dissertation is dedicated to the study of the manuscript and the edition of the tales “O relógio”, “O golpe de ar”, “O Bamba”, “O fugitivo”, “A viúva por demais fiel” and “Serenidade”, published by Mário de Andrade, with the pseudonyms of Luís Antônio Marques and Luís Pinho, in the Paulistan journal *Diário Nacional*, in 1930. The stories are original and belong to the manuscript *Contos curtos*, in the writer’s archive. The research analyzes and edits the documents in the light of Archivistic, Codicology and Genetic Criticism. The approach to the manuscript takes into account the creation of Mário de Andrade as fiction writer.

Keywords: Mário de Andrade storyteller, Mário de Andrade journalist, manuscripts, pseudonyms, Genetic Criticism

Aos amigos Yuri e GTO, que
acompanharam meus três anos de
estudos, e a Mário de Andrade,
inesgotável fonte de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa para a realização da pesquisa.

À Prof.^a Telê Ancona Lopez, orientadora que faz de um estudante um pesquisador.

Ao Leandro Raniero Fernandes, pesquisador da Equipe Mário de Andrade, na compreensão dos manuscritos de MA.

À Carol Maziviero, namorada que sempre me estimulou e me acompanhou.

Ao Prof.^o Marcos Antonio Moraes, professor que serve de exemplo.

Aos meus pais e irmã, que apoiam minhas decisões.

A todos os colegas da Equipe Mário de Andrade, pelas boas conversas e trocas de ideias: Aline Novais, Ângela Grillo, Fernando Alvim, Flávio Rodrigo Penteado, Lilian Escorel, Maria Silvia Ianni Barsalini, Marina Damasceno de Sá, Paulo José da Cunha e Tatiana Longo Figueiredo.

Ao Serviço de Arquivo, ao Serviço de Biblioteca e Documentação, ao Serviço de Laboratório de Informática e à Seção de Processamento de Imagem e Reprografia do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

[um dia vai ser]
pelos caminhos que ando
um dia vai ser
só não sei quando

Paulo Leminski

PREÂMBULO

Contemplada com uma bolsa CAPES, esta minha pesquisa no âmbito do mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), foi desenvolvida no Projeto Temático FAPESP, vinculado ao Instituto de Estudos Brasileiros e à referida Faculdade, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, que tem como coordenadora a Prof.^a Dra. Telê Ancona Lopez, e como pesquisadores principais associados, os Profs. Drs. Flávia Camargo Toni e Marcos Antonio de Moraes.

Minha dissertação buscou resgatar o contista Mário de Andrade no momento em que ele, valendo-se de dois pseudônimos, publica seis narrativas no *Diário Nacional* e, quando, ao rejeitar esse recurso, as reescreve e as organiza para um livro, sem, contudo mantê-las juntas. No intento de compreender o movimento da escritura desse contista, a pesquisa focalizou a participação do escritor no jornal paulistano, deteve-se nos manuscritos, apresentando-os à luz da arquivística, da codicologia e da crítica genética, e estabeleceu os textos para difusão.

I. MÁRIO DE ANDRADE NO *DIÁRIO NACIONAL*

Um jornal moderno

É importante contextualizar o *Diário Nacional* na época em ele que surge, para melhor compreensão dos motivos pelos quais o Partido Democrático toma a iniciativa de constituir na cidade de São Paulo, um jornal porta-voz. Por isso, antes de tratar da participação de Mário de Andrade no periódico, é importante dizer que o *Diário Nacional* nasce em um momento histórico agitado, política e socialmente, no estado, no país e na Pauliceia, pois o início do século XX compreende transformações econômicas significativas, geradoras de entusiasmos e de inquietações. As mudanças de mentalidade acometem os diferentes segmentos, incluída a imprensa, à medida que, segundo Nelson Werneck Sodré, o setor vinha adquirindo novas feições, consolidadas no início de século passado. Sodré, em sua *História da imprensa no Brasil*, entende que, nesse momento, desenvolve-se um novo modelo de empreendimento jornalístico: a imprensa-empresa. Esta, ainda mal estruturada, reflete a posição de destaque da pequena burguesia urbana ascendente, em São Paulo.

Nessas circunstâncias, o 1º de junho de 1927 torna-se o dia em que o Partido Democrático lança seu manifesto, fundando a Sociedade Anônima Diário Nacional, com as assinaturas de José Adriano Marrey Júnior, Amadeu Amaral, Vicente Rao, Joaquim Sampaio Vidal, este o principal acionista da empresa, Antônio Carlos Couto de Barros, Paulo Nogueira Filho e Paulo Duarte. O Partido Democrático, aos 27 de setembro de 1927, torna-se nacional, na esperança de combater os mecanismos oligárquicos do governo federal, cego para propostas políticas adequadas às novas perspectivas econômicas e sociais, que se apresentavam ao país. Desse modo, ao procurar construir uma convergência de forças na imprensa de oposição, o Partido Democrático funda seu canal de comunicação com o público, futuro eleitor.

Em 14 de julho de 1927, quinta-feira, o primeiro número do *Diário Nacional*, matutino de ideologia liberal e progressista, chega, enfim, às ruas. Primeiramente, tem como diretores os conceituados jornalistas J. A. Marrey Júnior e Paulo Nogueira Filho, comprometidos com o ideário democrático e amigos dos modernistas. Depois, Amadeu

Amaral assume o cargo de redator chefe, deixando-o, no mesmo ano de 1927, para Sérgio Milliet, sucedido por Paulo Duarte, em 1931.

A primeira página do número inaugural estampa a charge decalcada na célebre tela de Delacroix, *A Liberdade guiando o povo*. No desenho de Cappelli, a Democracia, figura feminina resoluta, avança em direção ao leitor, seguida pelo povo. A manchete do jornal proclama: “A DEMOCRACIA EM MARCHA”. A figura simboliza a ideologia postulada pelo Partido Democrático, firmando, explicitamente, a postura crítica do jornal.

A mentalidade progressista do *Diário Nacional* reflete-se na forma de tratamento dispensado aos modernistas, que publicam sem censura textos fora da ortografia oficial. Sérgio Milliet, quando redator chefe do periódico, apoia a inovação. O diário respeita a ortografia, a sintaxe e os neologismos de Mário de Andrade, sabendo de seu postulado de “língua nacional”, dentro de um projeto moderno que é estético, linguístico e ideológico. Deste modo, conserva, em seus textos, a ausência da duplicação de letras, bem como do “th” e do “ph” com som de “f”.

Em razão do ideal democrático, o jornal, ao longo dos poucos anos de sua existência, torna-se alvo da censura do governo do PRP, exercida de modo violento. Nas suas páginas, há notas intituladas “A polícia e o *Diário Nacional*”, que denunciam com veemência as investidas policiais, contracenando com outras que divulgam as

manifestações de solidariedade recebidas. Entre estas, há uma nota sobre o artigo de repúdio à invasão do diário pela polícia, em 28 de março de 1930, publicado em *Estado de S. Paulo*, no dia seguinte. O Partido Democrático empenha-se na luta pela democracia, condenando a política despótica e repressora do governo federal.

Examinando a coleção do periódico, quase completa, que pertenceu a Mário de Andrade, hoje no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, pode-se compreender a postura combativa do *Diário Nacional*, tanto na implantação da Nova República, em 1930, como na contestação da mesma, na Revolução Constitucionalista de 1932. O jornal dura pouco mais de cinco anos; é fechado após a derrota da revolução dos paulistas, em 28 de setembro. No dia 30, o derradeiro número, em folha única, patenteia, na primeira página, a rendição paulista, por meio do manifesto de Bertoldo Klinger, datado de 29 de setembro, dirigido “AO POVO”. A rendição propõe “à Ditadura a imediata suspensão das hostilidades”, no interesse de poupar vidas. O *Diário Nacional*, na curta vida que teve, proporcionou, aos seus leitores, cobertura atualizada dos fatos nacionais e internacionais; mostrou-se informativo em relação à literatura, às artes plásticas, ao teatro e à música; publicou crônicas e críticas assinadas por intelectuais de relevo como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Lasar Segall, Prudente de Moraes, neto, entre outros.

A primeira fase do *Diário Nacional*, em relação à política nacional, nos anos de 1927, 1928 e 1929, firma a oposição ao governo por meio dos editoriais, que argumentam em favor da liberdade política, considerando-se porta-voz do povo paulista e do brasileiro, ambos em busca de justiça. No editorial, do dia 15 de julho de 1927, pode-se destacar:

“Tudo nos leva a pensar que a democracia é a forma arquétipo em relação à qual todas as outras serão desvios ou acidentes transitórios, fadados a volver mais cedo ou mais tarde à corrente central ou a anular-se pelos transbordamentos inevitáveis dessa. Tudo nos leva a pensar que somente a democracia pode achar em seu próprio organismo e na íntima colaboração do ambiente as formas capazes de lhe irem regenerando as partes caducas e de lhe facilitarem o processo espontâneo de adaptação das várias condições dos tempos.”

Os temas abordados nos editoriais são bem variados. Um deles, bastante enfatizado, trata do repúdio à formação de partidos ufanistas e de suas respectivas feições políticas: o fascismo, o nazismo e o comunismo. Existe interesse em conhecer as ideias do comunismo, sem, contudo, abrir mão de expectativas democráticas. No debate que se intensifica no seio da intelectualidade, diante de manifestações públicas e do crescimento do Partido Comunista, o jornal, se não adere, não condena diretamente.

Outra preocupação constante do *Diário Nacional* prende-se à economia cafeeira. A ênfase na política partidária toma a maioria das seis páginas do periódico, até a grande crise financeira de 1929. Depois disso, ganham espaço matérias relativas às dificuldades que atravessam o Brasil cafeeiro e o mundo industrializado. Para manter os leitores sempre informados dos acontecimentos, nacionais e internacionais, o *Diário Nacional* cria a coluna econômica voltada para a bolsa do café, com a tabela dos índices de variação do preço do produto, e a análise de mercado interno e de exportação.

É possível acompanhar a história eleitoral nas páginas do diário: depois da fraude nas eleições, causando a derrota de Vargas no pleito presidencial de 1º de março de 1930, e após a vitória da Revolução, em outubro do mesmo ano, a tensão cresce gradativamente em todo o país. Antes mesmo da posse do presidente eleito, em 1931, o governo de Washington Luís intensifica a perseguição àqueles cujas atividades eram consideradas suspeitas. Os jornais sofrem censura férrea.

O assassinato de João Pessoa, candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas, em Recife, a 26 de julho de 1930, e os boatos da adesão ao comunismo, por Júlio Prestes, representam as gotas derradeiras para a tomada militar do poder. Deste modo, é praticamente impossível evitar a Revolução de 1930, uma vez que Vargas conta com o apoio da Aliança Liberal e do Partido Democrático. Esse cenário tem cobertura completa do *Diário Nacional*; as ações revolucionárias, visando conduzir Getúlio ao poder, têm início.

Ocorre a deposição do presidente Júlio Prestes e a posse de Getúlio. A comemoração é geral, mas a euforia dura apenas até 1932. Em São Paulo, todos imaginam a democracia concretizada na Constituinte prometida. Esperam providências imediatas do novo presidente, que não se objetivam. A imprensa liberal enceta, portanto, a reviravolta política e rompe com Vargas. O Estado de São Paulo prepara-se para o enfrentamento bélico, e a Revolução Constitucionalista eclode em 9 de julho de

1932. O *Diário Nacional* acompanha atentamente as batalhas campais entre a fraca tropa paulista e as tropas federais fortemente equipadas com aviões, soldados treinados, cavalaria etc.

Em setembro, os jornais expressam a resignação paulista diante da derrota que se dá, afinal, em 28 de setembro. O *Diário Nacional* é fechado e, na edição do dia 30 desse mês, como já se expôs, “Foi proposta imediata suspensão das hostilidades, a fim de serem assentadas as medidas para cessação da luta armada”. De fato, o confronto desigual entre os 100 mil soldados federais, com aviões e muita munição, e os 30 mil rebelados, cujas armas eram, muitas vezes, paus e pedras, revólveres, e sem preparo militar, dura três meses. São Paulo não tem outra solução.

Um jornalista plural

É nesse contexto que Mário de Andrade colabora no *Diário Nacional*. Em abril de 1927, escrevendo a Manuel Bandeira, ele destaca a oportunidade de um convite que lhe chegara num momento de aperto financeiro. É neste diário paulistano que se torna, de fato, jornalista, homem de jornal, como se costuma dizer¹. Estreia em 20 de agosto de 1927 com a crítica “Brecheret”, assinada “M. de A.”, na seção Arte.

Depois de períodos curtos como colaborador em jornais e revistas da capital, desde 1915, como o *Jornal do Comércio*, o *Correio Paulistano*, *A Manhã* (sucursal de São Paulo), *A Gazeta*, *A Cigarra*, *O Echo*, *Miscelânea*, ou na carioca *Ilustração Brasileira*, ou mesmo em tablóides de bairro, como *O Fanal*, Mário de Andrade ingressa, de fato, no periódico que, na grande imprensa, advoga, como já se sabe, um caminho político novo, progressista. Isso não o impede de continuar ativo, de 1927 em diante, nas revistas que lutam pela renovação literária; participa, praticamente, em todas, apesar da diversidade de posições. Seu nome mostra-se, principalmente, em *Verde* (Cataguases), *Festa* (1927-1930) e na *Revista da Antropofagia* (1928-1929)².

Quando o *Diário Nacional* é lançado em 14 de junho de 1927, Mário de Andrade está longe, em sua viagem de Turista Aprendiz à Amazônia, que vai de 7 de maio a 15 de agosto. Ao regressar, comunica a Manuel Bandeira, em 30 de agosto, ter

¹ MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: IEB/ EDUSP, 2001, p. 340.

² Mário de Andrade tem textos seus em todas as revistas que se ligam ao modernismo. Antes de 1927 esteve em *Papel e Tinta* (São Paulo, 1921?): *Klaxon* (1922-1923), *Novíssima* (São Paulo, 1924), *Estética* (São Paulo, 1925), *A Revista* (Belo Horizonte, 1925), *Terra Roxa e Outras Terras* (São Paulo, 1926).

entrado para o *Diário Nacional*, onde, como crítico de arte, escreve “coisinhas quase diárias”, isto é: responsabiliza-se, nesse momento, pelas seções “Arte” e “Livros e livrinhos”, como “M. de A.” ou “Mário de Andrade”, em críticas de maior fôlego³. Desdobrado o título da primeira seção como “Arte em S. Paulo”, surgem, em 11, 13 e 23 de novembro, bem como em 1º e 30 de dezembro desse mesmo 1927, os textos que inauguram a vasta produção de Mário cronista neste diário paulistano. Formam uma série e abrangem crônicas com toques de esquetes, satirizando o passadismo e o mau gosto, em que insistiam as manifestações da arte aplaudidas pela burguesia na capital do Estado. As crônicas são: I. “O burguês e a ópera”, II. [“O escultor Melani”], III. “D. Eulália”⁴, IV. “O grande arquiteto” e V. “O pai do gênio”. Entre as duas últimas, surge, em 8 de dezembro, a crônica “A ciranda”, que vale como o primeiro testemunho do trabalho de campo de quem logo se destacará como um grande pesquisador do nosso folclore. A crônica, em verdade, um fragmento do diário do Turista Aprendiz, consegue ombrear o rigor na análise do bailado assistido “pouco além da cidadinha de Tefé”, na margem do Solimões⁵, à graça e à agilidade de um verdadeiro cronista. Abre caminho para a assinatura “Mário de Andrade”, que junta, à guisa de crônica, em 22 de janeiro de 1928, mais dois registros do diário da viagem à Amazônia, sob o título “O Turista Aprendiz”.

As “coisinhas quase diárias” no *Diário Nacional*, referidas por Mário na carta a Bandeira, ampliam-se a partir de 1928. Somam 771 textos, entre crônicas, artigos, ensaios, poemas e ficção, e vão de 20 de agosto de 1927, até 25 de setembro de 1932, três dias antes do fechamento do diário, pelo Governo Federal. Dividem-se entre as duas assinaturas acima referidas.

Em 1928, por exemplo, impressiona o número de críticas das artes plásticas, do cinema e da música, assim como resenhas de livros e reflexões sobre a literatura: 171 títulos figuram no jornal do Partido Democrático, de 1º de janeiro a 27 de novembro. A colaboração de Mário é farta – em janeiro há 20 textos, até com dois artigos no dia 21: “Arte indaiá” e “João de Souza Lima”.

³ MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 350.

⁴ No segundo texto, o jornal esqueceu-se de imprimir o título da crônica, no quarto, o da série, além de inverter a ordem nos títulos III e IV. As crônicas estão em *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. (Edição de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 65-76).

⁵ ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977, p. 335-336.

Dentre os textos assinados “Mário de Andrade”, vale lembrar, em 1928, o ensaio em três partes, “Literatura modernista argentina”, publicado em 22 e 29 de abril e 13 de maio, assim como “Literatura moderna argentina”, em 20 de maio, e “Um desenhista brasileiro”, de 28 de outubro, “O centenário de Franz Schubert”, de 18 de novembro, “Carlos Gomes”, de 23 de novembro

Como crítico literário, “M. de A.” focaliza, por exemplo, “Laura Vilares: *Êxtase* (romance), Ribeiro Couto: *Bahianinha e outras mulheres* (contos)”, em 8 de janeiro. Ao analisar *Êxtase*, o crítico soube compreender a posição feminista “avant la lettre” da autora. Sua abordagem lembra a de Luzia Margareth Rago, em *Imagens da prostituição na Belle époque paulistana*⁶.

Mário de Andrade, em seus artigos, encara questões estéticas importantes, no campo da crítica literária. Basta citar “Expressionismo”, “Arte e acaso” e “Regionalismo”, “Passado ilusionista”, “A questão do verso livre”, I e II⁷. Na crítica de música e de dança, ele faz, no *Diário Nacional*, a cobertura completa de concertos, recitais e apresentações em São Paulo, além de analisar orquestras e intérpretes, nacional e internacionalmente consagrados, como Rubinstein, Friedman, Julieta Teles de Menezes ou Ana Paulova, Carleto Thieben e Chinita Ullmann; ocupa-se da temporada lírica e da ópera russa; valoriza nossos compositores – Villa Lobos, Luciano Gallet, Camargo Guarnieri e o jazz. Detém-se em “fitas” de cinema e peças de teatro, ressaltando a importância dos alemães e dos norte-americanos; interessa-se pela arquitetura, a pintura e a escultura do momento.

Apesar desse volume de trabalho, Mário de Andrade não responde ainda por uma coluna de crônica no *Diário Nacional*. Essa posição concretiza-se em 27 de novembro, no correr de sua segunda viagem de Turista Aprendiz, esta destinada a estudar as manifestações da música e da cultura popular no Nordeste do país. O jornal aproveita a circunstância e o designa correspondente oficial. Como pesquisador e jornalista, assinando sempre “Mário de Andrade”, o viajante, sob o cabeçalho “O Turista Aprendiz”, veicula 70 crônicas, entre 15 de dezembro de 1928 e 29 de março de 1929.

⁶ Artigo apresentado na 1ª Conferência Internacional sobre Moças, *Alice in Wonderland: transitions and dilemmas*, realizado em Amsterdã, entre 16 e 19 de junho de 1992. Disponível em www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/03112009-103553rago.pdf

⁷ Textos publicados no *Diário Nacional*, em 10 de janeiro, 5 e 14 de fevereiro, 17, 20 e 22 de março de 1928.

Quando regressa a São Paulo, Mário inaugura com “Influências”, em 9 de abril desse mesmo ano, sua coluna semanal “Táxi”, sem abrir mão de sua crítica de música do diário.

A estudiosa do jornalismo mariodeandradiano, Telê Ancona Lopez, assim se expressa sobre “Táxi”, palavra que, na época, era pronunciada como oxítone, à francesa:

“O título é uma feliz escolha, ao mesmo tempo em que estabelece a vinculação ao contemporâneo, tão ao gosto dos modernistas, sugere o empenho do intelectual participante que usa da imprensa de massa como seu veículo. ‘Táxi’ conduzirá sua opinião, da mesma forma que, em 1922, a revista *Klaxon* propagara a modernidade⁸.”

A produção de Mário de Andrade cronista no *Diário Nacional*, considerada ponto alto de seu vínculo com o gênero, encontra-se em *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, edição preparada por Telê Ancona Lopez (São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976). Soma 157 títulos. São 46 na coluna “Táxi” que vigora até 21 de janeiro de 1930, e 111, na que a sucede de 5 de fevereiro desse ano até 10 de julho de 1932, exibindo unicamente os títulos dos textos. O total é acrescido, entre 17 de julho a 25 de setembro de 1932, da série “Folclore da Revolução”, com onze textos, sob a assinatura de quem os colige – “Mário de Andrade”, mais um, “Correio militar”, intercalado em 12 de agosto.

É no *Diário Nacional* que Mário de Andrade imprime quatro caminhos ou vertentes a suas crônicas, comportando-se, sempre, como o autor que sabe prender seus leitores no tom coloquial, no humor. Sempre ancorado na atualidade, no tempo presente, aproveita esses traços característicos desse gênero híbrido que conjuga jornalismo e literatura, tão importante nas letras brasileiras do século XX, tanto para trabalhar a crônica como impressões aparentemente descompromissadas, ligadas ao cotidiano, “vida ao rés do chão”, no dizer de Antonio Candido, na simplicidade de facetas que, por vezes, nos tocam a todos, universalizadas, como para explorar outras

⁸ ANDRADE, Mário de. *Táxi Mário de Andrade e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976, Ilustrada, p. 18.

dimensões. É, nessa espécie de conversa que a crônica se demora em questões pontuais na literatura, na música, nas artes plásticas, ou do que hoje equivale à linguística, e que, na época, eram questões de língua portuguesa. Exerce, então, a “crônica crítica”, embora essa denominação para a interface com o ensaio venha mais tarde, quando, em 1942, Mário planeja dois volumes para *Os filhos da Candinha*, em suas Obras Completas, para a Livraria Martins Editora, de São Paulo, título que absorve a expressão popular designando as pessoas aplicadas ao comentário da vida alheia. O primeiro volume, publicado no ano seguinte, resulta da seleção de textos retrabalhados na vertente da crônica que o autor considera produzidas ao sabor do momento; e o segundo, que ficou inédito, mostra, no manuscrito, uma seleção de “crônicas críticas”. No livro de 1943, a “Advertência” distingue esse tipo de crônica:

“As crônicas ajuntadas neste livro foram escolhidas de preferência entre as mais levianas que publiquei — literatura. Faço assim porque me parece mais representativo do que foi a crônica para a minha aventura intelectual. Nunca fiz dela uma arma de vida, e quando o fiz, frequentemente agi mal ou errado. *No meio da minha literatura, sempre tão intencional, a crônica era um sueto, a válvula verdadeira por onde eu me desfatigava de mim* (grifei). Também é certo que jamais lhe dei maior interesse que o momento breve em que, com ela, brincava de escrever. É o que em geral este livro deve representar.

“Os filhos da Candinha já estarão dizendo que eu podia escolher outras, ao menos pelo assunto, mais justificáveis dentro das preocupações intelectuais de agora. Mas por isso mesmo que todas, essas como as que vão aqui, foram escritas no momento de libertação, as mais ‘sérias’ me desgostam muito, por deficientes e mal pensadas. Não representam o que sempre eu quis fazer. [...]”⁹

As crônicas de tom coloquial, cheias de humor, presas ao presente vivido, ao resgate de acontecimentos pessoais ou consignados no noticiário, bem como ao

⁹ “Advertência” datada de “São Paulo, 24 de novembro de 1942”, in ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. Edição de texto apurado, acrescida de documentos, preparada por João Francisco Franklin Gonçalves. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 27.

desenvolvimento do modernismo em São Paulo e no Brasil, como “Casa de pensão”, “Memória e assombração”, “Sinhô”, “Ascânio Lopes”, “São Tomás e jacaré”, “Amazônia”, “Noite de festa” (1929), “Flor nacional”, “Marinetti”, “Corbusier”, “Zeppelin”, “Educai vossos pais”, “A pesca do dourado”, “A sra Stevens” (1930), “Assim seja!”, “Cristo-Deus”, “Meu engraxate” (1931), “Abril”, “Idílio novo”, “Mar”, “Cataguases”, “Cai, cai, balão” (1932), para citar as que são, talvez, mais significativas em “Táxi” e depois, contracenam com as crônicas de reflexão. Lidam especialmente com as circunstâncias políticas que culminam na Revolução Constitucionalista, quando se tem primeiramente, “Peneirando”, em 2 de novembro de 1930, o entusiasmo com a queda do governo do PRP, com o “outubro sublime”, combinado com o reconhecimento da importância da aquisição da “consciência de uma nacionalidade”. Logo depois, “Revolução pascácia”, em 9 de novembro, mostra o estado real dessa consciência... Pouco a pouco, instala-se, no cronista, o descontentamento com o governo federal que se furta a realizar a Constituinte prometida. Os textos se tornam ora irônicos, ora ácidos, até aderir francamente à nova revolução, em julho de 1932. “Semântica do paulista”, “Simbologia dos chefes”, “Largo da Concórdia”, “Ritmo de marcha”, “Café queimado”, “Heróis de um dia”, “P.R.A.R.”

Na vertente das “crônicas críticas”, em lugar das impressões, os textos desenvolvem a argumentação, sem perder o tom de simplicidade bem humorada, coloquial. Elegem um assunto que, muitas vezes, se prolonga até em três partes, numeradas em algarismos romanos, moldando um pequeno ensaio. As “crônicas críticas”, que o jornal estampa desde a apresentação da literatura argentina contemporânea, dividida em parcelas, em 1928, antes de Mário de Andrade conseguir seu espaço de cronista, multiplicam-se tanto em “Táxi”, como na coluna sem título, entre 1929 e 1932. Nessas crônicas, muitas, estendem-se as cogitações do teórico e as análises do crítico, ambos afeitos à interdisciplinaridade. Transitam pelas áreas da literatura, das artes plásticas, da arquitetura, da música, da linguística; investigam o papel do intelectual e oferecem ligações fundamentais com as leituras do autor. No *Diário Nacional* encontra-se, muito bem articulado, o pensamento de um incansável estudioso, disposto a enfrentar propostas novas, originais.

Em 1929, a série de três crônicas intituladas “Desinteresse” (4, 5 e 6 de julho) ao focalizar a diferença entre arte e natureza, no quadro das vanguardas no país e no

mundo, representa a evolução do pensamento de Mário de Andrade desde o “Prefácio interessantíssimo” de *Pauliceia desvairada*, em 1922, e de *A escrava que não é Isaura*, em 1925. Ao cronista/ crítico das artes pertencem outros textos instigantes como “Cícero Dias” (1929), “Artes gráficas” (1930); cronista/ crítico da música, “Henrique Oswald” (1931) e “Goethe e Beethoven” (1932); ao do cinema, a análise de *Frankenstein*, em “Monstros do homem – I” (1932).

O modernista que contesta determinados pontos da gramática portuguesa, advogando o uso, em nossa literatura, da língua falada no Brasil, aplica-se em raciocínios que rendem títulos em seus anos de crônica no *Diário Nacional*: “A linguagem” I-III, “Fala brasileira”, “Ortografia” I-II (1929), e novamente “Ortografia” I-II (1930). Em “Fala brasileira”, no dia 25 de maio de 1929, o cronista alerta sobre o perigo de um debate em que “todos se perdem num cipozal medonho de critérios científicos e definições difíceis”. Esquecem a realidade da “fala” como um fenômeno social e de que a fala brasileira possui características intrinsecamente nacionais, que a tornam independente da fala portuguesa, fenômeno social português. Julga que a situação intelectual e cultural do país se revela mais importante do que uma ultrapassada discussão sobre dependência ou não:

“Nós estamos hoje, nacionalmente falando, por completo divorciados de Portugal. A língua que os dois países falam, prá grande maioria dos homens e das nações evoca o Brasil. Porque o Brasil importa mais atualmente que Portugal. (...) Coincidir ou não com a língua portuguesa e o termos vindo dela: não importa socialmente nada. O Brasil é hoje outra coisa que Portugal. E essa outra coisa possui necessariamente uma fala que exprime as outras coisas de que ele é feito. É a fala brasileira.”.

Ao crítico literário creditam-se análises relevantes em “Poesia proletária”, decorrente da crônica sobre a antologia *Poemas de operários americanos*; em “Raquel de Queiroz”, quando examina *O quinze*, e quando, sob o título “Murilo Mendes”, aprecia a “ofensiva geral da poesia moderna”, com *Poemas*, do vate mineiro, ao lado de *Libertinagem* de Bandeira, *Pássaro cego* de Augusto Frederico Schmidt e *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade. Para Mário, vale a pena alongar-se em um

ensaio com cinco partes, “Álvares de Azevedo” (I-II; retomada I-III, 1931), encadeando crônicas suscitadas pelo centenário de nascimento do criador de *Macário*. Essas crônicas que, em verdade, iluminam aspectos dos demais poetas românticos brasileiros.

A observação da “crônica/ crítica” de Mário de Andrade incluiu, em 1931, a série “Rádio” (4,7-11 de janeiro) em que, a análise do sentido da radiodifusão se desenha, em seis títulos (sequência sem número). Os textos fazem a denúncia acerba da Rádio Educadora Paulista por não cumprir a função a que se destinava.

A terceira vertente da crônica mariodeandradiana, entre 1929 e 1932, no *Diário Nacional*, é a da crônica ficção, isto é, aquela que possui uma trama, como um conto. São quatro os textos que podem ser assim classificados: “Qual é o louco” (12 de junho, 1929, em “Táxi”), “Topografia do nome”, “O Diabo” e “O sobrinho de Salomé” (25 de janeiro, 26 de abril e 27 de setembro, 1931), embora os dois últimos tenham sido eleitos para a coletânea de crônicas *Os filhos da Candinha*. A classificação parece justa quando se pondera que em ambos, a marca principal é a exploração do insólito, ou seja, do raro e estranho, no cotidiano, unindo-os a outros, nessa direção, na parcela detectada na seção Histórias e Contos a que Mário de Andrade comparece, no mesmo diário.

Em dois títulos, “Qual é o louco” e “O sobrinho de Salomé”, o cronista/ contista lança mão do estratagema da carta do leitor, para estruturar uma narrativa em primeira pessoa. No primeiro, a missiva de “X. X.”, é endereçada ao cronista, e, no segundo, este é quem “traduz” carta de Franz à direção de uma revista alemã; ambas, para sugerir a “realidade”, põem entre aspas o texto “recebido”. Em “Qual é o louco?”, o remetente confessa-se encorajado pelo próprio cronista, tendo notado a preocupação deste “com assombrações e casos misteriosos”. Vale dizer: fizera uma leitura desviada da crônica “Memória e assombração”, que Mário publicara em 10 de maio desse mesmo 1929, especulando questões da psicologia. Esta crônica/carta/ conto movimenta-se, assim como os outros quatro títulos, no âmbito do insólito, do inusitado, da ruptura de uma ordem convencional, ruptura latente no cotidiano, a qual, de repente, se precipita na loucura. Ao conto não falta o ingrediente da investigação nos moldes do romance policial; esta, todavia não chega a uma solução completa, pois o missivista, prestes também a perder a razão, recorre ao colunista do *Diário Nacional*, levando o texto para a esfera do *nonsense*, da comicidade.

Em “Topografia do nome”, o cronista/ personagem apresenta, no diálogo com um misterioso “sábio” russo sem nome, *flâneur* como ele na cidade de São Paulo, premonições sobre a política brasileira, decalcadas na sonoridade dos nomes dos personagens; premonições divertidas para o interlocutor e para quem lê o texto. O humor combina-se com o lirismo, quando se trata de um nome admirado – “Juarez Távora é muito grande, é um nortista em ponto grande, uma grande inteligência, moço... Uma vez escutei um boiadeiro falar que gente assim, pega andorinha...”. Mas, a ironia e o *nonsense* extravasam, com sutileza, desconfiança e descontentamento: “– [...] Repare o nome do dr. Getúlio Vargas: este vai fazer um bom governo. O nome dele está indicando. O nome faz que vai falar mas não fala. ‘Túlio’ é comprido, com o ‘tu’ bem batido, se tem a impressão que o homem levantou, todos estão escutando no ‘u’ com muito respeito, mas ele vai e afirma ‘Vargas!’, não é sopa não! Só o que tem de ruim no nome dele é que ‘túlio’ escorrega um bocado, era preferível que fosse mais firme: ‘túdio’ ou ‘tútio’... Mas enfim os senhores vão ter um bom governador.” Curiosamente, a crônica joga com os dados biográficos de Lasar Segall, também nascido em Vilna, como o *clochard* do Parque Municipal paulistano...

Em “O Diabo”, a crônica/ conto dá continuidade às andanças do narrador pela cidade, desta vez acompanhado do amigo Belazarte, como na série Crônicas de Malazarte. Não se acham na periferia de São Paulo, mas em Higienópolis, bairro chique, onde se ergue a igreja de Sta. Teresinha. Belazarte, narrador e personagem, um alter ego de Mário de Andrade, nascera nas Crônicas de Malazarte, assinadas pelo escritor na *América Brasileira*, entre outubro de 1923 e julho de 1924. Na revista carioca de Elísio de Carvalho, esta série de dez crônicas, cuja tônica era os acontecimentos modernistas, dois “intermédios”, “O besouro e a Rosa”, em fevereiro e, logo depois, “Caim, Caim e o resto”, em julho de 1924, tinham firmado o espaço do contista¹⁰. A primeira linha de ambos, “Belazarte me contou:” com dois pontos, subsiste em “O besouro e a Rosa” no *Primeiro andar*, tornando-se bordão em todos os contos, no livro específico desse narrador, *Belazarte*, em 1934. Narrador que, ao contar oralmente, capta a língua portuguesa falada na periferia de São Paulo¹¹. Por hora, em

¹⁰ Os contos estão, respectivamente, nos nº 26 e 31 da *América Brasileira* (Rio de Janeiro, fev. e jul. 1924).

¹¹ MA, em sua carta a Manuel Bandeira, em 20 de abril de 1942, depois de se referir a *Os filhos da Candinha*, como “o livro mais ‘bem escrito’ que já fiz”, acrescenta: “Falo como estilo normal, estilo que

abril de 1931, arrefecida a euforia da vitória de revolução, grande é a força da crônica como texto ancorado no presente, envolvendo o narrador. Mais uma vez, no terreno do insólito, o texto se faz a crítica: desta vez sem sutileza. Explicita: o diabo/ diaba, gozando de beleza, calma na vida familiar, vivia à sombra da placa que serve de fecho ao texto e às esperanças dos amigos: “Dr. Leovegildo Adastro Acioly de Cavalcanti, formado em Medicina pela Faculdade da Bahia, Diretor Geral dos Serviços de Estrada de Rodagem do Estado de São Paulo.” A denúncia ao empreguismo de nordestinos, no trem-da-alegria aportado em São Paulo. A denúncia se quer eficaz, recorrendo ao grotesco que garante a comicidade, apostando no *ridendo castigat mores*.

Na segunda crônica/conto que se prende a uma carta de leitor, desta vez um leitor alemão, um preâmbulo do cronista, que pretende “relatar aos leitores do *Diário Nacional* o caso do sobrinho de Salomé”, arrola nomes de batismo inusitados e responsabiliza-se pela tradução fiel. O preâmbulo inventa a história de uma “carta de leitor”, extraída dessa seção existente nos jornais e revistas na grande imprensa. Exibe-a como um documento enriquecido com informação autobiográfica, no intuito, talvez, de persuadir da “veracidade”, pelo menos por aí, os leitores do jornal paulistano:

“No tempo em que eu não estava ainda acostumado a documentar detalhadamente meus escritos, nem pretendia aliás ser escritor, me caiu sob os olhos uma carta assinada por um fulano Franz a uma revista alemã. Traduzi e guardei a carta que achei curiosa, sem preocupar nem com o nome nem com a data da revista. Por isso dou só a carta, tal com a traduзи, corrigindo apenas dois erros de gramática que fiz. É a seguinte:”¹²

O caso, isto é, o conto que soma à estrutura da “carta do leitor”, desenrola uma trama decalcada na narrativa oral que, pela vez dela, se amarra na realidade, considerando essa “forma simples” de narrativa, descrita por Jolles. Ao Caso ou conto

permite seguimento, sequência – pois o estilo poético-heróico do *Macunaíma* tinha que ser o que é mas pra esse livro, e o de *Belazarte é estilo falado e não, escrito*.” (grifei).

¹² Se o interesse fosse datar, ou entender a referência à tradução de texto na língua alemã, 1916 é o ano que se destaca a partir de requerimento de MA ao Arcebispo de São Paulo, sem despacho, que visa, em 21 de fevereiro de 1916, a leitura de “livros interditos pelo Santo Ofício”, entre os quais está a poesia de Heine. (V. LOPEZ, Telê Ancona. “A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação”. In: ZULAR, Roberto (org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2002, p. 45-72.

rocambolesco, absurdo, atualiza aspectos da história bíblica de Salomé, tantas vezes recriada por escritores – Heine, Oscar Wilde e Flaubert, entre outros, em “Herodiades”, nos *Trois contes*. A recriação trabalha uma Salomé às avessas, anterior à Guerra de 1914, cruzando o personagem com Judite, defensora do povo judeu. A veemência e a indignação do remetente desenham uma Salomé grotesca, incapacitada de dançar, sonhando apenas entregar-se, banhada pelo luar, a uma valsa do grande compositor de valsas francês de alcance europeu, Émile Waldteufel (1837-1915). Caberia, para melhor analisar a questão do insólito, neste conto – a ânsia de veicular “a verdade” por meio de uma revista – uma entrada pelos acontecimentos na Europa do início do século XX, o que não compete a este mestrado.

Em sua quarta vertente, o cronista – se é que ainda pode ser assim nomeado – encarrega-se da série “Folclore da Constituição” I-XI, em 17 e 24 de julho, 7, 14, 21 e 28 de agosto, 4, 11, 18 e 25 de setembro de 1932, sempre domingo. Espaço de recreio espelhando a resistência paulista, junta documentos da *vox populi* – ditos, dísticos em bíblicos, versos, paródias, anedotas e mesmo simpatia para não pegar carrapato. Essa forma de procurar manter o ânimo do público traz, também, “Correio militar” em 12 de agosto de 1932. São duas cartas que Geraldo (H. Reimão), revolucionário de 17 anos, afilhado de Mário, endereça do fronte aos pais, e uma em que a menina Gilda (de Moraes Rocha), de 12 anos, encoraja o padrinho alistado, Carlos de Moraes Andrade, irmão do jornalista que assina “Pela cópia,/ M. de A.”

O conto reconhecido como tal

Na coluna do cronista, assinada regularmente “Mário de Andrade”, a classificação do texto como “conto”, diretamente no título, surge uma única vez, em 27 de dezembro de 1931. Trata-se de “Conto de Natal”, cujo ponto de partida é a notícia, acontecimento interessante de se verificar nos jornais daquela cidade do interior paulista, naquele ano, ou no anterior. Fato que, ao correr pela boca do povo, teria conquistado o *status* de caso, tanto que, em uma nova versão em datiloscrito rasurado, se torna “Caso para Natal”.

É necessário, por fim, ressaltar que, paralelamente ao exercício da crônica, nas quatro modalidades apontadas, o *Diário Nacional* guarda, na trajetória completa de Mário de Andrade em seus números e páginas, o trabalho do crítico pontual dos

acontecimentos culturais, bem como entrevistas, poemas e os contos na seção específica, estes publicados com os pseudônimos Luís Antônio Marques e Luís Pinho. Essa produção, inédita em livro, é objeto da edição vinculada à presente dissertação de mestrado.

II. A AUTORIA DISFARÇADA

Os contistas no jornal e o projeto *Contos curtos*

Seis são os contos que o criador de Belazarte publicou sob os pseudônimos Luís Antônio Marques e Luís Pinho, no *Diário Nacional*, em 1930. Os dois “autores” alternam-se entre o final de março e a metade de maio, no espaço de lazer criado pelo matutino paulista, vigorando primeiro aos sábados e, em seguida, aos domingos, à página 6. Diante da flutuação Luiz e Luis, na grafia, a pesquisa preferiu pautar o nome pela norma vigente que norteia a difusão do texto estabelecido dos seis contos, nesta dissertação. O mesmo procedimento tocou Antonio, agora Antônio.

Eis, vinculados aos dois pseudônimos, os títulos e as datas de publicação, nas seções no jornal:

- Luís Antônio Marques, “O relógio”, 29 de março, sábado, seção O Conto Semanal;
- Luís Pinho, “O golpe de ar”, 5 de abril, sábado, na seção que muda o título para Histórias e Contos;
- Luís Antônio Marques, “O Bamba”, 13 de abril, domingo, seção Histórias e Contos;
- Luís Pinho, “O fugitivo”, 27 de abril, domingo, seção Histórias e Contos;
- Luís Antônio Marques, “A viúva por demais fiel”, 11 de maio, domingo, seção Histórias e Contos;
- Luís Pinho, “Serenidade”, 18 de maio, domingo, seção Histórias e Contos.

Não tivesse o escritor incorporado, ao seu arquivo, os manuscritos de boa parte de sua criação de polígrafo, esta sua participação de contista, com pseudônimos, no *Diário Nacional* em 1930, estaria desconhecida. Os manuscritos, mais de cem títulos, hoje organizados no IEB, conforme metodologia vinda de projetos coordenados por Telê Ancona Lopez, formam a série Manuscritos Mário de Andrade. Como se sabe, estão sendo objeto do trabalho dos pesquisadores participantes do projeto temático *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*. Os seis títulos,

inseridos no manuscrito *Contos curtos*, um dos dossiês desse grande conjunto documental, têm a verdadeira autoria desvendada por meio de nota à grafite, do próprio contista que os recortou de um exemplar do *Diário Nacional*, e, para preservá-los, colou-os, com goma arábica, em folhas de papel jornal (de 32 x 21,6-9 cm). Pelo que se depreende de matéria jornalística do polígrafo – artigos em várias áreas, poemas, contos e crônicas –, presente na série que reúne os manuscritos dele, havia um procedimento costumeiro¹. Mário, logo que tinha seus textos publicados em periódicos, extraía-os e datava os recortes, desvelando, em notas nas margens, pseudônimos ou iniciais que eventualmente lhe encobriam a autoria, abrigando-os em pastas às quais outorgava designações. Mais tarde, podia ou não remanejá-los. Deste modo, os seis contos foram levados para o manuscrito *Contos curtos*, em cuja capa original se observa um plano, em autógrafo a lápis de ponta vermelha:

“Contos/ Curtos/

I. ~~Primeiro de Maio~~

II. ~~Foi Sonho~~

III. Retrato de Piás a) Caíto

b) Benedito

c) [não definido]

IV. O Bamba

V. A Viúva por demais Fiel

VI. ~~Ensaio Bibliothèque Rose~~

VII. Conto de Natal

VIII. Serenidade

IX. O Relógio

X ~~O Diabo~~”

¹ A série Manuscritos Mário de Andrade guarda operação semelhante nos recortes que formam o dossiê *Vida literária*, rodapé mantido por Mário no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 1938 e 1941.

Contos

Curiosos

- I - Pequeno de Maio
- II - Foi feito
- III - Retrato de Pia's-a) Caito
b) Benedito
c)
- IV - O Bamba
- V - A Veuva por demais Fiel
- VI - Encontro de Balthazar e Pêre
- VII - Conto de Natal
- VIII - Fermeidade
- IX - O Relógio
- X - O Pêre

No manuscrito de *Contos curtos*, este documento de abertura faculta a hipótese de 1939 como o ano em que a obra materialmente se ordena, de modo prévio. A hipótese advém da presença do conto incluído sob o título “Benedito”, o qual, no conjunto dos documentos no manuscrito se mostra como de “Retrato de piá”, na companhia de “Será o Benedito?”. São ambas versões em recortes com data e jornal registrados a grafite e rasuras no texto. “Retrato de piá” vem de *Roteiro*, nº 10; São Paulo, 5 de outubro de 1939, e “Será o Benedito?” é da 2ª quinzena de outubro do mesmo mês e ano; reportam-se a uma parte a ser construída no livro *Contos curtos*, como “Retratos de piá”. As rasuras e a inclusão fazem dos textos “exemplares de trabalho”. A denominação, cunhada por Mário de Andrade para rotular aqueles textos dele que, impressos, recebiam rasuras, foi acatada pelo projeto temático, nas classificações de manuscritos que elabora. Para tanto, a redefiniu como a versão que resulta da fusão do texto impresso com as rasuras, materializando um novo manuscrito; e como a versão que se vê ratificada pela ausência de emendas, sendo as duas, de fato, prototextos das versões publicadas em vida, pelo escritor. A intervenção do autor nesse conto em 1939 ou logo depois (daí o uso dos colchetes e do ponto de interrogação na data, na análise documentária, [1939?], traz à tona, logicamente, o revisitar de todos os contos escritos até então, pois “Caíto” não chegara a ser redigido (ao que se sabe, não se concretizou).

Deste modo, o plano que, no item III se reporta a uma parte ainda não resolvida, arrola contos publicados em periódicos no decênio de 1930, para, em seguida, suprimir quatro títulos, destinando-os, como a própria série Manuscritos Mário de Andrade convalida, a outras obras projetadas. Entre aqueles que permanecem, estão cinco das seis narrativas com pseudônimos divulgadas no *Diário Nacional*, ordenadas fora da cronologia: “O Bamba”, “A viúva por demais fiel”, “Serenidade” e “O relógio”. “O fugitivo”, como logo se verá, já se situava em *Contos novos*, no movimento da criação.

A data atestada [1939?] suplanta as outras que cercam os títulos anteriores, como se pode conferir na transferência dos títulos riscados “Primeiro de maio”, “Foi sonho”, “Ensaio *bibliothèque rose*” e “O Diabo”. “Primeiro de maio” vai para o livro em preparo, de publicação póstuma como *Contos novos* em 1947, e os demais, para *Os filhos da Candinha*, editados em 1943.

O pesquisador Hugo Camargo Rocha, no dossiê da edição de texto apurado de *Contos novos*, que recupera o itinerário da escritura dos contos ali reunidos, aponta as fases iniciais de “Primeiro de maio” e de “O ladrão”, narrativa que reescreve “O fugitivo”². Verifica-se, portanto, em:

- 1934, junho: publicação, com o título “Primeiro de Maio”, o nome do mês em letra maiúscula, pela norma ortográfica da época“. Aparece como “conto de MARIO DE ANDRADE – feito para *Rumo*”, jornal carioca (a. 2, nº 8, p. 11-12); a grafite, identificação do periódico e data aposta pelo autor que também emenda o texto;
- [1934?]: o escritor, em um exemplar do jornal, rasura o conto também a grafite e usa uma cruz a lápis vermelho ao lado do título, dando-o como apto a ser publicado;
- 1935: *Novella*: quinzenal de boas leituras, imprime o conto; São Paulo, 5 de junho; p. 27-29; assinado “MARIO DE ANDRADE”.
- [1935?]: o contista retrabalha o texto a tinta preta e vermelha, nas p. 27-29 que tira da revista; compõe um outro exemplar de trabalho;
- [1942?]: a partir desse ano, começam as versões em datiloscrito, que não interessam à presente dissertação.

E pode-se flagrar os começos de “O ladrão”, no conto “O fugitivo”, citando-os até o ponto útil ao atual estudo destinado ao mestrado:

- 1930: publicação de “O fugitivo”, na coluna Histórias e Contos, do *Diário Nacional*, em São Paulo, 27 de abril, com o pseudônimo Luís Pinho; o autor recorta o texto e, a grafite, marca proveniência e a data, além de rasurar;
- 1941: versão datiloscrita, cópia carbono, em 16 de agosto, rebatizada “O ladrão”, exibindo em autógrafo a chamada (1) ao lado título e a informação no rodapé: “(1) Este conto é desenvolvimento de uma das crônicas historiadas que,/ sob os pseudônimos de Luís Pinho e Luís Antônio Marques,/ publiquei no *Diário Nacional*, de São Paulo, em 1931. M. de A.” Como se percebe, a memória do autor falha: o ano, no jornal, é mesmo 1930.

Quanto aos títulos “Foi sonho”, “Ensaio *bibliothèque rose*” e “O Diabo”, João Francisco Franklin Gonçalves, no artigo “História de um livro, no dizer de seu autor” e

² ROCHA, Hugo Camargo. “*Contos novos*: Manuscritos no Arquivo Mário de Andrade”; in: “Dossiê”. In: ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. Edição coordenada por Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2011, p. 167.

em suas notas na edição de texto apurado de *Os filhos da Candinha*, em 2008³, buscalhes a origem jornalística, antecedendo a publicação na seleta de crônicas que chegou às livrarias em 1942. Encontra o caminho de “Foi sonho”, conto todo ele vazado na linguagem inculta:

– 1935: novembro: publicação na *Revista Acadêmica*, a. 3, nº 15 do Rio de Janeiro;

– 1942: versão datiloscrita, com rasuras, destinada à coletânea *Os filhos da Candinha*.

A propósito do segundo título, Gonçalves conclui:

“‘Biblioteconomia’, ‘Rei Momo’” e ‘Ensaio de *bibliothèque rose*’, crônicas de proveniência não reconhecida nos manuscritos, uma vez que não constam em recortes rasurados, mas em datiloscritos, esperam pela pesquisa que lhes consiga recuperar local e data, na imensa produção de Mário de Andrade na imprensa.”⁴.

Assim sendo, fica em 1942 a versão destinada à coletânea *Os filhos da Candinha*, num datiloscrito do escritor, da mesma forma que “O Diabo”, crônica no *Diário Nacional* em 26 de abril de 1931, abordada no seu teor de ficção, no capítulo I desta dissertação

Considerando a presença “Conto de Natal”, no plano citado, compreende-se que o texto que aparece no dossiê de *Contos curtos* como versão datiloscrita, e tem ali o título substituído, a tinta, por “Caso para o Natal”, demonstra-se posterior à publicação no diário do Partido Democrático, em 27 de dezembro de 1931. Assinada “Mário de Andrade”, a versão impressa não se desdobrou materialmente em uma versão num recorte transformado em exemplar de trabalho. Como se trata de texto com o nome verdadeiro do autor, não cabe nas intenções de disfarce dos contos com pseudônimo, objeto desta dissertação.

³ ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. Edição de texto apurado preparada por João Francisco Franklin Gonçalves e Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p.11-25.

⁴ IDEM, ibidem, p. 24.

Quando um contista se esconde

No plano de *Contos curtos*, os tópicos I a III, “Primeiro de Maio”, “Foi sonho” e “Benedito”, o VII-“Conto de Natal” e o X, “O Diabo”, como se comentou, explicitam a autoria na assinatura “Mário de Andrade”; nos outros, a condição autoral oculta-se na invenção de dois Luíses: Luís Antônio Marques e Luís Pinho que se alternam no *Diário Nacional*, em 1930. Diferentes em suas linhas de força, os dois contistas engendrados vogam no modernismo que, no decênio de 1920, tematizara a cidade de São Paulo, as contradições da metrópole, com o próprio Mário de Andrade e com Antônio de Alcântara Machado. Este com *Brás, Bexiga e Barra-Funda*, e Mário, também o poeta de *Pauliceia desvairada*, nos contos narrados de forma coloquial por Belazarte, que haviam despontado em dois títulos na revista carioca *América Brasileira*, em 1924, “O besouro e a Rosa”, e “Caim, Caim e o resto”, nos nº 26 e 31, em fevereiro e julho de 1924, classificados como “intermédios” às dez “Crônicas de Malazarte” que, entre outubro de 1923 e julho do ano seguinte, ali frisam o projeto modernista, principalmente ao empregar a língua portuguesa falada no Brasil. Em 1930, “O besouro e a Rosa” já estava em *Primeiro andar*, livro de estreia do contista, em 1926⁵. Vale lembrar, com Aline Nogueira Marques, em “Uma história que Belazarte não contou” que o volume consagrado aos contos desse narrador, apesar de ter chegado ao prelo apenas em 1934, já estava pronto em 1930, e procurava editor, tendo o ficcionista até redigido um prefácio⁶. Aliás, quando Mário está cuidando de publicar *Os filhos da Candinha*, escreve a Manuel Bandeira, em 20 de abril, 1942, afirmando ser *Belazarte* “estilo falado e não, escrito.”⁷.

Os contos suscitam a pergunta: por que os pseudônimos? Em 1930, Mário de Andrade é um autor razoavelmente conhecido do público, louvado em certos círculos, e sempre focalizado pela crítica. Afirmara-se como um dos principais pilares da Semana de Arte Moderna, e havia publicado obras significativas – *Pauliceia desvairada* (poesia, 1922), *A escrava que não é Isaura* (ensaio, 1925), *Losango cáqui* e *Primeiro andar*

⁵ Edição paga com as economias de Mário de Andrade, na Casa Editora Antonio Tisi, São Paulo, em 1926.

⁶ V. em “Uma história que Belazarte não contou”, apresentação de Aline Nogueira Marques da edição de texto apurado de *Os contos de Belazarte*, preparada por ela (Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 13-14), estão as referências ao prefácio de 1930, que Mário de Andrade nunca publicou. Documento incluído no Dossiê da edição, p. 145-147.

⁷ Trecho da carta citado no artigo de João Francisco Franklin Gonçalves, em ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. Ed. cit., p. 12, extraído da correspondência com o poeta, organizada e anotada por Marcos Antonio de Moraes (São Paulo: IEB/ Edusp, 2008, p. 662).

(poesia e conto, 1926), *Clã do jabuti* (poesia 1927) *Amar, verbo intransitivo* (idílio/ romance, 1927), *Macunaíma* (rapsódia, 1928), paralelamente a uma grande participação na imprensa, conforme se destacou no primeiro capítulo desta dissertação.

Mello Nóbrega, em *Ocultação e disfarce de autoria*, investiga o uso de recursos para esconder a real origem de obras, nas artes em geral⁸. Entre os escritores, lembra muitos casos; entre eles, Carlos Drummond de Andrade que foi Antônio Crispim e Artur L. Gomes; Coelho Neto dissimulado em Blanco Canabarro; o Visconde de Taunay como Heitor Malheiros; Prudente de Moraes, neto como Pedro Dantas e Mário de Andrade como Mário Sobral. Considera que eles fizeram uso da alonímia, denominação específica para a situação em que o escritor inventa um nome diverso do seu e com ele assina as obras. Nóbrega aceita, todavia, que o termo genérico “pseudônimo” vigore no cotidiano e julga que a ocultação e a máscara estão intimamente ligadas à criação, por externarem intenções que, em determinados momentos, não podem vir à luz.

Os seis contos dos dois Luíses como que forjam uma repercussão, no diário em que Mário de Andrade, ele mesmo, concretiza, valentemente, seu estilo e suas ideias modernas. Repercussão ou assimilação quanto à linguagem e a exploração da temática da cidade que dão tonalidade, também moderna, aos contos. É curioso perceber que a assimilação é ambivalente porque o confronto dos textos sob alônimos com os de autoria explícita desnuda o uso do português conforme a fala brasileira. Veja-se, por exemplo, o trecho d’ “O relógio” que espelha, no verbo, a dicção popular, como no capítulo III de *Macunaíma*, “Ci, Mãe do Mato” – “murmuriava” (no dicionário: murmurinhar):

⁸ Segundo Nóbrega, pseudônimo, na verdade, é uma denominação genérica utilizada para dizer de um escritor que mascara seu nome, já que são várias as artimanhas que podem ser empregadas: Anonímia (obra anônima), Apocrifia (nome “suposto”, “duvidoso”, “falso”), Estigmonímia (substituição do nome por três pontos), Asteronímia (substituição por asterisco), Inicialismo (autoria com apenas as primeiras letras), Criptonímia (disfarce com as iniciais ou permutações anagramáticas), Alonímia (uso de nome diverso do verdadeiro), Heteronímia (uso de nome alheio para obra literária), Pseudonímia (nome “falso” ou “suposto”), Metonomásia (latinização e helenização do nome do autor), Aristonímia (nome nobiliárquico no lugar do nome civil), Nome religioso (nomes inspirados na preferência devocional), Nome arcádico (evocação pastoril), Axionímia (uso do pronome de tratamento por demonstração de reverência ou cortesia), Prosonímia (nome de guerra, alcunha, apelido e hipocóristico ou nome afetivo) e Nome literário (apesar de diverso do real, não tem poder de ocultar). V. MELLO NÓBREGA. *Ocultação e disfarce da autoria: do anonimato ao nome literário*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1981.

“Laura. Laura!... murmuriava baixinho, enquanto instintivamente procurava esconder as lágrimas que lhe corriam francamente pelo rosto, com a rapidez do andar.” (grifei; “O relógio”, 1930).

“Ficavam rindo longo tempo, bem juntos. Ci aromava tanto que Macunaíma tinha tonteiras de moleza.

“– Puxa! como você cheira, benzinho! que ele murmuriava gozado.” (grifei; *Macunaíma*; capítulo III⁹)

Ou o emprego do advérbio “meio”, concordando em gênero com o substantivo, assim como a locução “diz-que”, sem esquecer o uso do “pra”¹⁰, formas que frequentam a ficção e a prosa de Mário:

“[...] Vinha-lhe a ideia de preparar umas palavras pra dizer na conversa, mas se distraía com a ansiedade meia tenebrosa dele ter vindo ou não ao encontro.” (grifei; “O golpe de ar”).

“– Não sei!, diz-que estão perseguindo um ladrão...” (grifei; “O Bamba”).

Do mesmo modo, a gíria e a interrogação que usa, fora da gramática, o pronome pessoal do caso reto, presente em “O fugitivo”:

“Parou indeciso. Sacudiu o polícia:

“– Viu ele?

“O polícia acordou sobressaltado, foi puxando o revólver:

“– Viu quem?

“– Ora sebo!”

⁹ ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição de texto apurado por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo dos Santos. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 32.

¹⁰ Vale lembrar que Mário de Andrade encontra essa forma na poesia romântica brasileira, assinalando-a em sua leitura de Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias.

Além disso, os pseudônimos garantiriam, ao verdadeiro autor, sondar os leitores, perguntar e ouvir, sem constrangimento, no momento em que se arriscava na vertente do fantástico, na grande imprensa. Fez parte da estratégia permitir que os textos recebessem, da revisão do jornal, todas as correções possíveis à ortografia renovada, posta em prática pelo escritor, em tudo que publicava, há bastante tempo. O manuscrito datilografado de “A viúva por demais fiel”, conservado em *Contos curtos*, confirma essa renovação que não se objetiva neste ou em qualquer dos outros cinco contos impressos, onde figuram: y ao invés de i, duplos l, e f, th, ph, assim como uso de ct, em palavras como “actualmente”, “objecto” etc. A versão de “A viúva por demais fiel”, em datiloscrito no referido dossiê, seja dito de passagem, não deu base àquela estampada no matutino paulistano, em 11 de maio de 1930. Nesta, há supressões que só se pode creditar ao contista (V. Capítulo III nesta dissertação). Houve, certamente, uma versão intermediária, em datiloscrito, entregue à revisão e à composição gráfica.

Em 1917 Mário de Andrade publicara, como Mário Sobral, *Há uma gota de sangue em cada poema*. No alônimo Mário Sobral, talvez ele tenha encontrado uma forma de homenagear Antônio Nobre, combinando um sobrenome bem português com o próprio nome de batismo. Nobre é o poeta luso autor de *Só*, livro com anotações da leitura de Mário, que Telê Ancona Lopez coloca entre as matrizes da criação de *Há uma gota de sangue*.¹¹ Na década de 1920, nas revistas do modernismo, em seus artigos, o escritor lançara mão de outros pseudônimos, bem como de iniciais diversas, além de “M. de A.” e “M. A.”.

Ingressando na esfera dos seis textos com pseudônimos, a análise diferencia dois contistas. Luís Antônio Marques prende-se ao fantástico, no plano do insólito e do macabro que desafiam a lógica no cotidiano em “O relógio” e “O Bamba”, e no do delírio que, por fim, submete-se ao prosaico, em “A viúva por demais fiel”.

A máscara Luís Antônio Marques, em 1930, faz lembrar a primeira incursão conhecida de Mário de Andrade no terreno do fantástico, “História com data”, no seu livro *Primeiro andar*, em 1926, quando ele próprio ironiza sua filiação, em nota de rodapé:

¹¹ LOPEZ, Telê Ancona. “Uma estreia retomada”. In: ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Edição de texto apurado por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 64.

“Este conto é plagiado do ‘Avatara’ de Teófilo Gautier que eu desconheceria até hoje sem a bondade do amigo que me avisou do plágio. Mas como geralmente acontece no Brasil o plágio é melhor que o original. [...]”¹².

Pode-se também evocar, nesse terreno, incursão temporalmente mais próxima dos contos de Marques quando, em 12 de junho de 1929, a assinatura Mário de Andrade cancelara, no mesmo diário, o texto que, no capítulo inicial desta dissertação, foi reputado crônica ficção, “Qual é o louco”, na coluna Táxi¹³. O recurso da carta de alguém que perdeu o juízo, mas não se imagina louco, do conto paradigmático da ficção fantástica, “O Homem de Areia”, escrito por Hoffmann no século XIX¹⁴, é, desta vez, a missiva do leitor que apela, sem recato, ao cronista:

“O sr. pode bem compreender o estado de exaltação em que me acho e que seguramente me levará ao manicômio também. Peço-lhe encarecidamente que me envie seu alvitre sobre o terceiro relógio. Minha vida passa amargurada e na mais profunda e inquieta pesquisa. A única solução que encontro é matar-me e se o senhor não me acudir imediatamente, sinto que me matarei.”¹⁵

As categorias do fantástico, que Calvino distingue, a partir de Todorov, na “Introdução” de sua antologia *Contos fantásticos do século XIX*, foram úteis ao entendimento das narrativas que se ligam a esta dissertação:

“Tzvetan Todorov, em sua *Introduction à la littérature fantastique* (1970), afirma que aquilo que distingue o “fantástico” narrativo é precisamente uma perplexidade diante de um fato

¹² ANDRADE, Mário de. “História com data”. In: *Obra imatura*. Ed. cit., p. 171. Marcos Antonio de Moraes, em seu ensaio “*Primeiro andar*, na mesma edição, lembra, quanto a esse título, a referência direta ao Machado de Assis das *Histórias sem data* (p. 227).

¹³ ANDRADE, Mário de. “Qual é o louco”. In: ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 125-126.

¹⁴ HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. “O Homem de Areia”. Trad de Luiz A. de Araújo. In: CALVINO, Ítalo (Org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 49-81. Conto escrito em 1817.

¹⁵ ANDRADE, Mário de. “Qual é o louco”. In: ANDRADE, Mário de. Loc. cit., p. 125-126.

inacreditável, uma hesitação entre uma explicação racional e realista e o acatamento do sobrenatural. Entretanto, a personagem do incrédulo positivista que aparece frequentemente nesse tipo de narrativa, vista com piedade e sarcasmo porque deve render-se ao que não sabe explicar, nunca é contestada em profundidade. De acordo com Todorov, o fato extraordinário que o conto narra deve deixar sempre uma possibilidade de explicação racional, ainda que seja a da alucinação ou do sonho (boa tampa para todas as panelas).

“Já o “maravilhoso”, também conforme Todorov, se distingue do “fantástico” na medida em que pressupõe a aceitação do inverossímil e do inexplicável, tal como ocorre nas fábulas das *Mil e uma noites*. (Distinção que se aplica à terminologia literária francesa, em que o *fantastique* quase sempre se refere a elementos macabros, como aparições de fantasmas do além. Já o uso italiano associa mais livremente “fantástico” a “fantasia”; de fato, falamos de “fantástico ariostiano” quando, segundo a terminologia francesa, deveríamos dizer “o maravilhoso ariostiano”).¹⁶

Pode-se, então, nas pegadas de Calvino, julgar que em “O relógio” e “O Bamba” há o predomínio do inverossímil e do inexplicável. O primeiro faz com que se recorde “O bebê de tarlatana rosa” de João do Rio; o outro, “Os assassinatos da rua Morgue” de Edgar Allan Poe, quando o companheiro de Maria se locomove na rapidez de um macaco¹⁷. Por outro lado, os delírios que acometem a viúva Rita, “por demais fiel”, convivem com a explicação racional, derivada, aliás, de outro “delírio”, este socialmente consentido:

“Então Rita se lembrou que já eram sete horas e antes de deitar inda tinha de ler o ofício dos defuntos por alma de seu Quinzinho. Foi fazer a obrigação.”

A explicação “racional” dissolve a violência: nada resulta das cenas brutais de conquista em “A viúva por demais fiel”, que advêm da fantasia erótica da mulher

¹⁶ CALVINO, Ítalo. Introdução. In: CALVINO, Ítalo (Org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 10.

¹⁷ Devo a Leandro Raniero Fernandes essa aproximação ao conto de Poe.

sozinha (que não consuma a posse). Essa violência opõe-se àquela que deixa vítimas concretas em “Caim, Caim e o resto”, narrativa de Belazarte, voltada para o comportamento tragicamente irracional do ser humano. Vislumbra-se, na viúva, uma antecessora de Mademoiselle, personagem de “Atrás da catedral de Ruão”, em *Contos novos*. Nesse conto pode-se perceber a “irrupção do inconsciente”, de que trata Ítalo Calvino, quando o reprimido, o recalcado, oculta-se da luz da razão, mostrando uma vivência dupla da realidade conhecida, uma coexistência de duas “verdades”.

Luís Pinho ao carregar, no plano fônico do nome, o cacófato “espinho”, torna um contista que, assim como Belazarte, demora o olhar nas cenas e vidas miúdas no dia a dia da cidade de São Paulo; é solidário, posiciona-se *com* suas criaturas. Sua Ritinha e a Carmela de Alcântara Machado irmanam-se em sonhos e decepções suburbanos, são realistas, e fazem lembrar Manuel Puig em *Boquitas pintadas*.

Ambos, Luís Antônio Marques e Luís Pinho, trazem o narrador eminentemente urbano, centrado no espaço da cidade de São Paulo, com uma única escapada para uma casa pobre, na periferia de Santos. No subúrbio, vivem seus personagens que passam por lugares conhecidos dos leitores do *Diário Nacional*; locais da “vida real” que podem ser corridos mentalmente, e imaginados na dimensão do suspense. Em “O relógio”, Felipe corta a cidade na perseguição a Laura: Brás, Campos Elíseos, Vila Mariana, até Pinheiros, no cemitério do Araçá. Em “O golpe de ar”, Ritinha mora no subúrbio, trabalha no centro, anda pelo Anhangabaú, vai ao clube da elite, o Paulistano. Em “Serenidade” estão a rua de Santa Ifigênia e a rua da Conceição, onde uma pensão fornece refeições em marmitas.

Juntos, os Luíses fazem com que nos interroguemos sobre as intenções do disfarce na criação de Mário de Andrade contista. A resposta parece estar no próprio *Diário Nacional*, em 1931, quando feita a prova por meio dos alônimos, o cronista usa corajosamente sua assinatura nas crônicas ficção “Qual é o louco”, “Topografia do nome”, “O Diabo” e “O sobrinho de Salomé”.

III. ANÁLISE DA ESCRITURA E EDIÇÃO DOS CONTOS DE MÁRIO DE ANDRADE COMO LUÍS ANTÔNIO MARQUES E LUÍS PINHO

Mário de Andrade reuniu, no manuscrito *Contos Curtos*, os seis títulos por ele publicados com os pseudônimos Luís Antônio Marques e Luís Pinho, no *Diário Nacional* de São Paulo, em 1930. Postos ao lado dos outros contos, o escritor neles teria trabalhado em 1939, quando traça o título e o plano do livro que os deveria acolher. Ao falecer, em 25 de fevereiro de 1945, aos 51 anos, deixa inacabada a obra e várias outras. Este capítulo da dissertação se detém na análise dos documentos que compõem o processo criativo dos seis contos e na edição de texto apurado de “O relógio”, “O golpe de ar”, “O Bamba”, “O fugitivo”, “A viúva por demais fiel” e “Serenidade”. Ao acatar a ordem do aparecimento dos contos no jornal, a presente edição busca recuperar o estratagema no disfarce de um autor ali bastante conhecido, mesmo aceitando as rasuras nos recortes. Alternada, a produção de contistas diferentes melhor evidenciava o “aprendizado” de um caminho modernista de histórias paulistanas, explorado por Mário e Alcântara Machado.

Neste capítulo, devo destacar o auxílio generoso que recebi de Leandro Raniero Fernandes, pesquisador participante do Projeto Temático, no trato com os manuscritos do contista.

O RELÓGIO

Análise documentária, codicológica e genética:

MARQUES, Luiz Antonio [ANDRADE, Mário de]. *O relógio*, 1930, [1939?]. Versão em exemplar de trabalho confirmando o texto impresso em duas colunas, recortado da seção O Conto Semanal do *Diário Nacional*; São Paulo, 29 de março de 1930, sábado; assinatura abaixo do título. Recorte à esquerda do conto *A viúva por demais fiel*, ambos colados em folha de papel jornal (32,6 x 21,6 cm), em cujo verso está, também colado, o conto *O golpe de ar*; Notas MA a grafite; documento inserido em [1939?] no dossiê do título nº 44, *Contos curtos*, na série Manuscritos Mário de Andrade (MA-MMA-44).

Notas MA a grafite:

1. identificação do periódico e aposição de data: “Diario Nacional/ 29-III-30”;
2. reconhecimento da autoria: assinatura “MAndrade”, seguida das iniciais “M. de A.”.

Versão A: confirmação da versão impressa; ausência de rasuras.

Nota da edição: A data atestada [1939?] deriva da publicação do conto “Retrato de piá”, cujo título é mudado para “Será o Benedito?”. Ambas as versões, a primeira extraída de *Roteiro*, nº 10, São Paulo, 5 de outubro de 1939, e a segunda, do Suplemento em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*, 2ª quinzena do mesmo mês e ano, estão datadas e rasuradas no recorte, figurando como exemplar de trabalho, no manuscrito *Contos curtos*, o que, além de materializar a escritura dessa obra inacabada em 1939, traz à tona, logicamente, o revisitar de todos os contos.

O CONTO SEMANAL HISTORIAS E CONTOS

29-III-80

LUIZ ANTONIO MARQUES

O RELOGIO

Felipe deitou-se numa grande afecção. O seu pensamento ainda impraegado inteiramente de memórias da esposa desaparecida, era uma dor quasi fangitosa; Felipe o sentia como que transformado apenas num choro impaciente, pedindo, implorando o retorno da morta. Porém, não se entendia mais a si mesmo. Aquella correria maluca através da cidade, perseguindo outra mulher tão diferente da que morrera, fazia apenas uma senança, deixava-o na maior das perplexidades. O seu corpo não pedira até então e nem podia actualmente nenhuma satisfação, nenhum amor; todo elle se transformara numa saudade exigente, mas sobre, que ordenava apenas a presença da esposa. E eis que de subito, sem nenhuma razão se passara a seguir aquella mulher mediocre de mulher mal vestida e feia. Porque?

Elle percebera que elle o seguia. Aprestara o passo. Felipe também. Entrara numa loja. Elle o seguia. Tomara o auto-móvel e elle outro. E então se deu o caso horrível. Os dois automoveis abalaram através da cidade, ruas do Braz, ruas dos Campos Elzeiros, ruas da Villa Mariana, uma perseguição encarnçada, uma encenação inapreciável de que a futuro lhe fugia nos vestes daquela mulher, até que numa rua deserta, quasi em frente ao Parque Antártico e automoveis della garra. Felipe fez parar o delle também. Desceu, correu para a mulher que, tendo decido também, pagava o chauffeur.

Elle voltou-se e olhou-o fria, enquanto o chauffeur abalava amedrontado. Felipe, de cabeça na mão, ficara sem o que falar, olhando a moça. Moça? Parecia muito semelhante, pelo menos, ao chapéuinho aguçado, as linhas do rosto deixavam felpadas, suspensas apenas pelas orelhas da caveira. Era uma moça grande, tumular. Deu um passo terroso, que o pé e o "rouge" não disfarçavam nada, bem differente da sua clara Laura, de olhos verdes, cabellos castanho escuro, pelle de leite e rosas. Felipe imaginou falar alguma coisa, quando uma lembrança impossível, que parecia vir de muito tempo, lhe fez ficar mais attentamente aquelle rosto insignificante. Era Laura, sim, era a Laura delle que ali estava, inteiramente outra, mas duma insuspeitável verdade! Elle sorriu sem ar, diante dessa especie de obnubilção dos sentidos, que lhe fazia imaginar uma tolice tamanha. Que reagir, mas pôde apenas criticar uma supplexão de enorme dor:

— Pelo amor de Deus! a senhora não é minha Laura, não!

A mulher abriu um olho desmodico, que não significava nada, nem sequer surpresa e murmurou lento, numa fala sem inflexão, que não era affirmativa, que não chego a pergunta:

— De não sou eu Laura...

Mas reconheceve immediatamente. Mezeu de leve a cabeça, em que os cabelos negros espocavam, apoiou-se contra o peito de Felipe, num gesto de quem se abandona, foi sorrir...

Mas Felipe recuava enfiado ante a doçura que não podia. A mulher teve uma indecisa muito pequena.

— Não fale mais nada, Felipe, não sou Laura. Olha, tome isto, compreenda e me procure, se quiser.

Tomou o automoveil delle, que ficava esperando, e mandou tocar, numa voz de tamanho medo, que Felipe até se distraiu

um bocão do espanto em que estava. Ficava nas mãos em que emburra, um lençinho leve, rapidamente por fumaça, muito em uso e meio voto. Numa das pontas havia um O'bolado a seda, que não significava nada pra elle.

Abriu o lençinho e foi tomado por um tremor convulsivo. Uma angustia tão transformada e maltratada, que deitou a chorar perdidamente, ali mesmo na avenida. Não era bem noite ainda naquellas desceitas horas de crepúsculo, os autos passavam rápidos. Felipe começou andando com rapidez, apurando contra o peito o objecto adorado. Todo elle estava entregue a aquella memória antiga e deliciosa e tão original relíquia-pulcra que de repente se lembrou a Laura no dia seguinte ao casamento. Objecto unico, inconfundível, assignado pelo artista que o fizera, proveniente dum desses grandes lucos de arte applicados que existem no Alentejo. Laura!... murmurava baixinho, enquanto instinctivamente procurava esconder as lagrimas que lhe corriam francamente pelo rosto, com a rapidez do andar.

Quanto andava, por que ruas andava assim? Não podia lembrar. Andava, andava, até que uma luz horrível lhe fustigou o olhar. Como que o relógio podia estar na posse daquela mulher, se elle mesmo, elle, Felipe, o prendera ao pulso da morte, para que ella levasse consigo o mesmo o penhor delle que mais apreciava? Porquê, então, sentido a cidade calar por cima.

Aproximou-se dum lampião perto para examinar bem a luz, e o relógio a definitivamente. Era sim o relógio de Laura, mas daquella noite em titer. Felipe estava completamente abobado. Veio uma fadiga errática, poros o automoveil que possuía e des a direcção do lar, machinalmente.

Agora estava deitado, sentia calor, mas tremia apitado, não tinha força pra se alisar da coberta, não tinha força pra se ar, não tinha forças. Foi sentindo aos poucos uma tudeida de vida e logo uma grande ton teira vertiginosa o sepultou num sono profundo.

Quando acordou, estava mais calmo e era dia velho. O mal estar lembrava-lhe immediatamente as cenas terríveis da vesperta, tinha que agir. A promessa de acção deu-lhe algum conforto, foi se lavando e vestindo rápido. Já á policia, ia ao cemiterio, arranjasse a exumação do cadaver (tinha um ar de Laura, mas devia ser enganado delle, não era Laura, não) naturalmente alguma ladroes tinham desvestido o tumulo, (mas como elle sentia a presença de Laura naquella mulher?) depois venderam os objectos roubados do cadaver, que horror, pobre Laura! Qual das Lauras? Repugnou-lhe a duvidade em que estava, como se fosse uma traição á esposa, havia de saber tudo!

Sabtu. A relutancia da policia foi pequena, arranjou-se tudo á sua hora, fechado o cemiterio do Aracy, os coveiros, cercados pelos vultos do delegado de Felipe e mais algumas pessoas, encapadas, as frentes do louro sol-por, iniciavam a vistoria do tumulo. Tiraram-se as covas secas, a terra fofa, as lagas pedras e o cado foi afinal trazido d'fora da terra. O cado estava vazio!

Elle sorria amargurado, enxugava as lagrimas do Estevinho, elle adormecera no collo della, com aquelles cabellos tão crespos, tão bonitos, alissados de mansinho por eis que de quando em quando murmurava: "Meu filho!"

— Que bobagem!

Suspirava. Cocava mansamente o braço nã, sentindo gostoso de passar a mão assim no braço nã, dentro duma vasta desproporção. Virava o rosto e via na parede o retrato a crayon de seu Quinzinho, feito na cidade e que custara duzentos mil réis.

Ah! tu estás a olhar praquelle rapariga! Deixa lá que o has de esquecer agora!

Era o seu Silva, do Emporio. A mão enorme subiu até o retrato arrancou-o da parede com formidável violencia, agora então, nem se discutia a manobra violenta, arremessava prego e tudo, o vidro partia com grande estrondo e o seu Silva destrua seu Quinzinho, com fragor. Ficava com um

IVA POR DEMAIS FIEL

LUIS ANTONIO MARQUES

nos anos já que ago Quinzinho era, mas dona Rita não queria mais de nada.

bona, mas o activo, olhos bem serenos e os dentes, accentuando a palidez extraordinariamente pura e translucida, ninguém lhe dava nem os trinta e cinco annos que já somara. O Pedro Baptista affirmava nas rodas que no máximo ella teria uns trinta e dois porquês quando a mãe delle ficara grávida do Estevinho, é que a irmã della vierá fazer companhia.

— Ora, mamãe sempre me contava que títia foi na festa de baptizado de títia... O Estevinho agora tem trinta! O Rita no máximo tem trinta e dois, isso garantido! Deixe elle que se apalote por ella, a differença não é grande, não.

O Estevinho andava macamburo e não gostava que bucassem. Só ficou furioso quando a professora, em pleno vigor das vinte e quatro primaveras virgens, garrulou, rindo, que d. Rita já passava dos quarenta.

— A senhora não se incomode, ouvia! Não lhe pergunti nada, nem tenho nada com o Rita! Deixo essa pobre moça em paz!

Uel seu Estevinho, falei não por falar, não precisa ficar sangado assim!

Estava desesperada de raiva e desistindo por momento de qualquer pretensão, o desejo era maltratar o Estevinho machucado. Continuou:

— Fique satisfeito que não pise mais no seu dedinho! Mas dizer que ella é "pobre moça", isso não! Nem pobre, nem moça! É por não ser nada pobre que parece moça para muita gente que se vende por dinheiro!

Estevinho já ficara triste outra vez. Mirou a professora com desprazo e se afastou. Isso a professora não ficou mais buca. Se tivesse um revólver, uma faca ali, suicidava-se com esplendor. Mas não tinha e ficou falando, falando, dizendo o dia do Estevinho que era no mínimo um malcriado, muito semvergonha.

Enquanto isso, os infundáveis lazaretos de d. Rita, provocavam-se de Estevinho e insultos Estevinho mais. Com mais frequência era o Estevinho que apparecia. Uma noite ella estava que ella havia um silencio enorme no bairro, ninguém podia defendê-la, quando ella sentiu arreborem a porta, viu-a aberta, fúria, questão que fosse com grande violencia, pilão! A porta arrebateou e cabiu com estrondo no chão. O Estevinho estava desfigurado:

— Rita, não honro mais e quero você para mim!

Apertava-a com tanta força que ella nem podia respirar. Ella bem queria dizer, "Estevinho, sossega!" mas não elle pegou na cara della, virou-a no traveseiro, e pondo-lhe o joelho no peito para segurar o miolho, ella já estava morrendo sem ar, deu-lhe um beijo, milhares de beijos, soluçando humildemente com o rosto escondido no seio della:

— Rita, sou teu escravo! Eu morro! Eu morro!...

Elle sorria amargurado, enxugava as lagrimas do Estevinho, elle adormecera no collo della, com aquelles cabellos tão crespos, tão bonitos, alissados de mansinho por eis que de quando em quando murmurava: "Meu filho!"

— Que bobagem!

Suspirava. Cocava mansamente o braço nã, sentindo gostoso de passar a mão assim no braço nã, dentro duma vasta desproporção. Virava o rosto e via na parede o retrato a crayon de seu Quinzinho, feito na cidade e que custara duzentos mil réis.

Ah! tu estás a olhar praquelle rapariga! Deixa lá que o has de esquecer agora!

Era o seu Silva, do Emporio. A mão enorme subiu até o retrato arrancou-o da parede com formidável violencia, agora então, nem se discutia a manobra violenta, arremessava prego e tudo, o vidro partia com grande estrondo e o seu Silva destrua seu Quinzinho, com fragor. Ficava com um

prodigioso pedaço de moldura na mão, intetirinho doirado, avançava para ella, erguia o braço e descarregava uma pancada bem no peito della que se dilacerava. Rangiara todo o vestido e ella estava quasi nua, mas era domingo, e ninguém passava na rua, quando seu Silva, com os olhos chupando fogo de lubricidade, arrastava todos os vestidos della e dona Rita ficava nua, com o peito ensanguentado de muito. "Ah! ah! ah!... eram cinco homens, os cinco examinando admirados o corpo della que era uma belleza, bem lão sem uma ruga e sem filhas. Dona Rita alheia convergia phada a pelle suave do braço, quando os cinco resolveram brigar por causa della e os cinco morreram escorrendo muito sangue, que bobagem!... que bobagem!...

Dona Rita chegou a fazer alto de tão impaciente e foi na janela espantada. Saudou uma vizinha e logo lembrou-se que esquecera de botar pó de arroz. Entrou de novo, pôz o pó de arroz, sentiu-se bem agradável e voltou para a janela com uma almofadinha de seda pro cotovelo. Dahi a pouco passou o Estevinho com oitavas de desgosto e saudou. Dona Rita saudou muito seria, muito fria. Logo depois veio passando seu Silva, que não tinha licença nem para cumprimentar. Dona Rita fingiu que não via. Passavam muitos, retardatarios do trabalho, ou que estavam passando depois do jantar, chamavam todos, e muitas destrajaram um olhar pra conectar a pretensão. Enquanto estavam longe, dona Rita olhava-se com avidez, mas quando perto, o olhar della evolvava-se para novas distancias, sem ver ninguém.

Nisto houve um grande estrondo do dentro da casa. Dona Rita virou-se pra dentro dando um estrondoso grita. Na rua muitas pessoas pararam e tres homens dedicados entraram pelo portãozinho pra vir proteger dona Rita.

— Saltem desta casa, cachorros! Puxa daqui! Vai!

— Mecha o pé! Deus lhe pague! foi o quadro que cabiu, eu arranjei, Deus lhe pague.

Os homens foram saindo muito desalentados, dizendo palavrões para aquella vivaz orgulhosa. Dona Rita na janela, fremita de raiva, deparando com os olhos aquelles tres que ella queria chamar soldado pra que fossem presos, uma grande dormira na frente da casa della esperando a ambulancia de promos, elles já iam longe no escuro, cachorros, desgraçados...

— Meça com esses rampantes credos!... Milho! se confessar prvé se acalma.

Estão Rita e lembrou que eram sete horas e antes de deitar tinha de ler o officio dos defuntos por alma de seu Quinzinho. Foi fazer esse obrigação.

VERSÃO EM EXEMPLAR DE TRABALHO
TRANSCRIÇÃO DIPLOMÁTICA

O CONTO SEMANAL

LUIZ ANTONIO MARQUES

Nota MA a grafite: reconhecimento da
autoria: assinatura “MAndrade”/
“M. de A.”.

O RELOGIO

Felipe deitou-se numa grande
agitação. O seu pensamento ain-
da impregnado inteiramente de
memorias da esposa desapare-
5 cida, era uma dôr quasi tangi-
vel; Felipe o sentia como que
transformado apenas num chô-
ro impaciente, pedindo, implo-
rando o retorno da morta. Po-
10 rém, não se entendia mais a si
mesmo. Aquella correria maluca
através da cidade, perseguindo
outra mulher tão differente da
que morrera, fazia apenas uma
15 semana, deixava-o na maior das
perplexidades. O seu corpo não
pedira até então e nem pedia
actualmente nenhuma satisfa-
ção, nenhum amor; todo elle se
20 tarnsformara numa saudade exi-
gente, mas sóbria, que ordenava
apenas a presença da esposa. E
eis que de subito, sem nenhuma
razão se puzera a seguir aquelle

25 vulto mediocre de mulher mal
vestida e feia. Porque?...

Ella percebera que elle a se-
guia. Apressara o passo. Felipe
tambem. Entrara numa loja. El-
30 le a esperara. Tomara o auto-
movel e elle outro. E então se-
dera o caso horrivel. Os dois au-
tomoveis abalaram através da
cidade, ruas do Braz, ruas dos
35 Campos Elyseos, ruas da Villa
Mariana, uma perseguição en-
carniçada, uma sensação inexpli-
cavel de que o futuro lhe fugia
nas vestes daquela mulher, até
40 que numa rua deserta, quasi em
frente ao Parque Antarctica o
automovel della parara. Felipe
fez parar o delle tambem. Des-
ceu, correu para a mulher que,
45 tendo descido tambem, pagava o
chauffeur.

Ella voltou-se e olhou-o fria,
emquanto o chauffeur abalava
amedrontado. Felipe, de chapéo
50 na mão, ficara sem o que falar,
olhando a moça. Moça? Parecia
muito envelhecida, pelo menos.
Sob o chapéozinho agarrado, as
linhas do rosto desciam fatiga-

55 das, suspensas apenas pelos os-
 sos da caveira. Era duma ma-
 greza tumular. Dum moreno ter-
 roso, que o pó e o “rouge” não
 disfarçavam nada, bem differen-
60 te da sua clara Laura, de olhos
 verdes, cabellos castanho escuro,
 pelle de leite e rosas. Felipe ima-
 ginou falar alguma cousa, quan-
 do uma lembrança impossivel,
65 que parecia vir de muito longe,
 lhe fez fixar mais attentamente
 aquelle rosto insignificante. Era
 Laura, sim, era a Laura delle
 que ali estava, inteiramente ou-
70 tra, mas duma insuspeitavel ver-
 dade! Elle sorriu sem ar, diante
 dessa especie de obnubilação dos
 sentidos, que lhe fazia imaginar
 uma tolice tamanha. Quiz re-
75 agir, mas pôde apenas articular
 uma supplica de enorme dôr:
 – Pelo amor de Deus! a se-
 nhora não é minha Laura, não!
 A mulher abriu uns olhos des-
80 medidos, que não significavam
 nada, nem sequer surpresa e
 murmurou lento, numa fala sem
 inflexão, que não era affirmati-
 va, que não chegava a pergunta:

85 – Se não sou Laura...

 Mas recobrou-se imediatamente. Mexeu de leve a cabeça, em que os cabelos negros esvoaçavam, apoiou-se contra o peito

90 de Felipe, num gesto de quem se abandona, foi sorrir... Mas Felipe recuara enjoado ante a dadiva que não pedia. A mulher teve uma indecisão muito pequena.

95 – Não fale mais nada, Felipe, não sou Laura. Olha, tome isto, compreenda e me procure, se quiser.

100 Tomou o automovel d'elle, que ficara esperando, e mandou tocar, numa voz de tamanho medo, que Felipe até se distraiu um bocado do espanto em que

105 estava. Ficara nas mãos com um embrulho, um lencinho leve, exorbitantemente perfumado, muito em uso e meio roto. Numa das pontas havia um C bordado

110 a seda, que não significava nada pra elle.

 Abriu o lencinho e foi tomado por um tremor convulsivo. Uma angustia tão transtornada o

115 maltratou, que desatou a chorar
perdidamente, ali mesmo na ave-
nida. Não era bem noite ainda
naquellas dezenove horas de ve-
rão, os autos passavam rápidos.

120 Felipe começou andando com ra-
pidez, agarrando contra o peito
o objecto adorado. Todo elle es-
tava entregue áquella memoria-
zinha delicada, o delicioso e tão

125 original relógio-pulseira que dé-
ra de presente a Laura no dia
seguinte ao casamento. Objecto
unico, inconfundivel, assignado
pelo artista que o fizera, prove-
niente dum desses grandes ly-

130 ceus de artes applicadas que
existem na Allemanha. Laura.
Laura!... murmurava baixi-
nho, emquanto instinctivamente

135 procurava esconder as lagrimas
que lhe corriam francamente pe-
lo rosto, com a rapidez do an-
dar.

Quanto andara, por que ruas
andara assim? Não podia lem-
brar. Andara, andara, até que
uma luz horrorosa lhe fustigou o
sêr inteiro. Como que o relógio
podia estar na posse daquella

145 mulher, se elle mesmo, elle, Felipe, o prendera ao pulso da morta, para que ella levasse consigo pro tumulto o penhor delle que mais apreciava? Parou tonto,
150 sentindo a cidade cahir por cima.

 Aproximou-se dum lampeão perto pra examinar bem a joia, reconhecê-la definitivamente.

155 Era sim o relojinho de Laura, marcando as vinte e quatro horas daquella noite sem viver. Felipe estava completamente abobado. Veio uma fadiga arrastada, parou o automovel que passava e deu a direcção do lar, machinalmente.

 Agora estava deitado, sentia calor, mas tremia agitado, não
165 tinha força pra se aliviar da coberta, não tinha força pra pensar, não tinha forças. Foi sentindo aos poucos uma indecisão de vida e logo uma grande ton-
170 teira vertiginosa o sepultou num somno profundo.

 Quando acordou, estava mais calmo e era dia velho. O mal estar lembrou-lhe immediata-

175 mente as scenas terriveis da ves-
pera, tinha que agir. A promes-
sa de acção deu-lhe algum con-
forto, foi se lavando e vestindo
rapido. Ia á policia, ia ao cemi-
180 terio, arranjava-se a exhumação
do cadaver (tinha um ar de Lau-
ra, mas devia ser engano delle,
não era Laura, não) natural-
mente alguns ladrões tinham de-
185 vastado o tumulo, (mas como
elle sentira a presença de Laura
naquella mulher?) depois vende-
ram os objectos roubados do ca-
daver, que horror, minha pobre
190 Laura! Qual das Lauras? Re-
pugnou-lhe a dubiedade em que
estava, como se fosse uma trai-
ção á esposa, havia de saber
tudo!

195 Sahiu. A relutancia da policia
foi pequena, arranjou-se tudo e
ás seis horas, fechado o cemite-
rio do Araçá, os coveiros, cer-
cados pelos vultos do delegado,
200 de Felipe e mais algumas pes-
soas, ennegrecidas, na frente do
louro sol-pôr, iniciavam a visto-
ria do tumulo. Tiraram-se as co-
rôas seccas, a terra fofa, as la-

205 ges pesadas e o caixão foi afinal
trazido á flor da terra. O caixão
estava vazio!

VERSÃO EM TEXTO APURADO COM ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

O RELÓGIO – Luís Antônio Marques [Mário de Andrade]. *Diário Nacional*. O Conto Semanal. São Paulo, 29 de março de 1930, sábado; [1939?].

Felipe deitou-se numa grande agitação. O seu pensamento ainda impregnado inteiramente de memórias da esposa desaparecida, era uma dor quase tangível; Felipe o sentia como que transformado apenas num choro impaciente, pedindo, implorando o retorno da morta. Porém, não se entendia mais a si mesmo. Aquela correria maluca através da cidade, perseguindo outra mulher tão diferente da que morrera, fazia apenas uma semana, deixava-o na maior das perplexidades. O seu corpo não pedira até então e nem pedia atualmente nenhuma satisfação, nenhum amor; todo ele se transformara numa saudade exigente, mas sóbria, que ordenava apenas a presença da esposa. E eis que de súbito, sem nenhuma razão se pusera a seguir aquele vulto medíocre de mulher mal vestida e feia. Por quê?

Ela percebera que ele a seguia. Apressara o passo. Felipe também. Entrara numa loja. Ele a esperara. Tomara o automóvel e ele outro. E então se dera o caso horrível. Os dois automóveis abalaram através da cidade, ruas do Brás, ruas dos Campos Elíseos, ruas da Vila Mariana, uma perseguição encarniçada, uma sensação inexplicável de que o futuro lhe fugia nas vestes daquela mulher, até que numa rua deserta, quase em frente ao Parque Antártica o automóvel dela parara. Felipe fez parar o dele também. Desceu, correu para a mulher que, tendo descido também, pagava o chofer.

Ela voltou-se e olhou-o fria, enquanto o chofer abalava amedrontado. Felipe, de chapéu na mão, ficara sem o que falar, olhando a moça. Moça? Parecia muito envelhecida, pelo menos. Sob o chapeuzinho agarrado, as linhas do rosto desciam fatigadas, suspensas apenas pelos ossos da caveira. Era duma magreza tumular. Dum moreno terroso, que o pó e o *rouge* não disfarçavam nada, bem diferente da sua clara Laura, de olhos verdes, cabelos castanho escuro, pele de leite e rosas. Felipe imaginou falar alguma coisa, quando uma lembrança impossível, que parecia vir de muito longe, lhe fez fixar mais atentamente aquele rosto insignificante. Era Laura, sim, era a Laura dele que ali estava, inteiramente outra, mas duma insuspeitável verdade! Ele sorriu sem

ar, diante dessa espécie de obnubilação dos sentidos, que lhe fazia imaginar uma tolice tamanha. Quis reagir, mas pôde apenas articular uma súplica de enorme dor:

– Pelo amor de Deus! a senhora não é minha Laura, não!

A mulher abriu uns olhos desmedidos, que não significavam nada, nem sequer surpresa e murmurou lento, numa fala sem inflexão, que não era afirmativa, que não chegava à pergunta:

– Se não sou Laura...

Mas recobrou-se imediatamente. Mexeu de leve a cabeça, em que os cabelos negros esvoaçavam, apoiou-se contra o peito de Felipe, num gesto de quem se abandona, foi sorrir... Mas Felipe recuara enjoado ante a dádiva que não pedia. A mulher teve uma indecisão muito pequena.

– Não fale mais nada, Felipe, não sou Laura. Olha, tome isto, compreenda e me procure, se quiser.

Tomou o automóvel dele, que ficara esperando, e mandou tocar, numa voz de tamanho medo, que Felipe até se distraiu um bocado do espanto em que estava. Ficara nas mãos com um embrulho, um lencinho leve, exorbitantemente perfumado, muito em uso e meio roto. Numa das pontas havia um C bordado a seda, que não significava nada pra ele.

Abriu o lencinho e foi tomado por um tremor convulsivo. Uma angústia tão transtornada o maltratou, que desatou a chorar perdidamente, ali mesmo na avenida. Não era bem noite ainda naquelas dezenove horas de verão, os autos passavam rápidos. Felipe começou andando com rapidez, agarrando contra o peito o objeto adorado. Todo ele estava entregue àquela memóriasinha delicada, o delicioso e tão original relógio-pulseira que dera de presente a Laura no dia seguinte ao casamento. Objeto único, inconfundível, assinado pelo artista que o fizera, proveniente dum desses grandes liceus de artes aplicadas que existem na Alemanha. Laura. Laura!... murmurava baixinho, enquanto instintivamente procurava esconder as lágrimas que lhe corriam francamente pelo rosto, com a rapidez do andar.

Quanto andara, por que ruas andara assim? Não podia lembrar. Andara, andara, até que uma luz horrorosa lhe fustigou o ser inteiro. Como que o relógio podia estar na posse daquela mulher, se ele mesmo, ele, Felipe, o prendera ao pulso da morta, para que

ela levasse consigo pro túmulo o penhor dele que mais apreciava? Parou tonto, sentindo a cidade cair por cima.

Aproximou-se dum lampião perto pra examinar bem a joia, reconhecê-la definitivamente. Era sim o relojinho de Laura, marcando as vinte e quatro horas daquela noite sem viver. Felipe estava completamente abobado. Veio uma fadiga arrastada, parou o automóvel que passava e deu a direção do lar, maquinalmente.

Agora estava deitado, sentia calor, mas tremia agitado, não tinha força pra se aliviar da coberta, não tinha força pra pensar, não tinha forças. Foi sentindo aos poucos uma indecisão de vida e logo uma grande tonteira vertiginosa o sepultou num sono profundo.

Quando acordou, estava mais calmo e era dia velho. O mal-estar lembrou-lhe imediatamente as cenas terríveis da véspera, tinha que agir. A promessa de ação deu-lhe algum conforto, foi se lavando e vestindo rápido. Ia à polícia, ia ao cemitério, arranjava-se a exumação do cadáver (tinha um ar de Laura, mas devia ser engano dele, não era Laura, não) naturalmente alguns ladrões tinham devastado o túmulo, (mas como ele sentira a presença de Laura naquela mulher?) depois venderam os objetos roubados do cadáver, que horror, minha pobre Laura! Qual das Lauras? Repugnou-lhe a dubiedade em que estava, como se fosse uma traição à esposa, havia de saber tudo!

Saiu. A relutância da polícia foi pequena, arranjou-se tudo e às seis horas, fechado o cemitério do Araçá, os coveiros, cercados pelos vultos do delegado, de Felipe e mais algumas pessoas, enegrecidas, na frente do louro sol-pôr, iniciavam a vistoria do túmulo. Tiraram-se as coroas secas, a terra fofa, as lajes pesadas e o caixão foi afinal trazido à flor da terra. O caixão estava vazio!

O GOLPE DE AR

Análise documentária, codicológica e genética:

PINHO, Luiz [ANDRADE, Mário de]. *O golpe de ar*. 1930, [1939?]. Versão em exemplar de trabalho, resultado da fusão das rasuras a grafite ao texto em duas colunas, recortado da seção Histórias e Contos do *Diário Nacional*; São Paulo, 5 de abril de 1930, sábado; assinatura abaixo do título. Recorte colado no verso de folha de papel jornal (32,6 x 21,6 cm), em cujo anverso estão, também colados, os contos *O relógio* e *A viúva por demais fiel*; Notas MA a grafite; rasuras a grafite, a tinta vermelha e a lápis vermelho; documento inserido em [1939?] no dossiê do título nº 44, *Contos curtos*, na série Manuscritos Mário de Andrade (MA-MMA-44).

Notas MA a grafite:

1. identificação do periódico e aposição de data: “Diario Nacional/ 5-IV-30”;
2. reconhecimento da autoria: assinatura “Mario de Andrade”, seguida das iniciais “M. de A.”.

Rasuras configurando 4 etapas na escritura:

A : versão impressa;

A¹: versão resultante das rasuras a grafite;

A²: versão resultante de rasura a tinta vermelha;

A³: versão A² confirmada por meio de rasura a lápis vermelho: cruz de Sto. André ou X, na diagonal, na extensão do texto.

Notas da edição:

1. A cor vermelha, do lápis de duas pontas, era usada por Mário de Andrade para designar versões de textos por ele aprovadas para publicação; a cor azul equivalia a veto.
2. A data atestada [1939?] deriva da publicação do conto “Retrato de piá”, cujo título é mudado para “Será o Benedito?”. Ambas as versões, a primeira extraída de *Roteiro*, nº 10, São Paulo, 5 de outubro de 1939, e a segunda, do Suplemento em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*, 2ª quinzena do mesmo mês e ano, estão datadas e rasuradas no recorte, figurando como exemplar de trabalho, no manuscrito *Contos curtos*, o que,

além de materializar a escritura dessa obra inacabada em 1939, traz à tona, logicamente, o revisitar de todos os contos.

Tipos de rasura – siglas:

> > acréscimo

< < supressão

* * substituição

| | alteração da pontuação

= = confirmação

HISTORIAS E CONTOS

O GOLPE DE AR

LUÍZ PINHO

— Fecha a porta, menina! Olhe o golpe de ar no pescoço de seu pai!

Deu uma raiva em Ritinha. Sempre esse bêta do golpe de ar! Pouco se amolavam que ela sofresse, que tivesse caído o mundo em cima della e a vida não valesse mais a pena por causa do Fride. Fride era o Frederico, moço como ella, uns dois annos a mais, bonito e socio athleta do Paulistano. Estava mesmo tudo decidido, Fride tinha dado o fóra nella e por causa disso o mundo cahira.

Ritinha viera pra casa jurando uma vez. Nem bem largara as modas, lá na loja em que trabalhava, fóra como sempre se despedindo das amigas e caminhando para o Ashangabahi, pertinho. Mais ansiosa que nunca. A Dedê entregara a carta, que carta bonita escrevera, com tanto amor e paixão! Vinha-lhe a idéa de preparar umas palavras pra dizer na entrevista, mas se distrahiu com a enxada de meia tenebrosa dello ter vindo ou não ao encontro.

Chegou no Ashangabahi e Fride não estava. Nem reparou que era um bocadinho cedo, ficou muito tristonha. Esperou, esperou muito e se fez tarde. Nem com a carta elle viera, cachorro! E foi então que o mundo cahiu. Abalou até ao Paulistano, com o mundo nas costas. Repensaram que Fride estava um e mandou chamar-o. Fride não veio ou veio, não sabia direito. Estava toda imbuída, imaginando no mundo que cahira por cima della, quando othou distraída para o vestibulo e viu que a porta se mexia, fechando. E logo vieram lhe falar que Fride sahira.

Subiu no bonde que quasi nem podia com o mundo assim tão cahido e o bonde a levou pra casa. Mas nem bem entrava, quando todos deviam correr pra ella, abraçá-la, pregar-lhe a cama e ella chorava muito e morria de amor e paixão, já lhe gritavam que fechasse a porta depressa por causa do golpe de ar no pescoço do pai, ingratos! Respondeu que já tinha tentado e foi para o quarto.

Deitou vestida mesmo. Viera-lhe uma fadiga deliciosa, porque a noite de verão estava meiga e quasi fria com os ventos trazidos da serra do Mar. O corpo de Ritinha se desmanchava na cama com essa voluptuosa desmaterialização das grandes interrogações interiores. Só se materializou de novo quando os meninos com zoadas enorme entraram pelo quarto falando que Pedro viera convidar pra um passeio de automovel. Os olhos de Ritinha brilharam não sei porque. Levantou-se e impensadamente foi até a porta da rua.

— Olha golpe de ar no seu pai, Rita!

Bateu a porta com estrepito atrás de si. O motorista estava na calçada esperando. Os meninos já tinham se instalado no forpede do aluguel que ainda brilhava em plena mocidade bem tratada. Pedro até era bem sympathico com o bigodinho tão na moda e o moreno trazido do sertão. Só entrava de dez horas no serviço e viera convidar porque amava. Mas Ritinha se lembrou logo que o mundo tinha caído e que num momento desses ninguém se lembra de passear. Disse que não ia, Pedro se amargurou e os meninos ficaram fúlos com a "diaba, peite, semvergonha" da mana. Pedro perguntou porque e ella respondeu:

— Estou triste.
Elle insistiu um bocadinho, porque só entrava de 10 horas no serviço,

que largaria de tres da madrugada. Depois disse adeus e partiu muito triste.

Ella entrou desesperada, prodigiosamente triste, com dois mundos, muitos e enormes mundos cahidos por cima della. Foi para a cama e enfim pôde chorar. Depois de chorar dormiu. Mas acordou sobresaltada, não era nem meia noite, oh fome! Mesmo na mala, estavam os chocolates que Pedro sempre lhe trazia do sertão. Mas uma desgraçada não come, ella pensou. E ficou pensando nos chocolates. Pensou, pensou, eram bem gostosos os chocolates, mas sempre lhe vinha aquella idéa arraigada de que o Fride era moço tão chique, era só choffeur de si mesmo naquella grandiosa baratinha em que ella passara duas vezes, passara aliás sem gosto por causa de Fride querer tanta coisa. Da primeira vez deu um beijo, da segunda deu muitos e aprendeu que não devia mais passear na baratinha, não passou. Fride...

Levantou-se machinalmente e foi buscar os chocolates, porque não podia mais com a fome. Comeu. Deitou-se de novo, mas que-dô sono! Só que estava bem mais forte agora, alimentada com quasi meio kilo de chocolates. Já tinha forças para ser desesperada. Pedro não! Só Fride, Fride do meu amor e da minha paixão! Estava com muita sede mas agua não tinha no quarto, só na sala de jantar. O relógio da casa bateu tenebrosamente as tres horas da madrugada. Pedro acabou o serviço, Ritinha pensou. O silencio devia ser grande, mas estava desmanchado pelo tremor da janela batida pela brisa fria. Foi então que Ritinha se lembrou que devia suicidar-se, mas com que? O golpe de ar! Fecha a porta, menina! Temiam que o golpe de ar matasse o pai, pois ella é que ia morrer com o golpe de ar. Aquella combinação salvadora de porta da rua e corredor lá na varanda seria a arma do suicidio. E assim ella aproveitava pra beber agua.

Ergueuse de novo e muito cautelosamente foi para a sala de jantar. Bebeu e matou a sede. Agora tinha que matar-se também. Tirou com muito jeito a trave da porta da rua, abriu-lhe o trinco, e fez uma fenda bem larga pra estrada do golpe de ar. Encostou-se a porta pra não bater. Depois sentou-se no lugar do pai, puzando o decote da blusa para as costas, offerecendo corajosa o pescoço ao golpe de ar. E logo entrou um golpe de ar violento, que fez Ritinha estremecer refrescada, que delicia! Que delicia morrer, ella pensava. O golpe de ar enlaçava-a toda, apertando Ritinha e cadeira no mesmo amplexo musculoso, segundo suavissimo: "Ritinha! Ritinha do meu coração!" O golpe de ar se erguia, abraçava-se, afundava-lhe a pelle do pescoço com os beijos ardentes e o bigodinho macio, acastanhado, torrado pelo sol queimador do sertão.

— Ritinha, não faz isso, não! O que passou, passou! Não me incomode, eu cuido com você!

Ritinha chorava mansamente, e deixava que o lenço meio sujo, vindo do bolso do doorman, misturado com flocos de fumo e cheiro de nicleis, lhe enxugasse as lagrimas bonitas. E o golpe de ar a erguia poderoso da cadeira de suicidio e murmurava nos cabellos della.

— Ritinha, feche esta porta e vá pra cama, senão você apanha com um golpe de ar!

*1, 2 me... era mesmo: não aguenta -
na mais com a sede*

Ritinha disse:

VERSÃO EM EXEMPLAR DE TRABALHO
TRANSCRIÇÃO DIPLOMÁTICA
E ANÁLISE DA ESCRITURA: ETAPAS E RASURAS

HISTORIAS E CONTOS

O GOLPE DE AR

LUIZ PINHO

Nota MA a grafite: reconhecimento de autoria: assinatura: “Mario de Andrade”/ “M. de A.”.

– Fecha a porta, menina! Olhe o golpe de ar no pescoço de seu pae!

Deu uma raiva em Ritinha. Sempre êsse bêsta de golpe de ar! Pouco se amolavam que ella soffresse, que tivesse cahido o mundo em cima della e a vida não valesse mais a pena por causa do Fride. Fride era o Frederico, moço como ella, uns dois annos a mais, bonito e socio athleta do Paulistano. Estava mesmo tudo decidido, Fride tinha dado o fóra nella e por causa disso o mundo cahira.

Ritinha viera pra casa jururú duma vez. Nem bem largara as modas, lá na loja em que trabalhava, fôra como sempre se despedindo das amigas e caminhando para o Anhangabahú, pertinho. Mais ansiosa que nunca. A Dedé entregara a carta, que carta bonita escrevera, com tanto amor e paixão! Vi-

25 nha-lhe a idéa de preparar umas
palavras pra dizer na conversa,
mas se distrahia com a ansiedade
meia tenebrosa delle ter vindo ou
não ao encontro.

30 Chegou no Anhangabahú e Fride
não estava. Nem reparou que era
um bocado cedo, ficou muito tris-
tinha. Esperou, esperou muito e se
fez tarde. Nem com a carta elle
35 viera, cachorro! E foi então que o
mundo cahiu. Abalou até ao Pau-
listano, com o mundo nas costas.
Responderam que Fride estava sim
e mandou chamal-o. Fride não veio
40 ou veio, não sabia direito. Estava
toda immersa, imaginando no mun-
do que cahira por cima della, quan-
do olhou distraida para o vestibulo
e viu que a porta se mexia, fechan-
45 do. E logo vieram lhe falar que
Fride sahira.

Subiu no bonde que quasi nem
podia com o mundo assim tão cahi-
do e o bonde a levou pra casa. Mas
50 nem bem entrava, quando todos de-
viam correr pra ella, abraçal-a, pre-
parar-lhe a cama ~~onde~~ ella chora-
ria muito e morresse de amor e
paixão, já lhe gritavam que fechas-

A¹: cama*pra* ella

A¹: ella *chorar* muito e *morrer* de

55 se a porta depressa por causa do
golpe de ar no pescoço do pae, in-
gratos! Respondeu que já tinha
jantado e foi para o quarto.

Deitou vestida mesmo. Viera-lhe
60 uma fadiga deliciosa, porque a noi-
tinha de verão estava meiga e qua-
si fria com os ventos trazidos da
serra do Mar. O corpo de Ritinha
se desmanchava na cama com essa
65 voluptuosa desmaterialização das
grandes interrogações interiores.
Só se materializou de novo quando
os meninos com zoadas enormes en-
traram pelo quarto falando que Pe-
70 dro viera convidar pra um passeio
de automovel. Os olhos de Ritinha
brilharam não sei porque. Levan-
tou-se e impensadamente foi até á
porta da rua.

75 – Olha golpe de ar no seu pae,
Rita!

Bateu a porta com estrepito atrás
de si. O motorista estava na calça-
da esperando. Os meninos já ti-
80 nham se installado no torpedo de
aluguel que ainda brilhava em ple-
na mocidade bem tratada. Pedro
até era bem sympathico com o bi-
godinho tão na moda e o moreno

85 trazido do sertão. Só entrava às dez
horas no serviço e viera convidar
porque amava. Mas Ritinha se lem-
brou logo que o mundo tinha ca-
hido e que num momento desses
90 ninguém se lembra de passear. Dis-
se que não ia, Pedro se amargurou
e os meninos ficaram fulos com a
“diaba, peste, semvergonha” da
mana. Pedro perguntou porque e A¹: porque [[?]] e
95 ~~ella respondeu:~~ A¹: ? *Ritinha disse*:
– Estou triste.
Elle insistiu um bocado, porque
só entrava às 10 horas no serviço,
que largaria às tres da madrugada.
100 Depois disse adeus e partiu muito
triste.
Ella entrou desesperada, prodi-
giosamente triste, com dois mun-
dos, muitos e enormes mundos ca-
105 hidos por cima della. Foi para a
cama e emfim poudo chorar. De-
pois de chorar dormiu. Mas accor-
dou sobresaltada, não era nem meia
noite, oh fome! Mesmo na mala, es-
110 condido por causa dos meninos, es-
tavam os chocolates que Pedro
sempre lhe trazia do serviço. Mas
uma desgraçada não come, ella
pensou. E ficou pensando nos cho-

115 chocolates. Pensou, pensou, eram bem
gostosos os chocolates, mas sempre
lhe vinha aquella idéa arraigada de
que o Fride era moço tão chique,
era só choffeur de si mesmo na-
120 quella grandiosa baratinha em que
ella passara duas vezes, passeios
aliás sem gosto por causa de Fride
querer tanta cousa. Da primeira
vez deu um beijo, da segunda deu
125 muitos e aprendeu que não devia
mais passear na baratinha, não
passeou. Fride...

Levantou-se machinalmente e foi
buscar os chocolates, porque não
130 podia mais com a fome. Comeu.
Deitou-se de novo, mas que-dê
somno! Só que estava bem mais
forte agora, alimentada com quasi
meio kilo de chocolates. Já tinha
135 forças para ser desgraçada. Pedro
não! Só Fride, Fride do meu amor
e da minha paixão! Estava com
muita sede mas agua não tinha no
quarto, só na sala de jantar. O re-
140 logio da casa bateu tenebrosamen-
te as tres horas da madrugada. Pe-
dro acabou o serviço, Ritinha pen-
sou. O silencio devia ser grande,
mas estava desmanchando pelo tre-

145 mor da janela batida pela brisa
fria. Foi então que Ritinha se lembrou que devia suicidar-se, mas com quê? O golpe de ar! Fecha a porta, menina! Temiam que o golpe de ar matasse o pae, pois ella
150 é que ia morrer com o golpe de ar. Aquella combinação salvadora de porta da rua e corredor lá na varanda seria a arma do suicidio.
155 E assim ella aproveitava pra beber agua.

A²: agua |>, que,... era mesmo:não aguenta-
/va mais com a sêde|>.

Ergueu-se de novo e muito cautelosamente foi para a sala de jantar. Bebeu e matou a sêde. Agora
160 tinha que matar-se tambem. Tirou com muito geito a tranca da porta da rua, abriu-lhe o trinco, e fez uma fenda bem larga pra entrada do golpe de ar. Encostou-se á porta
165 pra não bater. Depois sentou-se no lugar do pae, puxando o decote da blusa para as costas, offerecendo corajosa o pescocinho ao golpe de ar. E logo entrou um golpe de ar
170 violento, que fez Ritinha estremecer refrescada, que delicia! Que delicia morrer, ella pensava. O golpe de ar enlaçava-a toda, apertando Ritinha e cadeira no mesmo am-

A¹: ar. *Encostou a* porta

175 plexo musculoso, uivando suavissi-
mo: “Ritinha! Ritinha do meu co-
ração!” O golpe de ar se erguia,
abaixava-se, afinal ajoelhou por de-
trás della e roçou-lhe a pelle do
180 pescoço com os beijos ardendo e o
bigodinho macio, acastanhado, tor-
rado pelo sol queimador do sertão.

– Ritinha, não faz isso, não! O
que passou, passou! Não me incom-
185 modo, eu caso com você!

Ritinha chorava mansamente, e
deixava que o lenço meio sujo, vin-
do do bolso do dolman, misturado
com fiapos de fumo e cheiro de ni-
190 ckeis, lhe enxugasse as lagrimas
bonitas. E o golpe de ar a erguia
poderoso da cadeira de suicidio e
murmurava nos cabellos della.

– Ritinha, feche esta porta e vá
195 prá cama, senão você apanha com
um golpe de ar!

A³: =X=

VERSÃO EM TEXTO APURADO COM ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

O GOLPE DE AR – Luís Pinho [Mário de Andrade]. *Diário Nacional*. Histórias e Contos. São Paulo, 5 de abril de 1930, sábado; [1939?].

– Fecha a porta, menina! Olha o golpe de ar no pescoço de seu pai!

Deu uma raiva em Ritinha. Sempre esse besta de golpe de ar! Pouco se amolavam que ela sofresse, que tivesse caído o mundo em cima dela e a vida não valesse mais a pena por causa do Fride. Fride era o Frederico, moço como ela, uns dois anos a mais, bonito e sócio atleta do Paulistano. Estava mesmo tudo decidido, Fride tinha dado o fora nela e por causa disso o mundo caíra.

Ritinha viera pra casa jururu duma vez. Nem bem largara as modas, lá na loja em que trabalhava, fora como sempre se despedindo das amigas e caminhando para o Anhangabaú, pertinho. Mais ansiosa que nunca. A Dedé entregara a carta, que carta bonita escrevera, com tanto amor e paixão! Vinha-lhe a ideia de preparar umas palavras pra dizer na conversa, mas se distraía com a ansiedade meia tenebrosa dele ter vindo ou não ao encontro.

Chegou no Anhangabaú e Fride não estava. Nem reparou que era um bocado cedo, ficou muito tristonha. Esperou, esperou muito e se fez tarde. Nem com a carta ele viera, cachorro! E foi então que o mundo caiu. Abalou até ao Paulistano, com o mundo nas costas. Responderam que Fride estava sim e mandou chamá-lo. Fride não veio ou veio, não sabia direito. Estava toda imersa, imaginando no mundo que caíra por cima dela, quando olhou distraída para o vestíbulo e viu que a porta se mexia, fechando. E logo vieram lhe falar que Fride saía.

Subiu no bonde que quase nem podia com o mundo assim tão caído e o bonde a levou pra casa. Mas nem bem entrava, quando todos deviam correr pra ela, abraçá-la, preparar-lhe a cama pra ela chorar muito e morrer de amor e paixão, já lhe gritavam que fechasse a porta depressa por causa do golpe de ar no pescoço do pai, ingratos! Respondeu que já tinha jantado e foi para o quarto.

Deitou vestida mesmo. Viera-lhe uma fadiga deliciosa, porque a noitinha de verão estava meiga e quase fria com os ventos trazidos da serra do Mar. O corpo de

Ritinha se desmanchava na cama com essa voluptuosa desmaterialização das grandes interrogações interiores. Só se materializou de novo quando os meninos com zoadá enorme entraram pelo quarto falando que Pedro viera convidar pra um passeio de automóvel. Os olhos de Ritinha brilharam não sei por quê. Levantou-se e impensadamente foi até a porta da rua.

– Olha golpe de ar no seu pai, Rita!

Bateu a porta com estrépito atrás de si. O motorista estava na calçada esperando. Os meninos já tinham se instalado no torpedão de aluguel que ainda brilhava em plena mocidade bem tratada. Pedro até era bem simpático com o bigodinho tão na moda e o moreno trazido do sertão. Só entrava às dez horas no serviço e viera convidar porque amava. Mas Ritinha se lembrou logo que o mundo tinha caído e que num momento desses ninguém se lembra de passear. Disse que não ia, Pedro se amargurou e os meninos ficaram fulos com a “diaba, peste, sem-vergonha” da mana. Pedro perguntou por quê? Ritinha disse:

– Estou triste.

Ele insistiu um bocão, porque só entrava às 10 horas no serviço, que largaria às três da madrugada. Depois disse adeus e partiu muito triste.

Ela entrou desesperada, prodigiosamente triste, com dois mundos, muitos e enormes mundos caídos por cima dela. Foi para a cama e enfim pôde chorar. Depois de chorar dormiu. Mas acordou sobressaltada, não era nem meia-noite, oh fome! Mesmo na mala, escondido por causa dos meninos, estavam os chocolates que Pedro sempre lhe trazia do serviço. Mas uma desgraçada não come, ela pensou. E ficou pensando nos chocolates. Pensou, pensou, eram bem gostosos os chocolates, mas sempre lhe vinha aquela ideia arraigada de que o Fride era moço tão chique, era só chofer de si mesmo naquela grandiosa baratinha em que ela passara duas vezes, passeios aliás sem gosto por causa de Fride querer tanta coisa. Da primeira vez deu um beijo, da segunda deu muitos e aprendeu que não devia mais passear na baratinha, não passou. Fride...

Levantou-se maquinalmente e foi buscar os chocolates, porque não podia mais com a fome. Comeu. Deitou-se de novo, mas que-dê sono! Só que estava bem mais forte agora, alimentada com quase meio quilo de chocolates. Já tinha forças para ser desgraçada. Pedro não! Só Fride, Fride do meu amor e da minha paixão! Estava com muita sede mas água não tinha no quarto, só na sala de jantar. O relógio da casa bateu

tenebrosamente às três horas da madrugada. Pedro acabou o serviço, Ritinha pensou. O silêncio devia ser grande, mas estava desmanchando pelo tremor da janela batida pela brisa fria. Foi então que Ritinha se lembrou que devia suicidar-se, mas com quê? O golpe de ar! Fecha a porta, menina! Temiam que o golpe de ar matasse o pai, pois ela é que ia morrer com o golpe de ar. Aquela combinação salvadora de porta da rua e corredor lá na varanda seria a arma do suicídio. E assim ela aproveitava pra beber água, que,... era mesmo: não aguentava mais com a sede.

Ergueu-se de novo e muito cautelosamente foi para a sala de jantar. Bebeu e matou a sede. Agora tinha que matar-se também. Tirou com muito jeito a tranca da porta da rua, abriu-lhe o trinco, e fez uma fenda bem larga pra entrada do golpe de ar. Encostou a porta pra não bater. Depois sentou-se no lugar do pai, puxando o decote da blusa para as costas, oferecendo corajosa o pescozinho ao golpe de ar. E logo entrou um golpe de ar violento, que fez Ritinha estremecer refrescada, que delícia! Que delícia morrer, ela pensava. O golpe de ar enlaçava-a toda, apertando Ritinha e cadeira no mesmo amplexo musculoso, uivando suavíssimo: “Ritinha! Ritinha do meu coração!” O golpe de ar se erguia, abaixava-se, afinal ajoelhou por detrás dela e roçou-lhe a pele do pescoço com os beijos ardendo e o bigodinho macio, acastanhado, torrado pelo sol queimador do sertão.

– Ritinha, não faz isso, não! O que passou, passou! Não me incomode, eu caso com você!

Ritinha chorava mansamente, e deixava que o lenço meio sujo, vindo do bolso do dólmã, misturados com fiapos de fumo e cheiro de níqueis, lhe enxugasse as lágrimas bonitas. E o golpe de ar a erguia poderoso da cadeira de suicídio e murmurava nos cabelos dela.

– Ritinha, feche esta porta e vá pra cama, senão você apanha com um golpe de ar!

O BAMBA

Análise documentária, codicológica e genética:

MARQUES, Luis Antonio [ANDRADE, Mário de]. *O Bamba*, 1930, [1939?]. Versão em exemplar de trabalho confirmando o texto impresso em duas colunas, recortado da seção Histórias e Contos do *Diário Nacional*; São Paulo, 13 de abril de 1930, domingo; assinatura abaixo do título. Recorte colado em folha de papel jornal (32,6 x 21,8 cm), rasgamento na borda direita; Notas MA a grafite; documento inserido em [1939?] no dossiê do título nº 44, *Contos curtos*, na série Manuscritos Mário de Andrade (MA-MMA-44).

Notas MA a grafite:

1. identificação do periódico e aposição de data: “Diario Nacional/ 13-IV-30”;
2. reconhecimento da autoria: assinatura “MAndrade”.

Versão A: confirmação da versão impressa; ausência de rasuras.

Nota da edição: A data atestada [1939?] deriva da publicação do conto “Retrato de piá”, cujo título é mudado para “Será o Benedito?”. Ambas as versões, a primeira extraída de *Roteiro*, nº 10, São Paulo, 5 de outubro de 1939, e a segunda, do Suplemento em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*, 2ª quinzena do mesmo mês e ano, estão datadas e rasuradas no recorte, figurando como exemplar de trabalho, no manuscrito *Contos curtos*, o que, além de materializar a escritura dessa obra inacabada em 1939, traz à tona, logicamente, o revisitar de todos os contos.

13-IV-30

O BAMBA

Maria deu um grito abafado e ficou olhando para o homem, que do outro lado da cerca e fixava chapéu na cabeça, com aqueles olhos bem d'ella, olhos de sapo, enormes, doces, fixos. A portugueza empallidecera. Ergueu o busto, deixando cair no chão a roupa que lavava, e o corpo della, carnudo e violento, se destacava na sombra do tanque, animando, dando vitalidade a todo o ambiente.

Maria era lavadeira. Casara com o Bamba lam fazer tres annos. Bem que as companheiras encoavam della, que o typo era indolente, pequeninho, sem força para nada. Era mesmo, porém aquelles olhos magnificamente suaves, com uma luz interior tão viva, até aquelle corpo magro, pobre de musculos, revoltoso, na portugueza forte, ardentes instinctos maternos. Casou. Levaram vida de encanto uns tres mezes. O Bamba era carinhoso, tão gostoso! Principalmente aquelle gesto que elle tinha de vir se enlugar no collo della, após o trabalho e ficar ali sem conversar, quieto, immovel, sem uma palavra, Maria cobria a cara feia com seus beiços. O Bamba olhando para ella, comendo-a com os olhos fixos, "que olhos de sapo, tem você!" ella dizia derreada, sentindo as forças se esvaírem para dentro dasquelle sér estranho. E acabara ficando pensativa com aquillo. O Bamba quasi não falava. Não se divertia nunca. Vinha do trabalho e sempre junto della, procurando sempre um gesto para se encostar nella. Se encostava, prompto: elle immovel, olhos fixos nella, parecendo num trabalho intensissimo interior a que não podia desviar nenhuma actividade do sér. As amigas, que se tinham afastado della, quando a viam na rua distam-lhe que estava magra. Estava mesmo. Enagrecia a olhos vistos e não tinha mais a mesma vida para trabalhar, muito pallida, sempre desejando dormir. Pelo contrario o Bamba dera para engordar. A côr escura delle clareara na pelle distendida, estava forte e por duas vezes ultimamente dera mostras de possuir uma força prodigiosa.

Maria deixara-se inquieta essa noite. Alguma coisa estava succedendo, que ella não percebia, bem, uma coisa que lhe parecia terrível. E lhe vinha uma idéa vaga de odio contra o doce Bamba. Ali pelas duas horas acordou. Silencio em tudo. O quarto estava immovel. Maria, sob a coberta leve sentiu calor e percebeu que isto lhe vinha do Bamba, deitado á direita, de certo dormindo. Ella não podia saber porque estava dotada de costas e teve medo de virar o rosto para o lado do seu homem. Mas o corpo delle todo, da cabeça aos pés, se encostava nella, grudado nella, feito uma ventosa. Essa lembrança da ventosa incommodou Maria como uma revelação. Por mais reparo em si e percebeu que estava derreada, fadadissima como agora sempre acordava todas as manhãs. Num momento o Bamba quasi se mexeu, se encostando mais nella. Maria teve uma especie de vertigem e sentiu como se todas as materias liquidas do seu corpo se desviassem para o lado do homem. Teve a impressão nitida que o Bamba estava colhendo as fluidas vitas do corpo delle. Pulou da cama e sahiu correndo do quarto. Só parou indecisa no quintal, não podia fugir de camião para a rua, não sabia o que fazer. O Bamba apparecera na porta. Cravou olhos bem tristes nella e murmurou: "Maria!" A lavadeira distancou, que estava muito nervosa, que estava doente, etc., e passaram a noite acordados, ella se recusando a voltar para cama.

No outro dia, quando o Bamba veio do trabalho, Maria não estava na casa. Esperou-a, esperou-a muito porém nunca mais a lavadeira voltou. Maria fugira para Santos e aqui ficara, vivendo. As forças foram lhe voltando aos poucos, a actividade, a energia. Agora, só raramente ella imaginava no Bamba, e lhe vinha sempre a idéa que fugira a tempo. E eis que a cara delle se espetava ali na cerca como se fosse a dum supplicado. Estava magro outra vez, encu-

rissimo e a côr ainda lhe fazia vibrar mais os olhos maravilhosos. Via-o naquelle sempre geito com que enfiava a cabeça nos hombros para olhá-la mais, immovel. Porém agora as forças eram de novo da lavadeira e depois do rapido susto inicial, ella se recobrou. Disse com desprante ao Bamba: — Ao menos saude a gente, homem!

Elle sorriu com tristeza sem tirar os olhos della e, tremendo com o esforço, ergueu um bocado o braço direito, abaixou a cabeça e pendeu tocar no chapéu. Maria seguiu-lhe o gesto, percebeu então que o Bamba estava com muletas. Aquelles instinctos maternos que ella sempre sentira diante delle voltaram com impulso piedoso, ella correu para o portãozinho que abriu. O Bamba estava miseravel de pobreza physica. Sob os trapos, em que Maria reconheceu a mesma roupa de ha tres annos, o corpo contorcido e magro. Elle respondeu que fora um accidente de trabalho e conversaram longamente, ella apiedada. O Bamba estava paralytico dos braços e o pé esquerdo, amassado no tombo dum peso na officina, pendia agora dum pé mais curto. Maria acabou dando-lhe o que comar e onde dormir. Ficou com o Bamba. Fechava-se a chave sempre, viviam quasi como estranhos, porque elle não sabia mesmo conversar. Mas quasi todas as noites, dasquelle immenso verão, Maria acordava. Vinha-lhe uma piedade enganosa do seu homem e desejos de se entregar. Elle recusava doce, dizendo que "assim, não", que podia fazer mal á sua beneficiadora, preferia soffrer sozinho. E o toc-toc pausado da muleta o levava para dentro. Maria ficou numa erupção renuncia, cheia de paixão. Nessa noite trouxe o Bamba para o quarto della e o lavou submissa e o estendeu na caminha estreita de solteira em que agora dormia. Murmurou "Filho!" sorrindo e o agasalhou nas suas caricias. Passou a noite acordada. Mas agora o Bamba não fazia um gesto para tocar-lhe no corpo e tirar-lhe as forças vitas. Maria levantou-se feliz, numa integridade violenta que o solitismo forçado em que vivia depois da separação não lhe dera jamais.

De noite estava bem fatigada com a vigília da noite anterior. Lavou seu homem, deitou-o carinhoso, deitou-se ao lado e desprevenida, olhando muito aquelles olhos humes na noite, dormiu. Logo o somno della se tornou muito inquieto, a moça se debatia. Rapidos retalhos de sonhos horribes lhe ardião no sér dormindo e quasi momentos de lucidez acordada em que havia a noção duma enorme desgraça. Quería, e não podia acordar. Debatia-se mais, vivava, uma percepção firme de chegar na beirada da cama, qahir no chão, se libertar, mas um peso a prendia. Vinham-lhe dores no corpo, especialmente nos braços, e vertigens subitaneas em que ficava mais calma e se entregava a um somno de morte. Depois voltava a gestulação sem sentido, recordava sentindo um corpo sobre o seu, mexia a cara sobre a qual outra se depositava, era indolente. Afinal, voltando ainda dum dos deliquies em que se immobilizava exausta, abriu os olhos em sonho e percebeu nas frestas a luz da madrugada. Deu um enorme grito e acordou. O Bamba teve medo. Maria percebeu um corpo de macaco pulando no quarto, a janela se abriu interminavelmente por dois braços bem agéis e fortes agora, o corpo trepava na janela, deixando pender no claro de fora um pé amassado. Pulou para o quintalzinho, desapareceu. Maria quiz erguer o busto e gritar por soccorro. Mas os braços não lhe obedeciam mais, immovels, paralyticos, jogados sobre a cama, como ella nos seus carinhos maternos, depois dos banhos, via tristemente jogados os braços do Bamba. E pela memoria, mortalmente horrorizada, lhe passava na frente o vulto victorioso do Bamba, gesticulante, pulando a janela, partindo para nunca mais.

LUIS ANTONIO MARQUES

VERSÃO EM EXEMPLAR DE TRABALHO
TRANSCRIÇÃO DIPLOMÁTICA

HISTORIAS E CONTOS

O BAMBA

Maria deu um grito abafado e ficou olhando para o homem, que do outro lado da cerca a fixava, chapéu na cabeça, com aquelles
5 olhos bem delle, olhos de sapo, enormes, doces, fixos. A portugueza empallidecera. Ergueu o busto, deixando cahir no chão a roupa que lavava, e o corpo della, carnudo e violento, se destacava na
10 sombra do tanque, animando, dando vitalidade a todo o ambiente.

Maria era lavadeira. Casara com o Bamba iam fazer tres annos. Bem que as companheiras caçoavam della, que o typo era indecente, pequenininho, sem força para nada. Era mesmo, porém aquelles olhos magnificamente
15 suaves, com uma luz interior tão viva, até aquelle corpo magro, pobre de masculos, revolviam na portuguezona forte, ardentes instintos maternas. Casou. Levaram

25 vida de encanto uns tres mezes. O
Bamba era carinho só, tão gostoso!
Principalmente aquelle geito que
elle tinha de vir se aninhar no col-
lo della, após o trabalho e ficar
30 ali sem conversar, quieto, immovel,
sem uma palavra, Maria cobria a
cara feia com seus beijos. O Bam-
ba olhando para ella, comendo-a
com os olhos fixos, “que olhos de
35 sapo, tem você!” ella dizia derrea-
da, sentindo as forças se esvaiem
para dentro daquelle sêr estranho.

E acabara ficando pensativa
com aquillo. O Bamba quasi não
40 falava. Não se divertia nunca. Vi-
nha do trabalho e sempre junto
della, procurando sempre um gei-
to para se encostar nella. Se en-
costava, prompto: eil-o immovel,
45 olhos fixos nella, parecendo num
trabalho intensissimo interior a
que não podia desviar nenhuma
actividade do sêr. As amigas, que
se tinham afastado della, quando
50 a viam na rua diziam-lhe que esta-
va magra. Estava mesmo. Ema-
grecia a olhos vistos e não tinha
mais a mesma vida para trabalhar,
muito pallida, sempre desejando

55 dormir. Pelo contrario o Bamba
déra para engordar. A côr escura
delle clareara na pelle distendida,
estava forte e por duas vezes ul-
timamente déra mostras de pos-
60 suir uma força prodigiosa.

Maria deitara-se inquieta essa
noite. Alguma cousa estava suc-
cedendo, que ella não percebia
bem, uma cousa que lhe parecia
65 terrivel. E lhe vinha uma idéa va-
ga de odio contra o doce Bamba.
Ali pelas duas horas acordou. Si-
lencio em tudo. O quarto estava
immovel. Maria, sob a coberta
70 leve sentiu calor e percebeu que
isso lhe vinha do Bamba, deitado
á direita, de certo dormindo. Ella
não podia saber porque estava dei-
tada de costas e teve medo de vi-
75 rar o rosto para o lado do seu ho-
mem. Mas o corpo delle todo, da
cabeça aos pés, se encostava nel-
la, grudado nella, feito uma ven-
tosa. Essa lembrança da ventosa
80 incommodou Maria como uma reve-
lação. Poz mais reparo em si e
percebeu que estava derreada, fa-
tigadissima como agora sempre
acordava todas as manhãs. Num

85 momento o Bamba quasi se me-
xeu, se encostando mais nella. Ma-
ria teve uma especie de vertigem
brusca e sentiu como se todas as
materias liquidas do seu corpo se
90 desviavam para o lado do homem.
Teve a impressão nitida que o
Bamba estava colhendo os fluidos
vitaes do corpo della. Pulou da ca-
ma e sahiu correndo do quarto.

95 Só parou indecisa no quintal, não
podia fugir de camisolão para a
rua, não sabia o que fazer. O Bam-
ba apparecera na porta. Cravou
olhos bem tristes nella e murmu-
100 rou: “Maria!” A lavadeira disfar-
çou, que estava muito nervosa, que
estava doente, etc., e passaram a
noite acordados, ella se recusando
a voltar para cama.

105 No outro dia, quando o Bamba
veio do trabalho, Maria não esta-
va na casa. Esperou-a, esperou-a
muito porém nunca mais a lava-
deira voltou. Maria fugira para
110 Santos e aqui ficara, vivendo. As
forças foram lhe voltando aos pou-
cos, a actividade, a energia. Ago-
ra, só raramente ella imaginava
no Bamba, e lhe vinha sempre a

115 idéa que fugira a tempo. E eis que
 a cara delle se espetava ali na cer-
 ca como se fosse a dum supplicia-
 do. Estava magro outra vez, escu-
 rissimo e a côr ainda lhe fazia vi-
 120 brar mais os olhos maravilhosos.
 Via-o naquelle sempre geito com
 que enfiava a cabeça nos hom-
 bros para olhal-a mais, immovel.
 Porém agora as forças eram de
 125 novo da lavadeira e depois do ra-
 pido susto inicial, ella se recobra-
 ra. Disse com desplante ao Bamba:
 – Ao menos saude a gente, ho-
 mem!
 130 Elle sorriu com tristeza sem ti-
 rar os olhos della e, tremendo com
 o esforço, ergueu um bocado o
 braço direito, abaixou a cabeça e
 poudé tocar no chapéu. Maria se-
 135 guiu-lhe o gesto, percebeu então
 que o Bamba estava com muletas.
 Aquelles instinctos maternaes que
 ella sempre sentira diante delle
 voltaram com impulso piedoso, el-
 140 la correu para o portãozinho que
 abriu. O Bamba estava miseravel
 de pobreza physica. Sob os tra-
 pos, em que Maria reconheceu a
 mesma roupa de ha tres annos, o

145 corpo contorcido e magro. Elle res-
pondeu que fôra um accidente de
trabalho e conversaram longa-
mente, ella apiedada. O Bamba es-
tava paralytico dos braços e o pé
150 esquerdo, amassado no tombo dum
peso na officina, pendia agora
duma perna mais curta. Maria
acabou dando-lhe o que comer e
onde dormir. Ficou com o Bamba.
155 Fechava-se a chave sempre, viviam
quasi como estranhos, porque elle
não sabia mesmo conversar. Mas
quasi todas as noites, daquelle
immenso verão, Maria acordava.
160 Vinha-lhe uma piedade enganosa
do seu homem e desejos de se en-
tregar. Elle recusara doce, dicen-
do que “assim, não”, que podia
fazer mal á sua bemfeitora, pre-
165 feria soffrer sosinho. E o toc-toc
pausado da muleta o levava para
dentro. Maria ficou numa erupti-
va renuncia, cheia de paixão. Nes-
sa noite trouxe o Bamba para o
170 quarto della e o lavou submissa e
o estendeu na caminha estreita de
solteira em que agora dormia.
Murmurou “Filho!” sorrindo e o
agasalhou nas suas caricias. Pas-

175 sou a noite acordada. Mas agora
o Bamba não fazia um gesto para
tocar-lhe no corpo e tirar-lhe as
forças vitaes. Maria levantou-se
feliz, numa integridade violenta
180 que o solteirismo forçado em que
vivia depois da separação não lhe
déra jamais.

De noite estava bem fatigada
com a vigilia da noite anterior.

185 Lavou seu homem, deitou-o cari-
nhosa, deitou-se ao lado e despre-
venida, olhando muito aquelles
olhos luzentes na noite, dormiu.
Logo o sonno della se tornou
190 muito inquieto, a moça se debatia.
Rápidos retalhos de sonhos horri-
veis lhe ardiam no sêr dormindo e
quasi momentos de lucidez acor-
dada em que havia a noção duma
195 enorme desgraça. Queria, e não
podia acordar. Debatia-se mais,
virava, uma percepção firme de
chegar na beirada da cama, cahir
no chão, se libertar, mas um peso
200 a prendia. Vinham-lhe dores no
corpo, especialmente nos braços, e
vertigens subitaneas em que fica-
va mais calma e se entregava a
um sonno de morte. Depois volta-

205 va a gesticulação sonnambula, en-
treacordava sentindo um corpo
sobre o seu, mexia a cara sobre a
qual outra se depositava, era me-
donho. Afinal, voltando ainda dum
210 dos deliquios em que se immobili-
zava exausta, abriu os olhos em
sonho e percebeu nas frestas a
luz da madrugada. Deu um enorme
grito e acordou. O Bamba teve
215 medo. Maria percebeu um corpo
de macaco pulando no quarto, a
janela se abriu inteirinha movida
por dois braços bem ageis e fortes
agora, o corpo trepava na janela,
220 deixando pender no claro de fóra
um pé amassado. Pulou para o
quintalzinho, desapareceu. Maria
quiz soerguer o busto e gritar por
socorro. Mas os braços não lhe
225 obedeciam mais, immoveis, para-
lyticos, jogados sobre a cama, co-
mo ella nos seus carinhos mater-
nos, depois dos banhos, via triste-
mente jogados os braços do Bam-
230 ba. E pela memoria, mortalmente
horrorizada, lhe passava na frente
o vulto victorioso do Bamba, ges-
ticulante, pulando a janela, partin-
do para nunca mais.

LUIS ANTONIO MARQUES

Nota MA a grafite: reconhecimento da
autoria: assinatura “MAndrade”.

VERSÃO EM TEXTO APURADO COM ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

O BAMBA – Luís Antônio Marques [Mário de Andrade]. *Diário Nacional*. Histórias e Contos. São Paulo, 13 de abril de 1930, domingo; [1939?].

Maria deu um grito abafado e ficou olhando para o homem, que do outro lado da cerca a fixava, chapéu na cabeça, com aqueles olhos bem dele, olhos de sapo, enormes, doces, fixos. A portuguesa empalidecera. Ergueu o busto, deixando cair no chão a roupa que lavava, e o corpo dela, carnudo e violento, se destacava na sombra do tanque, animando, dando vitalidade a todo o ambiente.

Maria era lavadeira. Casara com o Bamba iam fazer três anos. Bem que as companheiras caçoavam dela, que o tipo era indecente, pequenininho, sem força para nada. Era mesmo, porém aqueles olhos magnificamente suaves, com uma luz interior tão viva, até aquele corpo magro, pobre de músculos¹, revolviam na portuguesona forte, ardentes instintos maternos. Casou. Levaram vida de encanto uns três meses. O Bamba era carinho só, tão gostoso! Principalmente aquele jeito que ele tinha de vir se aninhar no colo dela, após o trabalho e ficar ali sem conversar, quieto, imóvel, sem uma palavra, Maria cobria a cara feia com seus beijos. O Bamba olhando para ela, comendo-a com os olhos fixos, “que olhos de sapo, tem você!” ela dizia derreada, sentindo as forças se esvaírem para dentro daquele ser estranho.

E acabara ficando pensativa com aquilo. O Bamba quase não falava. Não se divertia nunca. Vinha do trabalho e sempre junto dela, procurando sempre um jeito para se encostar nela. Se encostava, pronto: ei-lo imóvel, olhos fixos nela, parecendo num trabalho intensíssimo interior a que não podia desviar nenhuma atividade do ser. As amigas, que se tinham afastado dela, quando a viam na rua diziam-lhe que estava magra. Estava mesmo. Emagrecia a olhos vistos e não tinha mais a mesma vida para trabalhar, muito pálida, sempre desejando dormir. Pelo contrário o Bamba dera para engordar. A cor escura dele clareara na pele distendida, estava forte e por duas vezes ultimamente dera mostras de possuir uma força prodigiosa.

¹ Nota da edição: correção conjectural: na versão impressa: “masculos” (V. transcrição diplomática).

Maria deitara-se inquieta essa noite. Alguma coisa estava sucedendo, que ela não percebia bem, uma coisa que lhe parecia terrível. E lhe vinha uma ideia vaga de ódio contra o doce Bamba. Ali pelas duas horas acordou. Silêncio em tudo. O quarto estava imóvel. Maria, sob a coberta leve sentiu calor e percebeu que isso lhe vinha do Bamba, deitado à direita, de certo dormindo. Ela não podia saber por que estava deitada de costas e teve medo de virar o rosto para o lado do seu homem. Mas o corpo dele todo, da cabeça aos pés, se encostava nela, grudado nela, feito uma ventosa. Essa lembrança da ventosa incomodou Maria como uma revelação. Pôs mais reparo em si e percebeu que estava derreada, fatigadíssima como agora sempre acordava todas as manhãs. Num momento o Bamba quase se mexeu, se encostando mais nela. Maria teve uma espécie de vertigem brusca e sentiu como se todas as matérias líquidas do seu corpo se desviassem para o lado do homem. Teve a impressão nítida que o Bamba estava colhendo os fluídos vitais do corpo dela. Pulou da cama e saiu correndo do quarto. Só parou indecisa no quintal, não podia fugir de camisolão para a rua, não sabia o que fazer. O Bamba aparecera na porta. Cravou olhos bem tristes nela e murmurou: “Maria!” A lavadeira disfarçou, que estava muito nervosa, que estava doente, etc., e passaram a noite acordados, ela se recusando a voltar para cama.

No outro dia, quando o Bamba veio do trabalho, Maria não estava na casa. Esperou-a, esperou-a muito porém nunca mais a lavadeira voltou. Maria fugira para Santos e aqui ficara, vivendo. As forças foram lhe voltando aos poucos, a atividade, a energia. Agora, só raramente ela imaginava no Bamba, e lhe vinha sempre a ideia que fugira a tempo. E eis que a cara dele se espetava ali na cerca como se fosse a dum supliciado. Estava magro outra vez, escuríssimo e a cor ainda lhe fazia vibrar mais os olhos maravilhosos. Via-o naquele sempre jeito com que enfiava a cabeça nos ombros para olhá-la mais, imóvel. Porém agora as forças eram de novo da lavadeira e depois do rápido susto inicial, ela se recobrou. Disse com desprazo ao Bamba:

– Ao menos saúde a gente, homem!

Ele sorriu com tristeza sem tirar os olhos dela e, tremendo com o esforço, ergueu um bocado o braço direito, abaixou a cabeça e pôde tocar no chapéu. Maria seguiu-lhe o gesto, percebeu então que o Bamba estava com muletas. Aqueles instintos maternos que ela sempre sentira diante dele voltaram com impulso piedoso, ela correu para o portãozinho que abriu. O Bamba estava miserável de pobreza física. Sob os trapos, em

que Maria reconheceu a mesma roupa de há três anos, o corpo contorcido e magro. Ele respondeu que fora um acidente de trabalho e conversaram longamente, ela apiedada. O Bamba estava parálítico dos braços e o pé esquerdo, amassado no tombo dum peso na oficina, pendia agora duma perna mais curta. Maria acabou dando-lhe o que comer e onde dormir. Ficou com o Bamba. Fechava-se a chave sempre, viviam quase como estranhos, porque ele não sabia mesmo conversar. Mas quase todas as noites, daquele imenso verão, Maria acordava. Vinha-lhe uma piedade enganosa do seu homem e desejos de se entregar. Ele recusara doce, dizendo que “assim, não”, que podia fazer mal à sua benfeitora, preferia sofrer sozinho. E o toc-toc pausado da muleta o levava para dentro. Maria ficou numa eruptiva renúncia, cheia de paixão. Nessa noite trouxe o Bamba para o quarto dela e o lavou submissa e o estendeu na caminha estreita de solteira em que agora dormia. Murmurou “Filho!” sorrindo e o agasalhou nas suas carícias. Passou a noite acordada. Mas agora o Bamba não fazia um gesto para tocar-lhe no corpo e tirar-lhe as forças vitais. Maria levantou-se feliz, numa integridade violenta que o solteirismo forçado em que vivia depois da separação não lhe dera jamais.

De noite estava bem fatigada com a vigília da noite anterior. Lavou seu homem, deitou-o carinhosa, deitou-se ao lado e desprevenida, olhando muito aqueles olhos luzentes na noite, dormiu. Logo o sono dela se tornou muito inquieto, a moça se debatia. Rápidos retalhos de sonhos horríveis lhe ardiam no ser dormindo e quase momentos de lucidez acordada em que havia a noção duma enorme desgraça. Queria, e não podia acordar. Debatia-se mais, virava, uma percepção firme de chegar na beirada da cama, cair no chão, se libertar, mas um peso a prendia. Vinham-lhe dores no corpo, especialmente nos braços, e vertigens subitâneas em que ficava mais calma e se entregava a um sono de morte. Depois voltava a gesticulação sonâmbula, entreacordava sentindo um corpo sobre o seu, mexia a cara sobre a qual outra se depositava, era medonho. Afinal, voltando ainda dum dos delíquios em que se imobilizava exausta, abriu os olhos em sonho e percebeu nas frestas a luz da madrugada. Deu um enorme grito e acordou. O Bamba teve medo. Maria percebeu um corpo de macaco pulando no quarto, a janela se abriu inteirinha movida por dois braços bem ágeis e fortes agora, o corpo trepava na janela, deixando pender no claro de fora um pé amassado. Pulou para o quintalzinho, desapareceu. Maria quis soerguer o busto e gritar por socorro. Mas os braços não lhe obedeciam mais, imóveis, parálíticos, jogados sobre a cama, como ela

nos seus carinhos maternos, depois dos banhos, via tristemente jogados os braços do Bamba. E pela memória, mortalmente horrorizada, lhe passava na frente o vulto vitorioso do Bamba, gesticulante, pulando a janela, partindo para nunca mais.

O FUGITIVO

Análise documentária, codicológica e genética:

PINHO, Luis [ANDRADE, Mário de]. *O fugitivo*, 1930, [1939?]. Versão em exemplar de trabalho, confirmando o texto impresso em duas colunas, recortado da seção Histórias e Contos do *Diário Nacional*; São Paulo, 27 de abril de 1930, domingo; assinatura no final do texto; Notas MA a grafite; rasura a lápis vermelho; documento inserido em [1939?] no dossiê do título nº 44, *Contos curtos*, na série Manuscritos Mário de Andrade (MA-MMA-44) e ali suprimido e deslocado em 1941, pelo escritor, para o dossiê de *Contos novos*, obra inacabada na série, título nº 35 na mesma série, na se tornou a primeira versão de *O ladrão* (MA-MMA-35). Nota MA a grafite:

1. identificação do periódico e aposição de data: “D. Nacional/ 27-IV-30”.

Rasura configurando 2 etapas na escritura:

A : versão impressa;

A¹: confirmação da versão A por meio da indicação a lápis vermelho “utilizado”, na diagonal.

Notas da edição:

1. A data atestada [1939?] deriva da publicação do conto “Retrato de piá”, cujo título é mudado para “Será o Benedito?”. Ambas as versões, a primeira extraída de *Roteiro*, nº 10, São Paulo, 5 de outubro de 1939, e a segunda, do Suplemento em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*, 2^a quinzena do mesmo mês e ano, estão datadas e rasuradas no recorte, figurando como exemplar de trabalho, no manuscrito *Contos curtos*, o que, além de materializar a escritura dessa obra inacabada em 1939, traz à tona, logicamente, o revisitar de todos os contos.

2. Em 1941, a versão datiloscrita, intitulada “O ladrão”, no dossiê de *Contos novos* recebe chamada (1) ao lado título e explicação no rodapé: “(1) Este conto é desenvolvimento de uma das crônicas historiadas que, /sob os pseudônimos de Luís Pinho e Luís Antônio Marques,/ publiquei no *Diário Nacional*, de São Paulo, em 1931. M. de A.”; e no final do texto: “Mário de Andrade/ São Paulo, 16-VIII-41”.

STORIAS E CONTO

O FUGITIVO

— Pega!
O moço desembocou, seriam onze meia da noite, desembocou na rua deserta...

— Pega!
Parou indeciso. Sacudiu o polícia:

— Viu elle?
O policia acorreu sobresaltado, foi puxando o revólver:

— Viu quem?
— Ora sebo!

Não hesitou mais e deitou correndo para rua, porque lhe parecia ter divisado um vulto em disparada na esquina de lá. O guarda, ainda estremunhado, não sabia o que fazer, porém vinham já quasi na esquina mais tres individuos correndo:

— Ajuda, guarda!

O policia tambem lá foi correndo na mesma direcção dos outros. Alcançaram o moço na outra esquina, conversando com outro que vinha pra casa:

— E', mas elle é capaz que dá a volta lá em cima e passa na esquina de lá.

Virou-se para os que vinham:

— Vão por esta rua, eu dou a volta por cá. Seu guarda, me ajuda!

— Vam'borá! Pega!

— Pega! Pega!

E o grupo repartiu-se em dois, na disparada. Nas ruas inteiramente adormecidas o frio quedava devagar. A porta de uma casa illuminou-se e mais dois rapazes sahiram correndo tambem, enfiando os paletós. Um derrubou o chapéu, voltou para pegal-o, hesitou, acabou tomando pela mesma rua do irmão. Uma ou outra janela acordava numa cabeça entredormida envolta em agasalhos.

Os dois irmãos foram pegar os perseguidores, dois quarteirões adiante, numa algazarra desesperada.

— Pegaram!

— Safado... elle...

— Deixa de conversa, seu guarda! agora o senhor começa conversando ahi, o damnado escapa...

— Eu vou na esquinha de lá se não elle escapa outra vez!

— Vá mesmo! olha vá com elle, você, pra serem dois. Seu guarda, o senhor é que pôde bater na casa!

— Pois então, vamos lá!

Foram. Foi todo o grupo, agora umas seis pessoas. Ficou só o velho que já não podia mais nem respirar, offegante da carreira. Os dois irmãos, que estavam desapontados com a resposta afobada do moço, ficaram tambem, castigando os perseguidores com a propria inactividade. Mas o moço, lá adiante, se voltára pra ver quem ficava na esquina. Viu os tres e continuou satisfeito. Pararam no grupo de casas quasi central da rua. Dois pares de moradias, paredes meias, separados por dois corredores abertos e o muro alto. Nas extremas dois jardimzinhos de burguezia difficil.

Pararam indecisos. Em qual das casas bater? O que vira o fugitivo entrar, não estava ali para indicar a casa. Ninguém sabia quem vira. Os mais cuidadosos, tres, tinham ido para a calçada fronteira. Entrecolharam-se desconfiados, meio com vergonha.

— Tenho familia.

— Idem.

— Pode vir uma bala...

Muitas janelas illuminadas. Sabia gente encapuçada nas portas. Branquejavam pijamas saindo de

capotes mal vestidos. O guarda estava tonto, sustentando posição nos olhos do grupo. Vinha mais gente correndo, dois homens. A janela duma das casas visadas jorrou de chofre no grupo um surto de luz, todos recuaram. Era uma senhora.

— Minha senhora, acho que entrou um homem na sua casa que nós viemos perseguindo...

— Meu Deus...

— A senhora deixa entrar...

— Nossa Senhora, estou perdida! eu quero sahir!

Um dos tres cautelosos da calçada fronteira, agarrou o braço do companheiro mais perto, gritou:

— Oi lá!

E veio em disparada, atravessando a rua, se esconder rente do grupo de casas onde o fugitivo entrara. Os companheiros tinham feito como elle; e o policia, o moço, o grupo, todos tinham corrido para junto dos tres, se defendendo tambem. O moço perguntava com odio. O cauteloso respondia.

— Eu vi... (mal podia fallar de commoção) no telhado...

O moço atravessou a rua correndo para ver. A senhora abriu o portão e o outro pegado tambem se abriu com um rapaz muito novo. O grupo barafustou pelos dois corredores, repartindo-se, enquanto os cautelosos faziam, mesmo porém para entrar numa das casas e se ressaltarem das balas do alto. O pessoal das esquinas chegava, cansado de não saber. Nos quintaes dos fundos os perseguidores repartidos inspecionavam os telhados.

— Não ha nada, um falou.

— Olha!... Ah não é...

— Mas o que foi, heim? perguntavam na rua as pessoas das janelas.

— Não sei! diz-que estão perseguindo um ladrão...

O moço, que ficara de fóra examinando os telhados, virou-se com raiva:

— Quem lhe disse que era ladrão!

— O que era?

Quem falava era uma senhora sem nenhum prazer. O moço olhou-a, deu de hombros. Inda fez um gesto fatigado e murmurou nos dentes:

— Desgraçado...

Alguns perseguidores sahiram na rua. Os outros varejavam as casas.

— Não ha nada!

Não havia ninguem nas quatro casas e todos foram sahindo. O guarda conversava alto, bem distraído. O grupo, na rua, já não tinha cohesão possivel e sentia-se nitidamente os circulos se separando. Varias janelas fechavam e por uma dellas agora se via um rapaz louro, perdido o somno, estudando violino. Tocava uma valsa que era boa. Os perseguidores estavam com vergonha de se perguntarem a quem perseguiam. Mas ninguem sabia. O moço, no pequeno grupo que o cercava, dizia que continuara atrás dum homem que sahira duma casa gritando para pegarem outro. Fóra atrás. Os tres que tinham incitado o guarda, contavam a coisa de outro jeito.

— Não ha nada...

Aos policos tudo se dispersava. A rua estava de novo quasi morta, janelas todas fechadas, menos a do violinista. Lá na outra esquina ficara um grupo conversando. Mas é que por lá passava bonde.

LUIS PINO

VERSÃO EM EXEMPLAR DE TRABALHO
TRANSCRIÇÃO DIPLOMÁTICA
E ANÁLISE DA ESCRITURA: ETAPAS E RASURAS

HISTORIAS E CONTOS

O FUGITIVO

– Pega!

O moço desembocou, seriam onze meia da noite, desembocou na rua deserta...

5 – Pega!

Parou indeciso. Sacudiu o policia:

– Viu elle?

10 O policia acordou sobresaltado, foi puxando o revólver:

– Viu quem?

– Ora sebo!

15 Não hesitou mais e deitou correndo para rua, porque lhe parecia ter divisado um vulto em disparada na esquina de lá. O guarda, ainda estremunhado, não sabia o que fazer, porém vinham já quasi na esquina mais tres individuos correndo:

20

– Ajuda, guarda!

O policia tambem lá foi correndo na mesma direcção dos outros. Alcançaram o moço na outra es-

25 quina, conversando com outro que
vinha pra casa:

– É, mas elle é capaz que dá a
volta lá em cima e passa na esqui-
na de lá.

30 Virou-se para os que vinham:

– Vão por esta rua, eu dou a
volta por cá. Seu guarda, me
ajuda!

– Vam’bora! Pega!

35 – Pega! Pega!

E o grupo repartiu-se em dois,
na disparada. Nas ruas inteira-
mente adormecidas o frio quedava
devagar. A porta de uma casa il-
40 luminou-se e mais dois rapazes sa-
hram correndo tambem, enfiando
os paletós. Um derrubou o chapéo,
voltou para pegal-o, hesitou, aca-
bou tomando pela mesma rua do
45 irmão. Uma ou outra janela acor-
dava numa cabeça entredormida
envolta em agasalhos.

Os dois irmãos foram pegar os
perseguidores, dois quarteirões
50 adiante, numa algazarra desespe-
rada.

– Pegaram!

– Safado... elle...

– Deixa de conversa, seu guar-

55 da! agora o senhor começa conver-
sando ahi, o damnado escapa...

– Eu vou na esquina de lá se-
não elle escapa outra vez!

– Vá mesmo! olha vá com elle,
60 você, pra serem dois. Seu garda,
o senhor é que póde bater na casa!

– Pois então, vamos lá!

Foram. Foi todo o grupo, agora
umas seis pessoas. Ficou só o ve-
65 lho que já não podia mais nem res-
pirar, offegante da carreira. Os
dois irmãos, que estavam desapon-
tados com a resposta afobada do
moço, ficaram tambem, castigan-
70 do os perseguidores com a propria
inactividade. Mas o moço, lá adian-
te, se voltára pra ver quem ficava
na esquina. Viu os tres e continuou
satisfeito. Pararam no grupo de
75 casas quasi central da rua. Dois
pares de moradias, paredes meias,
separados por dois corredores
abertos e o muro alto. Nas extre-
mas dois jardimzinhos de burgue-
80 zia difficil.

Pararam indecisos. Em qual das
casas bater? O que vira o fugitivo
entrar, não estava ali para indicar
a casa. Ninguem sabia quem vira.

85 Os mais cuidadosos, tres, tinham
ido para a calçada fronteira. En-
treolharam-se desconfiados, meio
com vergonha.

– Tenho família.

90 – Idem.

– Pode vir uma bala...

Muitas janelas illuminadas. Sa-
hia gente encapuçada nas portas.
Branquejavam pijamas saindo de

95 capotes mal vestidos. O guarda
estava tonto, sustentando posição
nos olhos do grupo. Vinha mais
gente correndo, dois homens. A
janela duma das casas visadas

100 jorrou de chofre no grupo um sur-
to de luz, todos recuaram. Era
uma senhora.

– Minha senhora, acho que en-
trou um homem na sua casa que

105 nós viemos perseguindo...

– Meu Deus...

– A senhora deixa entrar...

– Nossa Senhora, estou perdi-
da! eu quero sahir!...

110 Um dos tres cautelosos da cal-
çada fronteira, agarrou o braço do
companheiro mais perto, gritou:

– Oi lá!...

E veio em disparada, atraves-

115 sando a rua, se esconder rente do
grupo de casas onde o fugitivo
entrara. Os companheiros tinham
feito como elle; e o policia, o mo-
ço, o grupo, todos tinham corrido
120 para junto dos tres, se defendendo
tambem. O moço perguntava com
odio. O cauteloso respondia.
– Eu vi... (mal podia falar de
commoção) no telhado...

125 O moço atravessou a rua cor-
rendo para ver. A senhora abrira
o portão e o outro pegado tam-
bem se abrira com um rapaz mui-
to novo. O grupo barafustou pelos
130 dois corredores, repartindo-se,
emquanto os cautelosos faziam o
mesmo porém para entrar numa
das casas e se ressalvarem das ba-
las do alto. O pessoal das esqui-
135 nas chegava, cansado de não sa-
ber. Nos quintaes dos fundos os
perseguidores repartidos inspec-
cionavam os telhados.
– Não ha nada, um falou.
140 – Olha!... Ah, não é...
– Mas o que foi, heim? pergun-
tavam na rua as pessoas das ja-
nelas.
– Não sei! diz-que estão perse-

145 guindo um ladrão...

O moço, que ficara de fóra examinando os telhados, virou-se com raiva:

– Quem lhe disse que era ladrão!

150

– O que era?

Quem falava era uma senhora sem nenhum prazer. O moço olhou-a, deu de ombros. Inda

155 fez um gesto fatigado e murmurou nos dentes:

– Desgraçado...

Alguns perseguidores sahiram na rua. Os outros varejavam as

160 casas.

– Não ha nada!

Não havia ninguem nas quatro casas e todos foram sahindo. O guarda conversava alto, bem distrahido. O grupo, na rua, já não

165 tinha cohesão possivel e sentia-se nitidamente os circulos se separando. Varias janelas fechavam e por uma dellas agora, se via um

170 rapaz louro, perdido o somno, estudando violino. Tocava uma valsa que era boa. Os perseguidores estavam com vergonha de se perguntarem a quem perseguiam. Mas

175 ninguém sabia. O moço, no peque-
no grupo que o cercava, dizia que
continuara atrás dum homem que
sahira duma casa gritando para
pegarem outro. Fora atrás. Os tres
180 que tinham incitado o guarda, con-
tavam a coisa de outro geito.

– Não ha nada...

Aos poucos tudo se dispersava.
A rua estava de novo quasi mor-
185 ta, janelas todas fechadas, menos a
do violinista. Lá na outra esquina
ficara um grupo conversando. Mas
é que por lá passava bonde.

LUIS PINHO

A¹: =utilizado=

VERSÃO EM TEXTO APURADO COM ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

O FUGITIVO – Luís Pinho [Mário de Andrade]. *Diário Nacional*. História e Contos. São Paulo, 27 de abril de 1930, domingo; [1939?].

– Pega!

O moço desembocou, seriam onze meia da noite, desembocou na rua deserta...

– Pega!

Parou indeciso. Sacudiu o polícia:

– Viu ele?

O polícia acordou sobressaltado, foi puxando o revólver:

– Viu quem?

– Ora sebo!

Não hesitou mais e deitou correndo para rua, porque lhe parecia ter divisado um vulto em disparada na esquina de lá. O guarda, ainda estremunhado, não sabia o que fazer, porém vinham já quase na esquina mais três indivíduos correndo:

– Ajuda, guarda!

O polícia também lá foi correndo na mesma direção dos outros. Alcançaram o moço na outra esquina, conversando com outro que vinha pra casa:

– É, mas ele é capaz que dá a volta lá em cima e passa na esquina de lá.

Virou-se para os que vinham:

– Vão por esta rua, eu dou a volta por cá. Seu guarda, me ajuda!

– Vam'bora! Pega!

– Pega! Pega!

E o grupo repartiu-se em dois, na disparada. Nas ruas inteiramente adormecidas o frio quedava devagar. A porta de uma casa iluminou-se e mais dois rapazes saíram correndo também, enfiando os paletós. Um derrubou o chapéu, voltou para pegá-lo, hesitou, acabou tomando pela mesma rua do irmão. Uma ou outra janela acordava numa cabeça entredormida envolta em agasalhos.

Os dois irmãos foram pegar os perseguidores, dois quarteirões adiante, numa algazarra desesperada.

– Pegaram!

– Safado... ele...

– Deixa de conversa, seu guarda! agora o senhor começa conversando aí, o danado escapa...

– Eu vou na esquina² de lá senão ele escapa outra vez!

– Vá mesmo! olha vá com ele, você, pra serem dois. Seu guarda³, o senhor é que pode bater na casa!

– Pois então, vamos lá!

Foram. Foi todo o grupo, agora umas seis pessoas. Ficou só o velho que já não podia mais nem respirar, ofegante da carreira. Os dois irmãos, que estavam desapontados com a resposta afobada do moço, ficaram também, castigando os perseguidores com a própria inatividade. Mas o moço, lá adiante, se voltara pra ver quem ficava na esquina. Viu os três e continuou satisfeito. Pararam no grupo de casas quase central da rua. Dois pares de moradias, paredes meias, separados por dois corredores abertos e o muro alto. Nas extremas dois jardinzinhos de burguesia difícil.

Pararam indecisos. Em qual das casas bater? O que vira o fugitivo entrar, não estava ali para indicar a casa. Ninguém sabia quem vira. Os mais cuidadosos, três, tinham ido para a calçada fronteira. Entreolharam-se desconfiados, meio com vergonha.

– Tenho família.

– Idem.

– Pode vir uma bala...

Muitas janelas iluminadas. Saía gente encapuzada nas portas. Branquejavam pijamas saindo de capotes mal vestidos. O guarda estava tonto, sustentando posição nos olhos do grupo. Vinha mais gente correndo, dois homens. A janela duma das casas visadas jorrou de chofre no grupo um surto de luz, todos recuaram. Era uma senhora.

– Minha senhora, acho que entrou um homem na sua casa que nós viemos perseguindo...

– Meu Deus...

– A senhora deixa entrar...

– Nossa Senhora, estou perdida! eu quero sair!...

² Nota da edição: correção conjectural: na versão impressa: “esquinda” (V. transcrição diplomática).

³ Nota da edição: correção conjectural: na versão impressa: “garda” (V. transcrição diplomática).

Um dos três cautelosos da calçada fronteira, agarrou o braço do companheiro mais perto, gritou:

– Oi lá!...

E veio em disparada, atravessando a rua, se esconder rente do grupo de casas onde o fugitivo entrara. Os companheiros tinham feito como ele; e o polícia, o moço, o grupo, todos tinham corrido para junto dos três, se defendendo também. O moço perguntava com ódio. O cauteloso respondia.

– Eu vi... (mal podia falar de comoção) no telhado...

O moço atravessou a rua correndo para ver. A senhora abrira o portão e o outro pegado também se abrira com um rapaz muito novo. O grupo barafustou pelos dois corredores, repartindo-se, enquanto os cautelosos faziam o mesmo porém para entrar numa das casas e se ressalvarem das balas do alto. O pessoal das esquinas chegava, cansado de não saber. Nos quintais dos fundos os perseguidores repartidos inspecionavam os telhados.

– Não há nada, um falou.

– Olha!... Ah, não é...

– Mas o que foi, hein? perguntavam na rua as pessoas das janelas.

– Não sei!, diz-que⁴ estão perseguindo um ladrão...

O moço, que ficara de fora examinando os telhados, virou-se com raiva:

– Quem lhe disse que era ladrão!

– O que era?

Quem falava era uma senhora sem nenhum prazer. O moço olhou-a, deu de ombros. Inda fez um gesto fatigado e murmurou nos dentes:

– Desgraçado...

Alguns perseguidores saíram na rua. Os outros varejavam as casas.

– Não há nada!

Não havia ninguém nas quatro casas e todos foram saindo. O guarda conversava alto, bem distraído. O grupo, na rua, já não tinha coesão possível e sentia-se nitidamente os círculos se separando. Várias janelas fechavam e por uma delas agora, se via um rapaz louro, perdido o sono, estudando violino. Tocava uma valsa que era boa. Os perseguidores estavam com vergonha de se perguntarem a quem perseguiam. Mas

⁴ Nota da edição: conservada a forma “diz-que”, característica do uso da língua portuguesa falada no Brasil por Mário de Andrade.

ninguém sabia. O moço, no pequeno grupo que o cercava, dizia que continuara atrás dum homem que saíra duma casa gritando para pegarem outro. Fora atrás. Os três que tinham incitado o guarda, contavam a coisa de outro jeito.

– Não há nada...

Aos poucos tudo se dispersava. A rua estava de novo quase morta, janelas todas fechadas, menos a do violinista. Lá na outra esquina ficara um grupo conversando. Mas é que por lá passava bonde.

A VIÚVA POR DEMAIS FIEL

Análise documentária, codicológica e genética:

[ANDRADE, Mário de]. *A viúva por demais fiel*/ (1930). Conto. Versão em datiloscrito original, fita preta, papel sulfite branco (31,9 x 21,9 cm); rasuras a tinta preta e a lápis vermelho.

A versão no datiloscrito, aqui denominada A, exhibe rasuras a tinta preta configurando uma nova etapa na escritura, e a lápis vermelho:

A : versão datiloscrita;

A¹: versão resultante das rasuras a tinta preta.

A²: versão confirmada por meio de rasura a lápis vermelho: pequena cruz de Sto. André ou X, ao lado do título.

Este documento precedeu a versão, não localizada fora do arquivo de MA, que deu base à versão publicada no jornal, e de lá extraída pelo escritor para compor:

MARQUES, Luis Antonio [ANDRADE, Mário de]. *A viúva por demais fiel*, 1930, [1939?]. Versão em exemplar de trabalho, resultado da fusão das rasuras a grafite ao texto impresso em duas colunas, recortado da seção Histórias e Contos do *Diário Nacional*; São Paulo, 11 de maio de 1930, domingo. Recorte à direita do conto *O relógio*, ambos colados em folha de papel jornal (32,6 x 21,6 cm), em cujo verso está, também colado, o conto *O golpe de ar*; Notas MA a grafite; rasuras a grafite, a tinta vermelha e a lápis vermelho. Ambos os documentos foram inseridos em [1939?] no dossiê do título nº 44, *Contos curtos*, na série Manuscritos Mário de Andrade (MA-MMA-44).

Notas MA a grafite:

1. identificação do periódico e aposição de data: “Diário Nacional/ 11-V-30”;
2. reconhecimento da autoria: assinatura “MAndrade”.

A versão em exemplar de trabalho, aqui denominada B (seria C, uma vez localizado o texto que deu forma à publicação no jornal), exhibe rasuras a grafite e a lápis vermelho, cristalizando 3 etapas na escritura:

B : versão impressa;

B¹: versão resultante das rasuras a grafite;

B²: confirmação da versão B¹ por meio de rasura a lápis vermelho: cruz de Sto. André ou X, na diagonal, na extensão do texto.

Notas da edição:

1. A data atestada [1939?] deriva da publicação do conto “Retrato de piá”, cujo título é mudado para “Será o Benedito?”. Ambas as versões, a primeira extraída de *Roteiro*, n° 10, São Paulo, 5 de outubro de 1939, e a segunda, do Suplemento em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*, 2ª quinzena do mesmo mês e ano, estão datadas e rasuradas no recorte, figurando como exemplar de trabalho, no manuscrito *Contos curtos*, o que, além de materializar a escritura dessa obra inacabada em 1939, traz à tona, logicamente, o revisitar de todos os contos.

2. As variantes no texto de 1930 revelam-no anterior ao que saiu no *Diário Nacional*, em 11 de maio de 1930.

Tipos de rasura – siglas:

< < supressão

* * substituição

| | alteração da pontuação

deslocamento

= = confirmação

Dois anos já que seu Quinzinho morrêra mas dona Rita não queria saber mais de marido. E o caminho dela estava se enchendo de espaventos. Ainda moça, no seu tipo brasileiro um bocado enjoativo, olhos bem serenos, quase negros, acentuando a palidez extraordinariamente translúcida; ^{ninguém} ~~não~~ lhe dava mais os trinta e cinco já somados. Pedro Batista afirmava nas rodas que, no máximo, ela teria uns trinta e dois porquê quando a mãe d'êle ficara grávida do Estevinho, é que a irmã dela viera...

-Ora: mamãe sempre me contou que titia foi na festa de batizado da Rita... O Estevinho tem trinta. Dona Rita deve estar chegando nos trinta e dois, isso garanto! Deixe ôle que se apaixone, ~~porquê~~ ^{porquê}, a diferença não é grande não.

Estevinho andava macambúcio e não gostava que brincassem. Só ficou furioso ^(mas) foi quando a professora, em pleno vigor das vinte e quatro ~~primaveras~~ ^{virgindades,} ~~virgindades, garantiu rindo que a Rita já passava dos quarenta.~~

-A senhora não se incomode, ouviu! não lhe perguntei nada! não tenho nada com ela! Deixe a pobre moça em paz!

-Ué, seu Estevinho! falei só por falar, não precisa ficar zangado assim!

Estava desesperada de raiva, e desistindo no momento de qualquer pretensão, o desejo era maltratar o Estevinho.

-Fique sossegado que não piso mais no seu dedinho! Mas dizer que ela é "pobre moça", isso não! Nema pobre, nem moça! É só por não ser pobre que parece moça pra certa gente...

Estevinho já ficara macambúcio outra vez. Mirou a professora com desprezo e se afastou. E a professora ficou dizendo o diabo do Estevinho. Enquanto isso, os infindáveis lazes de dona Rita se povoavam de estevinhos. Com mais frequência era o Estevinho que aparecia. Por exemplo, nessa tarde: Uma noite, ela já deitada, um silêncio, ninguém pra defendê-la, quando sentiu arrombarem a porta violentamente. Fazia questão que fosse com violência, plão! A porta arreventou e caiu com estrondo bem no ventre dela. Estevinho entrou desfigurado:

-Rita! não posso mais! quero você pra mim!

E apertava com tanta força que ela nem podia respirar. Bem que ela queria dizer "Estevinho, sossegue", mas ôle pegou na cara dela, enterrou no travesseiro, e lhe pondo o joelho no peito, como doía! principiou dando beijos, milhares de beijos, soluçando humildemente ao luar, com o rosto afogado nos seios dela:

-Sou vosso escravo, Rita! Rita! eu morro!

Ela, sorrindo amargurada, enxugava as lágrimas de Estevinho, dormindo no colo dela com aqueles cabelos tão negros, que ela alisava murmurando "Meu filho"!... que bobagem! dona Rita suspirou.

Coçava mansamente o braço nudo, sentindo gostoso de passar assim a mão no braço nudo, dentro da vasta despreocupação. Virava o rosto e via na parede o retrato a crayon de seu quinzinho, feito na cidade e que custara duzentos milréis.

-Ah! tu estás a olhar pra-i-ê, rapariga! Deixa lá que o has de esquecer agora!

Era o seu Silva, do Empório. A mão enorme subiu até o retrato, arrancou-o da parede com formidável violência, agora, então, nem se discutia a formidável violência, arrancava prego e tudo, e seu Silva destruía seu quinzinho com frager. Ficava só com um prodigioso pau da moldura na mão, inteirinho dourado, avançava pra ela e descarregava uma pancada, como de fora! Bem no peito dela, dilacerando. Rasgava todo o vestido e ela estava quase nua, mas era domingo, ninguém passava na rua, quando seu Silva arrancava todos os vestidos dela e dona Rita ficava nua, com o peito dilacerado, doendo muito. "Ah, ah, ah!...", eram os cinco homens examinando entusiasmados o corpo dela que era uma beleza, sem uma ruga e ~~sem~~ sem filhos. Dona Rita alisava o braço nudo quando os cinco homens resolveram brigar por causa dela e os cinco morreram escorrendo muito sangue, ^{(churoso,} que bobagem!... que bobagem!...

Dona Rita chegou a falar alto de tão impaciente, e foi na janela espiar. Logo lembrou que não tinha pôsto pó de arroz, entrou, e depois de se sentir bem agradável no espelho, voltou à janela, não esquecendo a almofadinha rubra ^(pra os) ~~mas~~ cotovelos. D'aí a pouco passou o Estevinho com olheiras de desgastado e saudou. Dona Rita saudou ~~muito~~ muito séria, muito fria. Logo veio passando seu Silva que não tinha licença ~~pra~~ pra cumprimentar. Dona Rita fingiu que nem via. E passaram muitos, muitos. Enquanto estavam longe, dona Rita os devorava com os olhos, mas quando perto, o olhar dela se evolvava ~~pra~~ ^a outras distâncias, sem ver ninguém.

Nisto houve um ~~grande~~ ^(grande) estrondo dentro da casa. Dona Rita virou pra dentro, dando um estrondoso grito. Na rua de após-junta alguns pararam e tres ocasionais transeúntes entraram pelo portãozinho pra vir proteger dona Rita.

-Saíam desta casa, cachorros! sem vergonhas! Puxa daqui! Vá! Cachorros!

-Mecêis pode í, Deus lhi pague. Foi o quadro que caiu com seu Quinzinho, eu mesmo arranjo, Deus lhi pague!

Os homens foram saindo, muito desapontados, dizendo palavrões pra aquela viúva orgulhosa. Dona Rita na sala, por trás da cortina espiando os homens, inda fremia de raiva, deverando com os olhos aqueles tres que ela queria chamar soldado pra serem prêses, polícia não chegava, uma ^{demora grande} ~~grande~~ ~~garana~~, com homens esperando ambulância na frente da casa dela, êles já iam longe, cachorros!...desgraçados...

-Mecê cum êssis rompante, credo!...milhó í si cunfessá pra vê si acarma...

Então Rita se lembrou que eram sete horas, e antes de deitar inda tinha que ler o officio dos defuntos pela ^{~~alma do~~} ~~alma~~ ^{alma-do-pauco-mundo} de seu Quinzinho, estremeceu; credo! Foi fazer a obrigação.

VERSÃO EM EXEMPLAR DE TRABALHO
TRANSCRIÇÃO DIPLOMÁTICA
E ANÁLISE DA ESCRITURA: ETAPAS E RASURAS

HISTORIAS E CONTOS

A VIÚVA POR DE MAIS FIEL A: A VIÚVA POR DE MAIS FIEL/ (1930)

Nota MA: Cruzeta a lápis vermelho

LUIS ANTONIO MARQUES

	Dois annos já que seu Quinzi-	A: Dois *anos* já
	nho morrera, mas dona Rita não	A: Quinzinho * * morrêra []* mas
	queria saber mais de marido. Por	A: marido. *E* o
	isso o caminho della estava se	A: caminho *dela* estava
5	enchendo de tristeza e espaven-	A: de [...] espaventos
	tos. Muito moça, regularmente	A: espaventos. *Ainda* moça, [...] no
	bonita no seu typo brasileiro um	A: no [...] *tipo* brasileiro
	boccado enjoativo, olhos bem se-	A: um *bocado* enjoativo
	renos quasi negros, accentuando	A: serenos *quase* negros, *acentuando* a
10	a palidez extraordinariamente	
	pura e translúcida, ninguem lhe	A: extraordinariamente [...] *translúcida* :
	dava nem os trinta e cinco annos	nem lhe davam
	que já somara. O Pedro Baptista	A ¹ : translúcida *ninguém* lhe *dava* os
		A: cinco *anos já somados*. [...] Pedro *Batista*
	affirmava nas rodas que no ma-	afirmava
	ximo ella teria uns trinta e dois	A: que , no *máximo* ela
15	porque quando a mãe delle ficara	A: máximo *ela* teria
	gravida do Estevinho, é que a	A: dois *porquê* quando a mãe *dêle* ficara
	irmã della viera fazer compa-	A ¹ : grávida *do* Estevinho
	nhia...	A: irmã *dela* viera >fazer companhia>...

- 20 – Ora, mamãe sempre me con- A: Ora |:| mamãe sempre me *contou* que titia
tava que titia foi na festa de ba- A: de *batisado da Rita...
- ptizado de Rita... O Estevinho
agora tem trinta! D. Rita no ma- A: Estevinho >agora> tem trinta |:| *Dona* Rita
ximo tem trinta e dois, isso ga- A: Rita >no máximo> *deve estar chegando nos*
25 ranto eu! Deixe elle que se apai- A: garanto >eu>! Deixe *êle* que
xone por ella, a differença não é A: apaixone por ela, a A¹: apaixone <por ela<, a
grande, não. A: a *diferença* não é grande |:| não.
- O Estevinho andava macambu- A: andava *macambúzio* e não
zio e não gostava que brincassem.
- 30 Só ficou furioso quando a pro- A: furioso <foi< quando; A¹: furioso <mas< foi
fessora, em pleno vigor das vinte A: pleno *viçor* das
e quatro primaveras virgens, ga- A: quatro primaveras virgens, garantiu
rantiu, rindo, que d. Rita já pas- A¹: quatro *virgindades*, garantiu
sava dos quarenta. A: garantiu |:| rindo |:| que *a Rita* já
- de, ouviu! Não lhe perguntei nada, A: ouviu! *não* lhe perguntei nada |:|
- 35 – A senhora não se incommo- A: se *incomode*, ouviu
nem tenho nada com d. Rita! Dei- A: nada! *não* tenho nada com *ela*!
xe essa pobre moça em paz! A: Deixe *a* pobre
- Ué! seu Estevinho, falei só A: Ué |:| seu Estevinho!|:| falei
- 40 por falar, não precisa ficar zan-
gado assim!
- Estava desesperada de raiva e A: raiva |:| e
desistindo por momento de qual- A: desistindo *no* momento
quer pretensão, o desejo era mal-
45 tratar o Estevinho, machucal-o. A: Estevinho |:| [...]§
Continuou:
- Fique sossegado que não piso
mais no seu dedinho! Mas dizer
que ella é “pobre moça”, isso A: que *ella* é

50	não! Nem pobre, nem moça! E é por não ser nada pobre que pa- rece moça para muita gente que se vende por dinheiro!	A: ser [...] pobre A ¹ : moça *pra certa* gente ... §
55	Estevinho já ficara triste outra vez. Mirou a professora com des- prezo e se afastou. Isso a profes- sora inda ficou mais louca. Se ti- vesse um revólver, uma faca ali, suicidava-se com esplendor. Mas 60 não tinha e ficou falando, falan- do, dizendo o diabo do Estevinho que era no minimo um malcria- do, muito semvergonha.	A: ficara *macambúsio* outra A: com *desprêzo* A: afastou. *E* a professora A: professora [...] *ficou dizendo o diabo do Estevinho [...]. § *Enquanto* isso
65	Emquanto isso, os infindáveis lazerres de d. Rita, povoavam-se de Estevinho e muitos Estevinhos mais. Com mais frequencia era o Estevinho que apparecia. Uma noite ella estava deitada já e ha- via um silencio enorme no bair- 70 ro, ninguem podia defendel-a, quando ella sentiu arrombarem a porta violentamente, fazia ques- tão que fosse com grande violen- cia, plão! A porta arreventou e 75 cahiu com estrondo no chão. O Es- tevinho entrou desfigurado: – Rita, não posso mais e que- ro você para mim!	A: os *infindáveis* lazerres A: de *dona* Rita [,] *se povoavam* de A: de *estevinhos* [...].Com A: mais *frequência* era A: que *aparecia*. <Por exemplo, nessa tarde:< Uma A: noite , *ela* já [...] deitada , um B ¹ : noite ella *estaria* deitada já e *era* um A: um *silêncio* [...], A: silêncio, *ninguém pra defendê-la*, quando B ¹ : ninguém *pra* defendel-a A: quando >ella> sentiu A: violentamente , *Fazia* questão B ¹ : violentamente , *Fazia* questão A: com [...] violência A: estrondo *bem no ventre dela*. [...] Estevinho A: Rita ! não posso mais ! quero você *pra* mim!

80	Apertava-a com tanta força que ella nem podia respirar. Ella bem queria dizer, “Estevinho, sosse- gue!”, mas nisto elle pegou na cara della, virou-a no travesseiro,	A: <E< *apertava-a* com tanta *fôrça* que A: que *ela* nem A: respirar. *Bem que ela* queria dizer [,] A: sossegue [,] ”, mas [...] *ê* pegou A: cara *dela*, *enterrou-a* no
85	e pondo-lhe o joelho no peito para segurar melhor, ella já estava morrendo sem ar, deu-lhe um bei- jo, milhares de beijos, soluçando, humildemente com o rosto escondido nos seios della:	A: e *lhe ponto* no peito , <como dóia! Principiou dando< *beijos*, milhares A: soluçando [,] humildemente <ao luar< com A: rosto *afogado* nos seios *dela*:
90	– Rita, sou teu escravo! Eu morro! Eu morro!...	A: – [...] *Sou vosso* escravo, <Rita! Rita<! A: Rita! *eu* morro ! [...]§
	Ella sorrindo amargurada, enxugava as lagrimas do Estevinho,	A: *Ela* , sorrindo A: as *lágrimas* do
95	elle adormecera no collo della, com aquelles cabellos tão crespos, tão bonitos, alisados de mansinho por ela que de quando em quando murmurava: “Meu filho!”	A: Estevinho, *ele* adormecera no *colo dela* [,] A: com *aqueles cabelos* tão *negros*, A: negros, [...], *que ela alisava murmurando*: “Meu filho!”!... [§] [-] Que bobagem! [...] <dona Rita suspirou.<
100	– Que bobagem!...	
	Suspirava. Coçava mansamente o braço nú, sentindo gostoso de passar a mão assim no braço nú, dentro duma vasta despreocupação. Virava o rosto e via na parede o retrato a crayon de seu Quinzinho, feito na cidade e que custara duzentos mil réis.	A: [...] Coçava A: sentindo *gostoso* de A: passar *assim a mão* no braço A: dentro *da* vasta A: a *crayon* de A: duzentos *milréis*.
105	– Ah! tu estás a olhar pra-i-	

110	êle, rapariga! Deixa lá que o has de esquecer agora!	A: has de *isquecer* agora!
	Era o seu Silva, do Emporio. A mão enorme subiu até o retrato, arrancou-o da parede com formi-	A: do *Empório*. A
115	davel violencia, agora então, nem se discutia a maravilhosa violen-	A: formidavel *violência*, agora , então A: a *formidável* violência,
	cia, arrancava prego e tudo, o vi-	A: tudo, [...] e seu
	dro partia com grande estrondo e o seu Silva destruía seu Quinzi-	
120	nho, com fragor. Ficára com um prodigioso pedaço de moldura na	A: Quinzinho [,] com fragor. *Ficava* <só< com A: prodigioso *pau da* moldura
	mão, inteirinho doirado, avançava para ella, erguia o braço e descar-	A: avançava *pra ela*, [...] e A: pancada <, como doía!< bem
125	regava uma pancada bem no pei- to della que se dilacerava. Rasgá-	A: peito *dela* , *dilacerando*. *Rasgava* todo A: vestido e *ela* estava *quase núa*, mas
	ra todo o vestido e ella estava qua-	A: domingo , [...] *ninguém* passava
	si nua, mas era domingo e nin-	
	guem passava na rua, quando seu Silva, com os olhos chispeando	A: Silva [...] [,] arrancava
130	fogo de lubricidade, arrancava to-	
	dos os vestidos della e dona Rita	A: vestidos *dela* e A: ficava *núa*, com o peito *dilacerado* , doendo
	ficava nua, com o peito ensan-	A: “Ah , ah , ah!...”, eram
	guentado doendo muito. “Ah! ah!	A: homens [...] [,] examinando
	ah!...” eram cinco homens, os	
135	cinco examinando admirados o	A: examinando *entusiasmados* o corpo *dela* que A: uma *beleza*, >bem liso> sem uma
	corpo della que era uma beleza,	A: e <ainda< sem
	bem liso sem uma ruga e sem fi-	A: alisava [...] o braço
	lhos. Dona Rita alisava envergo-	A: braço [,] <nú< quando
	nhada a pelle suave do braço,	

- 140 quando os cinco resolveram brigar A: cinco <homens< resolveram
por causa della e os cinco morre- A: causa *dela* e os cinco *morreram* escorrendo
riam escorrendo muito sangue, que A: sangue, que bobagem
A¹: sangue <cheiroso< |,| que bobagem
bobagem!... que bobagem!...
- Dona Rita chegou a falar alto
- 145 de tão impaciente e foi na jane- A: impaciente |,| e foi
la espairecer. Saudou uma vizinha A: espairecer. [...] *Logo lembrou* que *não tinha
posto* pó de arroz
e logo lembrou-se que esquecera de
botar pó de arroz. Entrou de novo, A: arroz |,| *entrou*>de novo>, <e depois de se
sentir< bem agradável <no espelho,< voltou
poz o pó de arroz, sentiu-se bem
- 150 agradável e voltou para a janela, A: voltou *à* janela, <não esquecendo a<
almofadinha <rubra< *pros cotovelos*.
A¹: rubra *pra os* cotovelos*.
com uma almofadinha de seda pro
cotovelo. Dahi a pouco passou o A: cotovelos. *D'af* a pouco passou
Estevinho com olheiras de desgra-
çado e saudou. Dona Rita saudou A: saudou <muito <muito
- 155 muito séria, muito fria. Logo de- A: Logo [...] veio
pois veio passando seu Silva, que A: Silva |[,|] que
não tinha licença nem para cum- A: licença nem *pra* cumprimentar.
A¹: licença *pra* cumprimentar.
primentar. Dona Rita fingiu que
não via. Passavam muitos, retar- A: que *nem* via. <E< *passaram* muitos,
<muitos<. *Enquanto* estavam
- 160 datarios do trabalho, ou que já es-
tavam passeando depois do jan-
tar olhavam todos, e muitos dese-
jaram um olhar pra começar a
pretenção. Enquanto estavam lon-

165	ge, dona Rita olhava-os com avidez, mas quando perto, o olhar dela evolava-se para novas distâncias, sem ver ninguém.	A: Rita *os devorava* com *os olhos*, mas A: olha *dela se esfolava pra novas distâncias*, sem A ¹ : evolava *a* outras A: ver *ninguém*.
170	Nisto houve um grande estrondo do dentro da casa. Dona Rita virou-se pra dentro dando um estrondoso grito. Na rua muitas pessoas pararam e tres homens dedicados entraram pelo portãozinho pra vir proteger dona Rita.	A: um grande estrondo A ¹ : um estrondo #grande# dentro A: dentro , dando A: rua <de após-janta alguns< pararam A: tres <ocasionais transeúntes< entraram
175	– Saíam desta casa, cachorros! Puxa daqui! Vá! – Mecêis póde í, Deus lhe pague! foi o quadro que caiu, eu arranjo, Deus lhe pague.	A: cachorros! <semvergonhas!< Puxa daqui! Vá! <Cachorros!< A: Mecêis *póde* í , Deus *lhi* pague! *Foi* o A: quadro que *caiu* <com seu Quinzinho<, eu A: eu <mêmo< arranjo . Deus *lhi* pague!
180	Os homens foram sahindo muito desapontados, dizendo palavras para aquella viuva orgulhosa. Dona Rita na janela, fremia de raiva, devorando com os olhos aquelles tres que ella queria chamar soldado pra que fossem presos, uma grande demora na frente da casa della esperando a ambulancia de presos, elles já iam longe no escuro, cachorros, desgraçados...	A: foram *saindo* , muito A: palavras *pra aquela viúva* orgulhosa. A: Rita na *sala*, <por trás da cortina espiando os homens; inda< fremia A: olhos *aquêles* tres que *ela* A: pra *serem prêsos*, <polícia não chegava,< uma A: uma # grande demora#, cem homens esperando ambulância na frente da casa dela<, *eles* já A ¹ : uma #demora grande#, cem
190	– Mecê com esses rompantes credo!... Milhó í se confessá pra	A: rompantes , credo!... *milho* í *si* B ¹ : esses *rompante* credo!

195	vê se acalma...	A: vê *si* acarma... B ¹ : se acarma...
	Então Rita se lembrou que já	A: que [...] eram sete horas , e
	eram sete horas e antes de deitar	
	inda tinha de ler o officio dos de-	A: tinha *que* ler o *ofício* dos
	funtos por alma de seu Quinzinho.	A: defuntos *pela alma* de seu A ¹ : defuntos *pela alma-de-outro-mundo* de seu
200	Foi fazer sua obrigação.	A: Quinzinho , <estremeceu; credo!< Foi fazer *a* obrigação. B ¹ : fazer *a* obrigação. B ² : =X=

VERSÃO EM TEXTO APURADO COM ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

A VIÚVA POR DEMAIS FIEL – Luís Antônio Marques [Mário de Andrade]. *Diário Nacional*. História e Contos. São Paulo, 11 de maio de 1930, domingo; [1939?].

Dois anos já que seu Quinzinho morrera, mas dona Rita não queria saber mais de marido. Por isso o caminho dela estava se enchendo de tristezas espaventos. Muito moça, regularmente bonita no seu tipo brasileiro um bocado enjoativo, olhos bem serenos quase negros, acentuando a palidez extraordinariamente pura e translúcida, ninguém lhe dava nem os trinta e cinco anos que já somara. O Pedro Batista afirmava nas rodas que no máximo ela teria uns trinta e dois porque quando a mãe dele ficara grávida do Estevinho, é que a irmã dela viera fazer companhia...

– Ora, mamãe sempre me contava que titia foi na festa de batizado de Rita... O Estevinho agora tem trinta! D. Rita no máximo tem trinta e dois, isso garanto eu! Deixe ele que se apaixone por ela, a diferença não é grande, não.

O Estevinho andava macambúzio e não gostava que brincassem. Só ficou furioso quando a professora, em pleno vigor das vinte e quatro primaveras virgens, garantiu, rindo, que d. Rita já passava dos quarenta.

– A senhora não se incomode, ouviu! Não lhe perguntei nada, nem tenho nada com d. Rita! Deixe essa pobre moça em paz!

– Ué! seu Estevinho, falei só por falar, não precisa ficar zangado assim!

Estava desesperada de raiva e desistindo por momento de qualquer pretensão, o desejo era maltratar o Estevinho, machucá-lo. Continuou:

– Fique sossegado que não piso mais no seu dedinho! Mas dizer que ela é “pobre moça”, isso não! Nem pobre, nem moça! E é por não ser nada pobre que parece moça para muita gente que se vende por dinheiro!

Estevinho já ficara triste outra vez. Mirou a professora com desprezo e se afastou. Isso a professora inda ficou mais louca. Se tivesse um revólver, uma faca ali, suicidava-se com esplendor. Mas não tinha e ficou falando, falando, dizendo o diabo do Estevinho que era no mínimo um malcriado, muito sem-vergonha.

Enquanto isso, os infindáveis lazeres de d. Rita, povoavam-se de Estevinho e muitos Estevinhos mais. Com mais frequência era o Estevinho que aparecia. Uma noite ela estaria deitada já e era um silêncio enorme no bairro, ninguém pra defendê-la, quando ela sentiu arrombarem a porta violentamente. Fazia questão que fosse com grande violência, plão! A porta arrebentou e caiu com estrondo no chão. O Estevinho entrou desfigurado:

– Rita, não posso mais e quero você para mim!

Apertava-a com tanta força que ela nem podia respirar. Ela bem queria dizer, “Estevinho, sossegue!”, mas nisto ele pegou na cara dela, virou-a no travesseiro, e pondo-lhe o joelho no peito para segurar melhor, ela já estava morrendo sem ar, deu-lhe um beijo, milhares de beijos, soluçando, humildemente com o rosto escondido nos seios dela:

– Rita, sou teu escravo! Eu morro! Eu morro!

Ela sorrindo amargurada, enxugava as lágrimas do Estevinho, ele adormecera no colo dela, com aqueles cabelos tão crespos, tão bonitos, alisados de mansinho por ela que de quando em quando murmurava: “Meu filho!”

– Que bobagem!...

Suspirava. Coçava mansamente o braço nu, sentindo gostoso de passar a mão assim no braço nu, dentro duma vasta despreocupação. Virava o rosto e via na parede o retrato a crayon de seu Quinzinho, feito na cidade e que custara duzentos mil réis.

– Ah! tu estás a olhar pra-i-ele, rapariga! Deixa lá que o hás de esquecer agora!

Era o seu Silva, do Empório. A mão enorme subiu até o retrato, arrancou-o da parede com formidável violência, agora então, nem se discutia a maravilhosa violência, arrancava prego e tudo, o vidro partia com grande estrondo e o seu Silva destruía seu Quinzinho, com fragor. Ficara com um prodigioso pedaço de moldura na mão, inteirinho doirado, avançava para ela, erguia o braço e descarregava uma pancada bem no peito dela que se dilacerava. Rasgara todo o vestido e ela estava quase nua, mas era domingo e ninguém passava na rua, quando seu Silva, com os olhos chispeando fogo de lubricidade, arrancava todos os vestidos dela e dona Rita ficava nua, com o peito ensanguentado doendo muito. “Ah! ah! ah!...” eram cinco homens, os cinco examinando admirados o corpo dela que era uma beleza, bem liso sem uma ruga e sem filhos. Dona Rita alisava envergonhada a pele suave do braço, quando os cinco resolveram brigar por

causa dela e os cinco morreriam escorrendo muito sangue, que bobagem!... que bobagem!...

Dona Rita chegou a falar alto de tão impaciente e foi na janela espairecer. Saudou uma vizinha e logo lembrou-se que esquecera de botar pó de arroz. Entrou de novo, pôs o pó de arroz, sentiu-se bem agradável e voltou para a janela, com uma almofadinha de seda pro cotovelo. Daí a pouco passou o Estevinho com olheiras de desgraçado e saudou. Dona Rita saudou muito séria, muito fria. Logo depois veio passando seu Silva, que não tinha licença nem para cumprimentar. Dona Rita fingiu que não via. Passavam muitos, retardatários do trabalho, ou que já estavam passeando depois do jantar olhavam todos, e muitos desejaram um olhar pra começar a pretensão. Enquanto estavam longe, dona Rita olhava-os com avidez, mas quando perto, o olhar dela evolava-se para novas distâncias, sem ver ninguém.

Nisto houve um grande estrondo dentro da casa. Dona Rita virou-se pra dentro dando um estrondoso grito. Na rua muitas pessoas pararam e três homens dedicados entraram pelo portãozinho pra vir proteger dona Rita.

– Saiam desta casa, cachorros! Puxa daqui! Vá!

– Meceis pode í, Deus lhe pague! foi o quadro que caiu, eu arranjo, Deus lhe pague.

Os homens foram saindo muito desapontados, dizendo palavrões para aquela viúva orgulhosa. Dona Rita na janela, fremia de raiva, devorando com os olhos aqueles três que ela queria chamar soldado pra que fossem presos, uma grande demora na frente da casa dela esperando a ambulância de presos, eles já iam longe no escuro, cachorros, desgraçados...

– Mecê com esses rompante credo!... Milhó í se confessá pra vê se acarma...

Então Rita se lembrou que já eram sete horas e antes de deitar inda tinha de ler o ofício dos defuntos por alma de seu Quinzinho. Foi fazer a obrigação.

SERENIDADE

Análise documentária, codicológica e genética:

PINHO, Luiz [ANDRADE, Mário de]. *Serenidade*, 1930, [1939?]. Versão em exemplar de trabalho, resultado da fusão das rasuras a grafite ao texto impresso em duas colunas, recortado da seção Histórias e Contos do *Diário Nacional*; São Paulo, 18 de maio de 1930, domingo; assinatura no final do texto. Recorte colado em folha de papel jornal (32,6 x 21,8 cm), rasgamento na borda esquerda; Notas MA a grafite e a tinta preta; rasuras a grafite e a tinta preta; documento inserido em [1939?] no dossiê do título nº 44, *Contos curtos*, na série Manuscritos Mário de Andrade (MA-MMA-44).

Notas MA:

1. identificação do periódico e aposição de data: “Diário Nacional” (a grafite)/ “18-V-30” (a tinta preta);
2. reconhecimento da autoria: assinatura: “Mario de Andrade”;
3. comentário na margem: “Estas coisas devem ser um/ pouco fáceis demais”.

Rasuras configurando 3 etapas na escritura:

A : versão impressa;

A¹: versão resultante de rasura a grafite;

A²: versão resultante de rasuras a tinta preta.

Nota da edição: A data atestada [1939?] deriva da publicação do conto “Retrato de piá”, cujo título é mudado para “Será o Benedito?”. Ambas as versões, a primeira extraída de *Roteiro*, nº 10, São Paulo, 5 de outubro de 1939, e a segunda, do Suplemento em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*, 2ª quinzena do mesmo mês e ano, estão datadas e rasuradas no recorte, figurando como exemplar de trabalho, no manuscrito *Contos curtos*, o que, além de materializar a escritura dessa obra inacabada em 1939, traz à tona, logicamente, o revisitar de todos os contos.

Tipos de rasura – siglas:

> > acréscimo

* * substituição

18-V-30

HISTORIAS E CONTOS

SERENIDADE

Assim que chegou o domingo, 23 de março, dia em que fazia um anno que a familia do dr. Cypriano Docin não tomava mais café em calice de vinho, como promet-
tera ao grande e pranteado morto, na estrada de Santo Amaro ergueu-se o grão de poeira ás instan-
cias de um redemoinho. Ora esse grão de poeira era justamente o que, dois dias mais tarde, tendo ca-
hido no terreno propicio da agua estagnada de um languido olhar, se transformou na célula viva que, evoluída ao contacto de trezentas condescendências, foi realizar o primeiro ser vivo que originaria a terrível epidemia que assolou S. Paulo em 1926. A essa epide-
mia os medicos chamaram de "morbo láctico", por causa do cientista que lhe rixou o micro-
bio, e a este de "germe de cozi-
nha".

O germe de cozinha era unicel-
lular, solteiro e tinha vagas ten-
dências sociais. A sua cor era um
verde vivo bastante aproximado
da esperança das moças e ao che-
gar nos tres dias da idade o mi-
crobio dava um rapido pulinho de
banda, que seixenta e cinco por-
cento das vezes se realizava para
o lado esquerdo do leitor e pro-
nunciava nitidamente as tres pa-
lavras fataes: "Gazi láo tingo",
o que em lingua de branco signi-
fica "aqui estou".

Ninguém sabia ao certo por que
esse microbio se chamava "germe
de cozinha" mas a realidade é que
o dr. Laet o encontrara pela pri-
meira vez nos alimentos que inge-
ria diariamente uma familia cari-
oca morando numa casa de apar-
tamentos da rua de Santa Iphi-
genia. Desde o momento em que
o dr. Laet percebeu a presença
do bichinho nesses jantares com-
edidos, viveu a passar tormentos
itinerarios da mais dura longani-
midade porque a familia carioca
recebia comida de pensão. E o il-
lustre cientista, por isso, era
obrigado a postar-se todos os dias,
às horas de almoço e de jantar,
junto á porta daquelle pequeno
tugurio da rua da Conceição á es-
pera do pretinho que distribuía as
pansões, dentre as quaes, uma, iria
ser devorada pela familia carioca.

E seguindo com paciência o pre-
to, o dr. Laet depois de muito
circuito e explicações difficeis, de-
vidó á vaga compreensibilidade ce-
rebral do empregado, sempre con-
seguia um naco de lombo de por-
co, um pastel, uma colherada de
arroz, que guardava cuidadosa-
mente na bocca. Então deitava a
correr, tomava o proximo taxi e
disparava em direcção do seu la-
boratorio, onde a comida era es-
tudada por dias a fio no silencio
amigo da paciência. Tendo enfim
descoberto um segundo exemplar
do germe de cozinha num gordu-
roso pedago de carne de vacca en-
sopada, o dr. Laet communicou
imediatamente o caso á policia
que tomou as necessarias provi-
dências e prendeu o preto.

Na cadeia, o preto chorava, fa-
zendo um berreiro medonho e in-
commodando os vizinhos com tan-

ta insistência, que um dia o de-
legado tomou uma resolução ener-
gica e diante de varios subalter-
nos falou:

— O morbo láctico não é uma
epidemia propriamente *em as*
suas consequências podem affectar
o maravilhoso progresso paulista,
soltemos o preso.

Immediatamente os subalternos
correram jubilosos e soltaram o
preto que tinha o nome de Joa-
quim. Nem bem Joaquim autori-
zadamente contemplou de novo a
luz do dia, dirigiu-se á casinha da
rua da Conceição, fez a barba e
foi visitar a Maria com quem en-
tretinha desde muito relações amo-
rosas. Beijou-lhe a face e prcnun-
ciou soturno:

— Vou matar o dr. Laet.

Maria gritou:

— Não faça isso, Joaquim!

Elle disse:

— Faça, e partiu com rapidez.

Meia hora depois estava no labo-
ratorio do dr. Laet. Bateu na por-
ta de vidro, através da qual via o
celebre microbiologista acurvado
sobre uma mesa cheia de vidri-
nhos e retortas e não obtendo res-
posta alguma, entrou sem licença.
Ouvindo ruído por detrás, o dr.
Laet ergueu o busto e saudou ami-
gavelmente Joaquim.

— Venha cá, meu amigo. Quero
lhe descrever o germe de cozinha.

Joaquim aproximou-se. O dr.
Laet continuou:

— Você está vendo este tubo de
vidro?

— Estou, sim senhor.

— Pois bem, aqui reside uma
familia de germes de cozinha.
Oriunda daquelle mesmo individuo
que consegui isolar daquelle gordu-
roso pedago de carne de vacca en-
sopada, hoje essa familia tem no-
venta billhões de descendentes, por-
que na generalidade os vermes se
multiplicam rapidamente. O pa-
triarcha dessa familia já vive apo-
sentado e lá na vida dos micro-
bios elle tem actualmente a oc-
cupação que entre os homens cor-
responde mais ou menos a do in-
dividuo que toca pistão. Os seus
netos, bisnetos, trinets, etc., ve-
neram-no muito e sustentam-no á
custa de varias illusões. Hoje, en-
velhecido e feliz, esse antepassado
já perdeu bastante a primitiva cor
verde e está de um amarello acin-
zentado que causa pena. Todo o
meu interesse é fazel-o voltar ao
verde vivo de danter. Se não con-
seguir, minha carreira está estra-
gada.

E dizendo isso, desatou a cho-
rar perdidamente no hombro de
Joaquim. O negro ficou tomado da
mais profunda commigeração ante
a precariedade do sabio e não dis-
se nada. O dr. Laet enxugou as la-
grimas e voltou a se curvar sobre
a mesa cheia de vidros e retortas.

Joaquim sahio mansamente e foi
de novo se entregar á prisão. E
como agora não fizesse mais tan-
to barulho, o delegado acolheu-o
com bondade e o processo conti-
nuou os tramites legais.

LUIZ PINHO

*Estas coisas devem ser suas
para fazer de tudo*

Bichinho

marmitas

dita

Dr. Quêrel

VERSÃO EM EXEMPLAR DE TRABALHO
TRANSCRIÇÃO DIPLOMÁTICA
E ANÁLISE DA ESCRITURA: ETAPAS E RASURAS

HISTORIAS E CONTOS

SERENIDADE

Assim que chegou o domingo, 23
de março, dia em que fazia um
anno que a família do dr. Cypria-
no Docin não tomava mais café
5 em calice de vinho, como promet-
tera ao grande e pranteado morto,
na estrada de Santo Amaro er-
gueu-se o grão de poeira às instan-
cias de um redamoinho. Ora esse
10 grão de poeira era justamente o
que, dois dias mais tarde, tendo ca-
hido no terreno propicio da agua
estagnada de um languido olhar,
se transformou na cellula viva que,
15 evoluida ao contacto de trezentas
condescendencias, foi realizar o
primeiro sêr vivo que originaria
a terrivel epidemia que assolou
S. Paulo em 1926. A essa epide-
20 mia os medicos chamaram de
“morbo laético”, por causa do
scientista que lhe fixou o micro-
bio, e a este de “germe de cozi-
nha”.

25 O germe de cozinha era unicel-
 lular, solteiro e tinha vagas ten-
 dencias sociaes. A sua côr era um
 verde vivo bastante aproximado
 da esperança das moças e ao che-
 30 gar nos tres dias da idade o mi-
 crobio dava um rapido pulinho de
 banda, que sessenta e cinco por
 cento das vezes se realizava para
 o lado esquerdo do leitor e pro-
 35 nunciava nitidamente as tres pa-
 lavras fataes: “Gazi láo tingo” –
 o que em lingua de branco signi-
 fica “aqui estou”.

Ninguém sabia ao certo por que
 40 esse microbio se chamava “germe
 de cozinha” mas a realidade é que
 o dr. Laet o encontrara pela pri-
 meira vez nos alimentos que inge-
 ria diariamente uma familia ca-
 45 rioca morando numa casa de apar-
 tamentos da rua de Santa Iphi-
 genia. Desde o momento em que
 o dr. Laet percebeu a presença
 do ~~bichinho~~ nesses jantares come-
 50 didos, viveu a passar tormentos
 itinerarios da mais dura longani-
 midade porque a familia carioca
 recebia comida de pensão. E o il-
 lustre cientista por isso, era

A¹: do *bichin’* nesses

55 obrigado a postar-se todos os dias,
às horas de almoço e de jantar,
junto á porta daquelle pequeno
tugurio da rua da Conceição á es-
pera do pretinho que distribuia as
60 pensões, dentre as quaes, uma, iria
ser devorada pela familia carioca.

A²: as *marmitas*, dentre

E seguindo com paciencia o pre-
to, o dr. Laet depois de muito
circuito e explicações difficeis, de-
65 vido á vaga comprehensibilidade ce-
rebral do empregado, sempre con-
seguia um naco de lombo de por-
co, um pastel, uma colherada de
arroz, que guardava cuidadosa-
70 mente na bocca. Então deitava a
correr, tomava o proximo taxi e
disparava em direcção do seu la-
boratorio, onde a comida era es-
tudada por dias a fio no silencio
75 amigo da paciencia. Tendo emfim
descoberto um segundo exemplar
do germe de cozinha num gordu-
roso pedaço de carne de vacca en-
sopada, o dr. Laet communicou
80 immediatamente o caso á policia
que tomou as necessarias provi-
dencias e prendeu o preto.

Na cadeia, o preto chorava, fa-
zendo um berreiro medonho e in-

85 commodando os vizinhos com tanta insistencia, que um dia o delegado tomou uma resolução energica e diante de varios subalternos falou:

90 – O morbo laético não é uma epidemia propriamente nem as suas consequencias podem affectar o maravilhoso progresso paulista, soltemos o preso.

A²: propriamente >dita> nem

95 Immediatamente os subalternos correram jubilosos e soltaram o preto que tinha o nome de Joaquim. Nem bem Joaquim autorizadamente contemplou de novo a luz do dia, dirigiu-se á casinha da rua da Conceição, fez a barba e foi visitar a Maria com quem entretinha desde muito relações amorosas. Beijou-lhe a face e pronunciou soturno:

105 – Vou matar o dr. Laet.

Maria gritou:

– Não faça isso, Joaquim!

Elle disse:

110 – Faço, e partiu com rapidez.

Meia hora depois estava no laboratorio do dr. Laet. Bateu na porta de vidro, através da qual via o celebre microbiologista acurvado

115 sobre uma mesa cheia de vidri-
nhos e retortas e não obtendo res-
posta alguma, entrou sem licença.
Ouvindo ruído por detrás, o dr.
Laet ergueu o busto e saudou ami-
120 gavelmente Joaquim.
– Vem cá, meu amigo. Quero
lhe descrever o germe de cozinha.
Joaquim aproximou-se. O dr.
Laet continuou:
125 – Você está vendo este tubo de
vidro?
– Estou, sim senhor.
– Pois bem, aqui reside uma
família de germes de cozinha.
130 Oriunda daquelle mesmo individuo
que consegui isolar daquelle gordu-
roso pedaço de carne de vacca en-
sopada, hoje essa família tem no-
venta billhões de descendentes, por-
135 que na generalidade os vermes se
multiplicam rapidamente. O pa-
triarcha dessa família já vive apo-
sentado e lá na vida dos micro-
bios elle tem actualmente a oc-
140 cupação que entre os homens cor-
responde mais ou menos a do in-
dividuo que toca pistão. Os seus
netos, bisnetos, trinetos, etc., ve-
neram-no muito e sustentam-no á

145 custa de varias illusões. Hoje, en-
velhecido e feliz, esse antepassado
já perdeu bastante a primitiva côr
verde e está de amarello acin-
zentado que causa pena. Todo o
150 meu interesse é fazel-o voltar ao
verde vivo de dantes. Se não con-
seguir, minha carreira está estra-
gada.

 E dizendo isso, desatou a cho-
155 rar perdidamente no hombro de
Joaquim. O negro ficou tomado da
mais profunda commiseração ante
a precariedade do sabio e não dis-
se nada. O dr. Laet enxugou as la-
160 grimas e voltou a se curvar sobre
a mesa cheia de vidros e retortas.

 Joaquim sahiu mansamente e foi
de novo se entregar á prisão. E
como agora não fizesse mais tan-
165 to barulho, o delegado acolheu-o
com bondade e o processo conti-
nuou os tramites legaes.

LUIZ PINHO

Nota MA a grafite: reconhecimento de
autoria: assinatura “Mario de Andrade”.

VERSÃO EM TEXTO APURADO COM ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

SERENIDADE – Luís Pinho [Mário de Andrade]. *Diário Nacional*. História e Contos. São Paulo, 18 de maio de 1930, domingo; [1939?].

Assim que chegou o domingo, 23 de março, dia em que fazia um ano que a família do dr. Cipriano Docin não tomava mais café em cálice de vinho, como prometera ao grande e pranteado morto, na estrada de Santo Amaro ergueu-se o grão de poeira às instâncias de um redemoinho. Ora esse grão de poeira era justamente o que, dois dias mais tarde, tendo caído no terreno propício da água estagnada de um lânguido olhar, se transformou na célula viva que, evoluída ao contato de trezentas condescendências, foi realizar o primeiro ser vivo que originaria a terrível epidemia que assolou São Paulo em 1926. A essa epidemia os médicos chamaram de “morbo laético”, por causa do cientista que lhe fixou o micróbio, e a este de “germe de cozinha”.

O germe de cozinha era unicelular, solteiro e tinha vagas tendências sociais. A sua cor era um verde vivo bastante aproximado da esperança das moças e ao chegar nos três dias da idade o micróbio dava um rápido pulinho de banda, que sessenta e cinco por cento das vezes se realizava para o lado esquerdo do leitor e pronunciava nitidamente as três palavras fatais: “Gazi láo tingo” – o que em língua de branco significava “aqui estou”.

Ninguém sabia ao certo por que esse micróbio se chamava “germe de cozinha” mas a realidade é que o dr. Laet o encontrara pela primeira vez nos alimentos que ingeria diariamente uma família carioca morando numa casa de apartamentos da rua de Santa Ifigênia. Desde o momento em que o dr. Laet percebeu a presença do bichin’ nesses jantares comidos, viveu a passar tormentos itinerários da mais dura longanimidade porque a família carioca recebia comida de pensão. E o ilustre cientista por isso, era obrigado a postar-se todos os dias, às horas de almoço e de jantar, junto à porta daquele pequeno tugúrio da rua da Conceição à espera do pretinho que distribuía as marmitas, dentre as quais, uma, iria ser devorada pela família carioca.

E seguindo com paciência o preto, o dr. Laet depois de muito circuito e explicações difíceis, devido à vaga compreensibilidade cerebral do empregado, sempre

conseguia um naco de lombo de porco, um pastel, uma colherada de arroz, que guardava cuidadosamente na boca. Então deitava a correr, tomava o próximo táxi e disparava em direção do seu laboratório, onde a comida era estudada por dias a fio no silêncio amigo da paciência. Tendo enfim descoberto um segundo exemplar do germe de cozinha num gorduroso pedaço de carne de vaca ensopada, o dr. Laet comunicou imediatamente o caso à polícia que tomou as necessárias providências e prendeu o preto.

Na cadeia, o preto chorava, fazendo um berreiro medonho e incomodando os vizinhos com tanta insistência, que um dia o delegado tomou uma resolução enérgica e diante de vários subalternos falou:

– O morbo laético não é uma epidemia propriamente dita nem as suas consequências podem afetar o maravilhoso progresso paulista, soltemos o preso.

Imediatamente os subalternos correram jubilosos e soltaram o preto que tinha o nome de Joaquim. Nem bem Joaquim autorizadamente contemplou de novo a luz do dia, dirigiu-se à casinha da rua da Conceição, fez a barba e foi visitar a Maria com quem entretinha desde muito relações amorosas. Beijou-lhe a face e pronunciou soturno:

– Vou matar o dr. Laet.

Maria gritou:

– Não faça isso, Joaquim!

– Faço, e partiu com rapidez.

Meia hora depois estava no laboratório do dr. Laet. Bateu na porta de vidro, através da qual via o célebre microbiologista acurvado sobre uma mesa cheia de vidrinhos e retortas e não obtendo resposta alguma, entrou sem licença. Ouvindo ruído por detrás, o dr. Laet ergueu o busto e saudou amigavelmente Joaquim.

– Vem cá, meu amigo. Quero lhe descrever o germe de cozinha.

Joaquim aproximou-se. O dr. Laet continuou:

– Você está vendo este tubo de vidro?

– Estou, sim senhor.

– Pois bem, aqui reside uma família de germes de cozinha. Oriunda daquele mesmo indivíduo que consegui isolar daquele gorduroso pedaço de carne de vaca ensopada, hoje essa família tem noventa bilhões de descendentes, porque na generalidade os vermes se multiplicam rapidamente. O patriarca dessa família já vive

aposentado e lá na vida dos micróbios ele tem atualmente a ocupação que entre os homens corresponde mais ou menos a do indivíduo que toca pistão. Os seus netos, bisnetos, trinetos, etc., veneram-no muito e sustentam-no à custa de várias ilusões. Hoje, envelhecido e feliz, esse antepassado já perdeu a primitiva cor verde e está amarelo acinzentado que causa pena. Todo o meu interesse é fazê-lo voltar ao verde vivo de dantes. Se não conseguir, minha carreira está estragada.

E dizendo isso, desatou a chorar perdidamente no ombro de Joaquim. O negro ficou tomado da mais profunda comiseração ante a precariedade do sábio e não disse nada. O dr. Laet enxugou as lágrimas e voltou a se curvar sobre a mesa cheia de vidros e retortas.

Joaquim saiu mansamente e foi de novo se entregar à prisão. E como agora não fizesse mais tanto barulho, o delegado acolheu-o com bondade e o processo continuou os trâmites legais.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Divulgar um inédito implica a responsabilidade de descobrir a história e procurar compreender o processo de criação do texto, da escritura, enfim, a partir da materialidade de um manuscrito e de outros elementos que o cercam. Em nossos dias, essa postura exige o estudo detido dos documentos que compõem um manuscrito, organizado como um dossiê. Este procedimento norteou a pesquisa e o produto final dela – a dissertação *O contista Mário de Andrade e seus pseudônimos no Diário Nacional*: edição dos textos. O trabalho de análise dos manuscritos e de edição do texto apurado dos títulos, que recorreu à arquivística, à codicologia e à crítica genética, pode ser visto como uma primeira etapa que se abre para a análise literária dos contos, considerando o estudo comparativo com o conjunto da ficção do autor de “Primeiro de maio”.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE E SOBRE MÁRIO DE ANDRADE

ANDRADE, Mário de. *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*. Edição genética e crítica de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Instituto Moreira Salles/IEB, 1994.

_____. *Os contos de Belazarte*. Edição preparada por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Os filhos da Candinha*. Edição preparada por João Francisco F. Gonçalves. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Obra imatura*. Edição coordenada por Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. *Taxi e crônicas no Diário Nacional*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

_____. *O Turista Aprendiz*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

_____. *Vida literária*. Edição preparada por Sonia Sachs. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1993.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade. Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

OUTROS AUTORES CONSULTADOS

BATISTA, Marta Rossetti et alii. *Brasil; 1º tempo modernista – 1917/1929*. São Paulo: IEB/USP, 1972.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I – Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1971.

CALVINO, Ítalo (Org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC/ Prefeitura do Município de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura, 1985.
- GRÉSILLON, Almuth. *Elementos da crítica genética*. Cristina de Campos (trad). Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Cleonice Paes Barreto Mourão (trad.). Belo Horizonte: Humanitas, 2007.
- MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: IEB/ EDUSP, 2001.
- NÓBREGA, Mello. *Ocultação e disfarce de autoria: do anonimato ao nome literário*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1981.
- RAGO, Luzia Margareth. Imagens da prostituição na Belle époque paulistana. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 1, nº 1, 1993, p. 31-44. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/03112009-103553rago.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.
- SALLES, Cecília de Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.
- TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária: crítica genética, crítica pós-moderna?*. São Paulo: Edusp, 1993.
- ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/ FAPESP, 2002.